

ABSORVER **R** RÚIDOS
LARGAR **R** RASTROS

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Universitária Udesc,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Camargo, Gabriel Villas Bôas
Absorver Ruídos Largar Rastros / Gabriel Villas Bôas
Camargo. -- 2023.
157 p.

Orientador: Maria Raquel da Silva Stolf
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de
Santa Catarina, Centro de Artes, Design e Moda, Programa
de Pós-Graduação em Artes Visuais, Florianópolis, 2023.

1. corpo. 2. espaço. 3. escuta. 4. ruído. 5. rastro. I. da
Silva Stolf, Maria Raquel . II. Universidade do Estado de
Santa Catarina, Centro de Artes, Design e Moda, Programa
de Pós-Graduação em Artes Visuais. III. Título.

GABRIEL VILLAS BOAS CAMARGO

ABSORVER RUÍDOS LARGAR RASTROS

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
do CEART-UDESC para obtenção de título de
Mestre em Artes Visuais, na linha de pesquisa
Processos Artísticos Contemporâneos

Orientadora: Profa. Dra. Maria Raquel da Silva
Stolf

FLORIANÓPOLIS

2023

GABRIEL VILLAS BOAS CAMARGO

ABSORVER RUÍDOS LARGAR RASTROS

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do CEART-UDESC para obtenção de título de Mestre em Artes Visuais, na linha de pesquisa Processos Artísticos Contemporâneos

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Dra. Maria Raquel da Silva Stolf (UDESC)

Membra: Dra. Julia Ancona do Amaral

Suplente: Kamilla Nunes (UDESC)

Membro: Dr. Giuliano Lamberti Obici (UFF)

Suplente: Elaine Nascimento dos Santos (UFSC)

Florianópolis, 28 Julho, 2023

resumo

A presente dissertação consiste em uma pesquisa e produção em artes visuais movida por processos de escuta e escrita, de absorver ruídos e largar rastros. Investiga as possibilidades de relação, de atrito e deslize, entre o contorno do corpo e o espaço do entorno, o deslocamento e o movimento. Sua produção envolve deslocamentos pelo espaço público e busca experimentar relações de continuidade e descontinuidade entre o corpo e território, arte e não-arte, cotidiano e cidade.

Palavras-chave: corpo; espaço; escuta; ruído; rastro.

abstract

This dissertation constitutes a research and production in visual arts driven by processes of listening and writing, of *absorbing noises* and *leaving traces*. It investigates the possibilities of relationship, friction, and slippage between the outline of the body and the surrounding space, displacement, and movement. Its production involves displacements through public space and seeks to experiment with relationships of continuity and discontinuity between the body and territory, art and non-art, everyday life, and the city.

Keywords: body, space, listening, noise, trace.

apresentação

O processo de escutar o espaço do entorno, de perceber o deslocamento no corpo e de me demorar e acompanhar os lugares, aos poucos foi me mostrando possibilidades de uma pesquisa e produção artística que permeia as artes visuais, a dança, a arquitetura/urbanismo e que se dá através das articulações entre contorno do corpo, escuta, deslocamento e espaço do entorno.

Absorver ruídos largar rastros são processos que movimentam essa pesquisa, modos de fazer dessa dissertação, e envolvem proposições de escuta e escrita no/com os espaço utilizando distintas linguagens como desenho, fotografia, performance, entre outros. Através do movimento e de uma *escuta porosa* investigo as possibilidades de um corpo que se impregna de espaço e de um espaço com rastro de um corpo.

Os processos desta pesquisa envolvem deslocamentos pela cidade, acompanhamento de contextos por tempo prolongado e procuram, por meio de proposições artísticas, dialogar com esses contextos experimentando possibilidades de produção e circulação do trabalho de arte no/com espaço público, buscando movimentar relações de continuidade e descontinuidade entre o corpo e território, arte e não-arte, cotidiano e cidade.

A apresentação desta dissertação envolve a criação de uma publicação impressa e um papel de embrulho. O gesto de embrulhar é uma forma de envolver, deslocar e endereçar essa pesquisa artística, experimentando através da publicação possibilidades de abertura e fechamento, situações de sobreposição, permeabilidade e opacidade entre seus processos que são múltiplos e simultâneos.

ia fazer um recorte da pesquisa com a intenção de afunilar um pouco. mas daí eu percebo que pra recortar eu vou precisar abrir e abrindo eu vou perdendo as coisas de vista. um zoom pra fora vai me afastando o espaço e vou entrando em contato com a borda do espaço anterior - ele fica menor e posso perceber os espaços dentro dos espaços - a pele a casa o bairro o que veio antes. um afunilamento ao contrário, uma volta no tempo. ao mesmo tempo, na pele das costas, acontece um mergulho no espaço, um entrando, abrindo, avançando no próximo cômodo - lembrar do caminho com o mapa de memória. um labirinto ou uma espiral. então pra afunilar eu vou precisar abrir; talvez eu me embrulhe um pouco.

sumário

versão digital:

ABSORVER**RR**UÍDOS 14-102

LARGAR**RR**ASTROS 102-147

versão impressa:

ABSORVER**RR**UÍDOS 15-192

LARGAR**RR**ASTROS 193-288

Versão em alta resolução do trabalho em:

www.villasgabriel.com/absorverruídoslargarrastros





LARGARRASTROS

ABSORVERRUIDOS

LARGARRASTROS

SODIUMVERRUÍDOS

ABSORVERRUÍDOS



arranque 29

absorver ruidos 45

acostamento 47

escuta, embrulha, espia 59

parabéns pelo seu dia 66

escapa, rastro, vertigem 75

labareda labirinto 81

registrar o esforço de lembrar 103

queda livre 105

ruido, barulho, silêncio 109

percurso 111

um descompromisso levado à sério 115

absorver ruidos publicação 125

sentir no osso 137

nado cachorrinho 153

embrulhos para presente / embrulhos disponíveis 157

obras 163

trechos 165

aquecimentos 169

coletar curativos

181

como morder um docinho de casca dura e recheio mole

183

lamber a cicatriz

185

arranque

transporte coletivo



coletar curativos

181

como morder um docinho de casca dura e recheio mole

183

lamber a cicatriz

185

arranque



coletar curativos

181

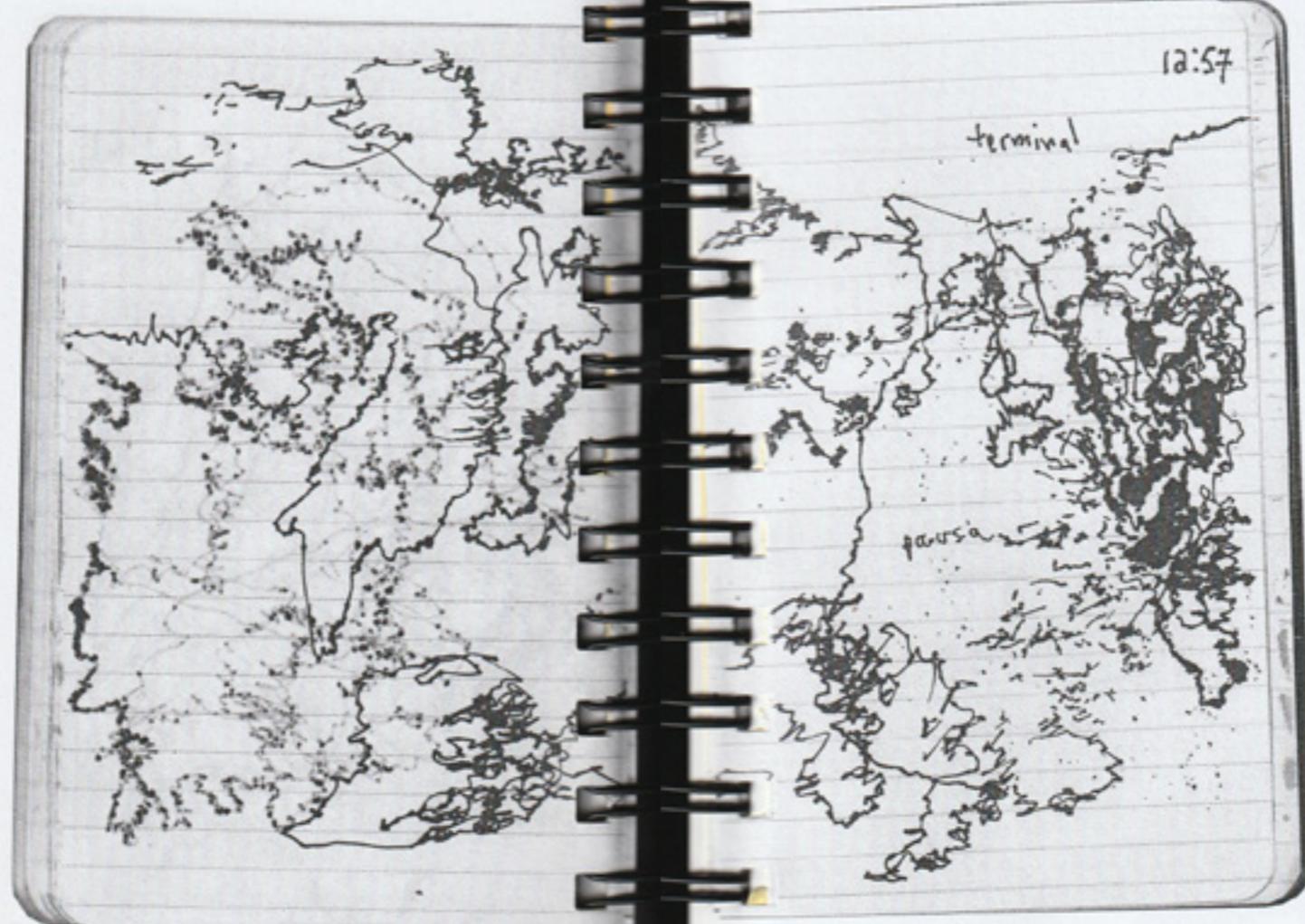
como morder um docinho de casca dura e recheio mole

183

lamber a cicatriz

185

arranque



coletar curativos

181

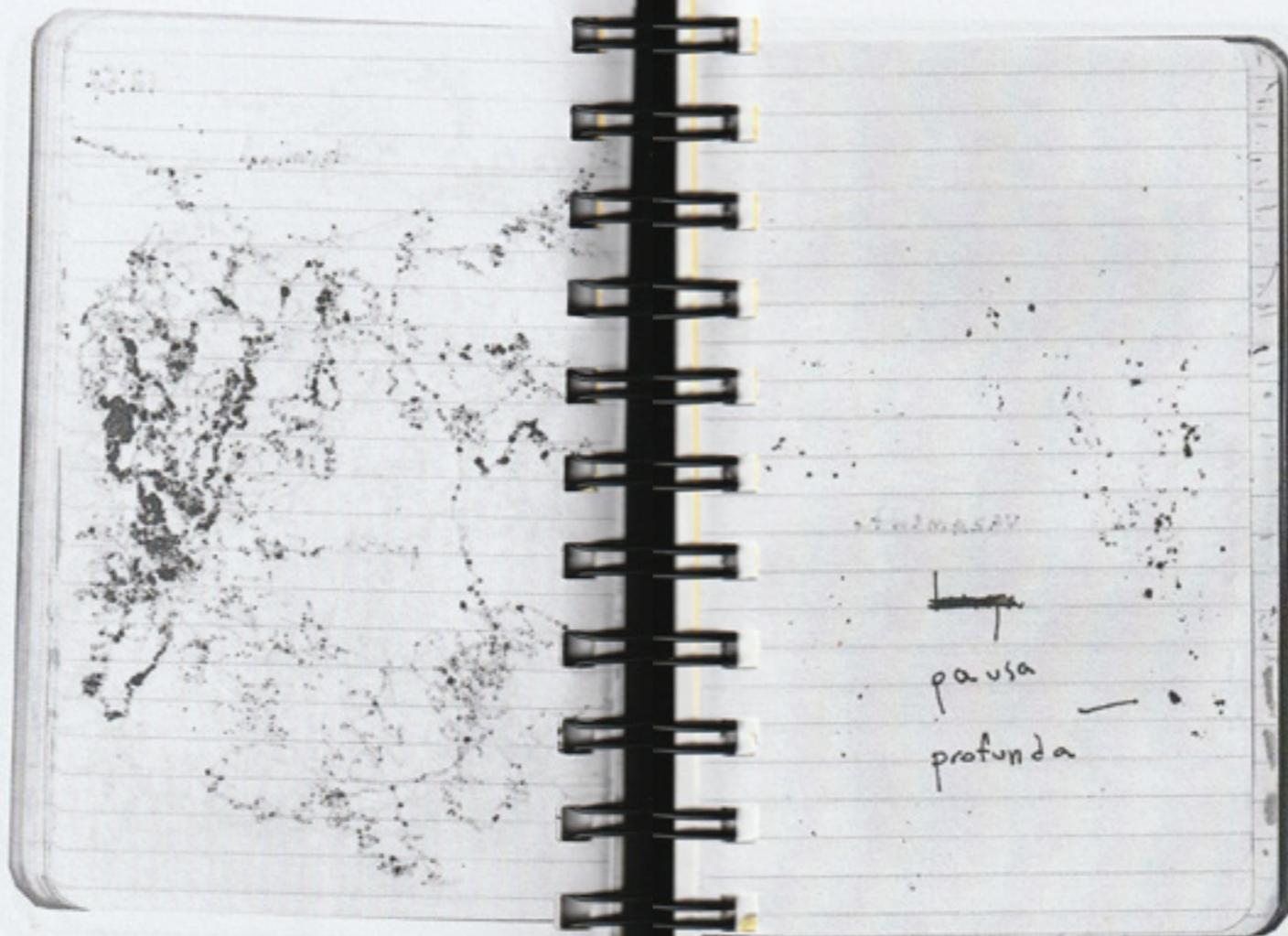
como morder um docinho de casca dura e recheio mole

183

lamber a cicatriz

185

arranque



coletar curativos

181

como morder um docinho de casca dura e recheio mole

183

lamber a cicatriz

185

arranque

vazamento

sobrinhas

coletar curativos

181

como morder um docinho de casca dura e recheio mole

183

lamber a cicatriz

185

arranque

suprindo

Estar disponível para as interferências, pensar o uso que faço delas, como as incorporo ou deixo de incorporar no e pelo desenho. Ajustar o humor, negociar constantemente o quanto estou disposto a ser conduzido e o quanto estou disposto a conduzir. Redimensionar o que eu — acho que — gostaria de desenhar já que as interferências são inevitáveis. Desenhar dentro do ônibus em movimento deforma o entorno de dentro e, às vezes, dá embrulho no estômago - aproveitar a vertigem e evitar o refluxo.

Reorganizar constantemente as estruturas (óssea/muscular) do corpo. Trazer os ruídos de fundo pra frente. Decidir por quais apoios, quinas e encontros passam os ruídos, selecionar, editar, interpretar e transcrever pro papel. Deixar o rio passar. Palma da mão e cotovelos: apoiar o osso, soltar o músculo, abrir espaço para indefinições de contorno - descansar na pele das costas, cérebro macio.

Investigar formas de transferir cento e vinte quilômetros por hora para a ponta de uma nanquim de um milímetro de espessura. Considerar que os ruídos seguem ressoando depois do desenho e que, às vezes, eles só o atravessam. Rebobinar a caminhada, devolver todos os passos. Desenhar em deslocamento deforma o contorno do corpo - largar e carcar a mão.

Perceber pessoas tentando identificar o que estou desenhando. A moça sentada ao lado pede a caneta emprestada a outra abre uma marmita de arroz e depois abre um livro. Alguém esbarra no meu braço e pede desculpas. Um senhor acompanha o caminho dos meus olhos na paisagem. O ruído do ônibus embala o sono, ou o desenho, de alguém. O músico me usa pra fazer uma rima "Olha aqui o amigo, parece que é artista, mas pra desenhar dentro do ônibus tem que ser malabarista".

Alcançar o espaço do entorno, a paisagem. O que está mais perto tende a se deslocar mais rápido e o que está mais longe mais devagar. Incorporar as distâncias e seus embaralhamentos. No deslocamento tudo escapa o tempo todo. Desistir de fechar figuras, saltar de um poste para uma montanha, de uma janela para um

"com licença moço", do detalhe de um parafuso para um letreiro. Um homem sobe no ônibus errado e desce no ponto seguinte. Sobrepor o ponto de partida com o ponto de chegada e tudo o que fica entre os dois. Desenhar em deslocamento deforma o entorno de fora - saltar próximo e saltar longe, não perder o ponto (nem subir no ônibus errado).

absorver ruídos

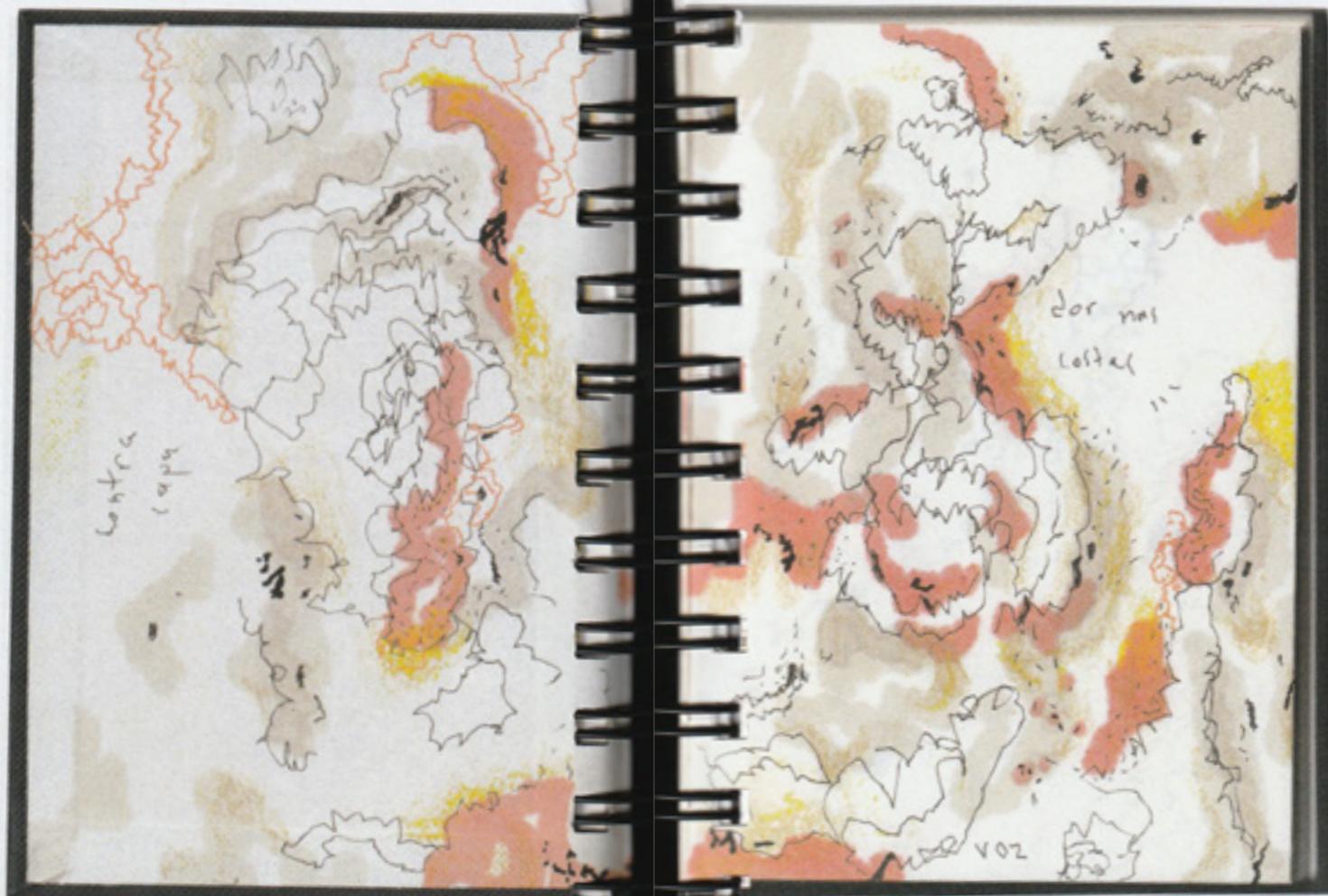
O primeiro desenho que fiz dentro de um ônibus em movimento (e que me lembro) foi em 2012, em um caderninho de bolso durante uma viagem de São Paulo para Campinas. A estrada era plana, o ônibus era novo e tremia pouco. Era o suficiente para conseguir desenhar o que eu queria. Mesmo assim, lembro da vibração do ônibus interferindo sutilmente no desenho, tremendo e deformando a linha. Em algum momento, essas interferências (ruídos do movimento, rastros de um deslocamento) começaram a me interessar tanto quanto o desenho

qual me proponho
mentos cotidianos.
dentro do ônibus,
parcação e a pé. É
ta e escrita do/com
do corpo aos ruídos

ção individual, "Um
grupo da família um
e minha madrinha
um desenho que eu
ela diz "ele absorve

desenho, e alguns
dos durante meus
como em outras
rme; em lugares de
s da vida cotidiana
uma multiplicidade
o preenchidos em
caderninhos antigos

"com licença moço", do detalhe de um parafuso para um letreiro. Um homem sobe no ônibus errado e desce no ponto seguinte. Sobrepor o ponto de partida com o ponto de chegada e tudo o que fica entre os dois. Desenhar em deslocamento deforma o entorno de fora - saltar próximo e saltar longe, não perder o ponto (nem subir no ônibus errado).



absorver ruídos

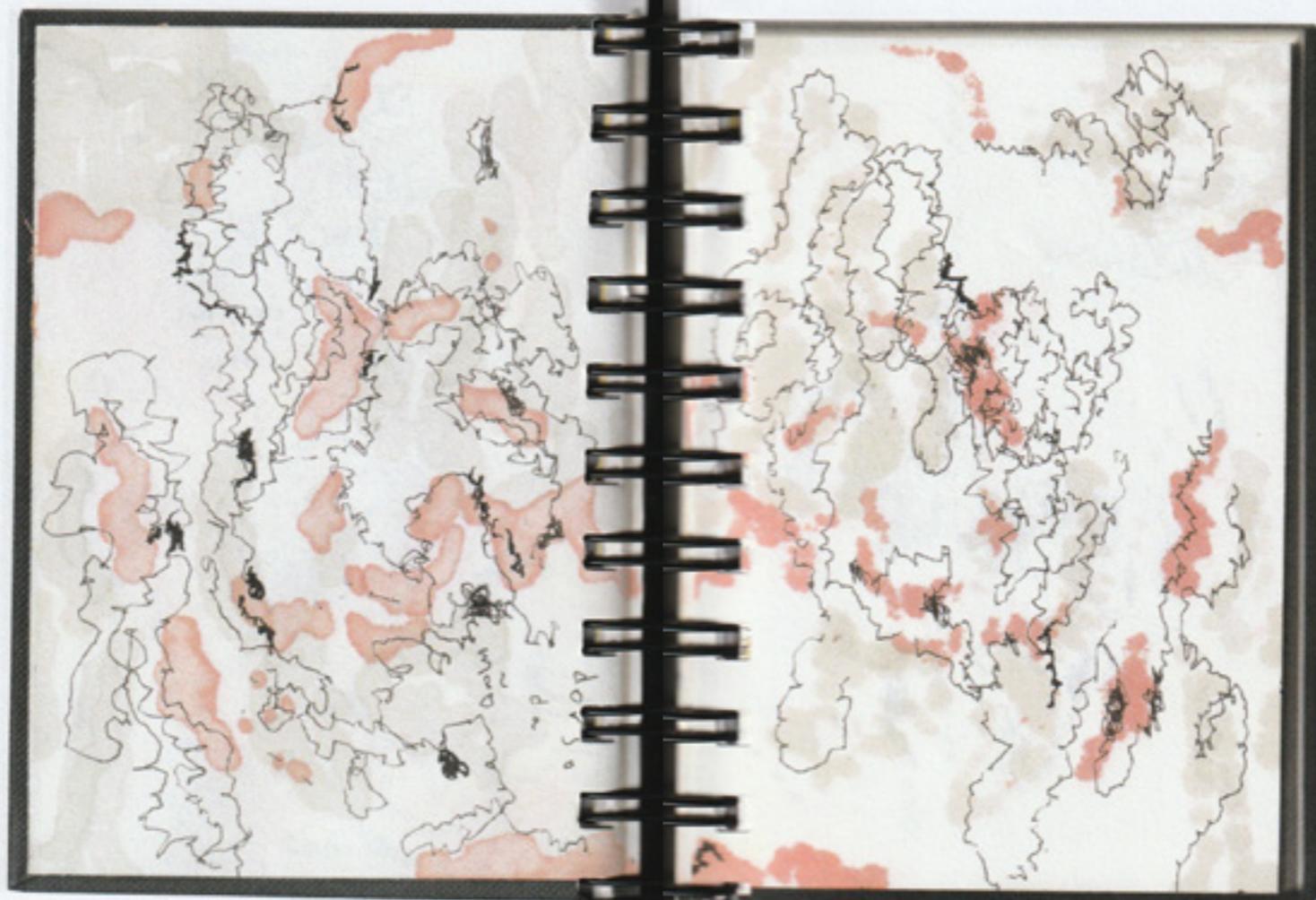
O primeiro desenho que fiz dentro de um ônibus em movimento (e que me lembro) foi em 2012, em um caderninho de bolso durante uma viagem de São Paulo para Campinas. A estrada era plana, o ônibus era novo e tremia pouco. Era o suficiente para conseguir desenhar o que eu queria. Mesmo assim, lembro da vibração do ônibus interferindo sutilmente no desenho, tremendo e deformando a linha. Em algum momento, essas interferências (ruídos do movimento, rastros de um deslocamento) começaram a me interessar tanto quanto o desenho

qual me proponho
mentos cotidianos.
e dentro do ônibus,
barcação e a pé. É
ta e escrita do/com
do corpo aos ruídos

ição individual, "Um
grupo da família um
o e minha madrinha
um desenho que eu
ela diz "ele absorve

e desenho, e alguns
idos durante meus
como em outras
firme; em lugares de
ps da vida cotidiana
uma multiplicidade
ão preenchidos em
caderninhos antigos

"com licença moço", do detalhe de um parafuso para um letreiro. Um homem sobe no ônibus errado e desce no ponto seguinte. Sobrepor o ponto de partida com o ponto de chegada e tudo o que fica entre os dois. Desenhar em deslocamento deforma o entorno de fora - saltar próximo e saltar longe, não perder o ponto (nem subir no ônibus errado).



absorver ruídos

O primeiro desenho que fiz dentro de um ônibus em movimento (e que me lembro) foi em 2012, em um caderninho de bolso durante uma viagem de São Paulo para Campinas. A estrada era plana, o ônibus era novo e tremia pouco. Era o suficiente para conseguir desenhar o que eu queria. Mesmo assim, lembro da vibração do ônibus interferindo sutilmente no desenho, tremendo e deformando a linha. Em algum momento, essas interferências (ruídos do movimento, rastros de um deslocamento) começaram a me interessar tanto quanto o desenho

qual me proponho
mentos cotidianos.
dentro do ônibus,
parcação e a pé. É
ta e escrita do/com
do corpo aos ruídos

ção individual, "Um
grupo da família um
e minha madrinha
um desenho que eu
ela diz "ele absorve

e desenho, e alguns
idos durante meus
como em outras
firme; em lugares de
s da vida cotidiana
uma multiplicidade
ão preenchidos em
caderninhos antigos

"com licença moço", do detalhe de um parafuso para um letreiro. Um homem sobe no ônibus errado e desce no ponto seguinte. Sobrepor o ponto de partida com o ponto de chegada e tudo o que fica entre os dois. Desenhar em deslocamento deforma o entorno de fora - saltar próximo e saltar longe, não perder o ponto (nem subir no ônibus errado).

absorver ruídos

O primeiro desenho que fiz dentro de um ônibus em movimento (e que me lembro) foi em 2012, em um caderninho de bolso durante uma viagem de São Paulo para Campinas. A estrada era plana, o ônibus era novo e tremia pouco. Era o suficiente para conseguir desenhar o que eu queria. Mesmo assim, lembro da vibração do ônibus interferindo sutilmente no desenho, tremendo e deformando a linha. Em algum momento, essas interferências (ruídos do movimento, rastros de um deslocamento) começaram a me interessar tanto quanto o desenho



qual me proponho
entos cotidianos.
dentro do ônibus,
marcação e a pé. É
a e escrita do/com
o corpo aos ruídos

ção individual, "Um
rupu da família um
e minha madrinha
um desenho que eu
ela diz "ele absorve

o desenho, e alguns
idos durante meus
como em outras
firme; em lugares de
s da vida cotidiana
uma multiplicidade
ão preenchidos em
caderninhos antigos

"com licença moço", do detalhe de um parafuso para um letreiro. Um homem sobe no ônibus errado e desce no ponto seguinte. Sobrepor o ponto de partida com o ponto de chegada e tudo o que fica entre os dois. Desenhar em deslocamento deforma o entorno de fora - saltar próximo e saltar longe, não perder o ponto (nem subir no ônibus errado).

absorver ruídos

O primeiro desenho que fiz dentro de um ônibus em movimento (e que me lembro) foi em 2012, em um caderninho de bolso durante uma viagem de São Paulo para Campinas. A estrada era plana, o ônibus era novo e tremia pouco. Era o suficiente para conseguir desenhar o que eu queria. Mesmo assim, lembro da vibração do ônibus interferindo sutilmente no desenho, tremendo e deformando a linha. Em algum momento, essas interferências (ruídos do movimento, rastros de um deslocamento) começaram a me interessar tanto quanto o desenho



qual me proponho
mentos cotidianos.
dentro do ônibus,
parcação e a pé. É
a e escrita do/com
o corpo aos ruídos

ção individual, "Um
tupo da família um
e minha madrinha
m desenho que eu
ela diz "ele absorve

desenho, e alguns
dos durante meus
como em outras
irme; em lugares de
s da vida cotidiana
uma multiplicidade
ão preenchidos em
caderninhos antigos

"com licença moço", do detalhe de um parafuso para um letreiro. Um homem sobe no ônibus errado e desce no ponto seguinte. Sobrepor o ponto de partida com o ponto de chegada e tudo o que fica entre os dois. Desenhar em deslocamento deforma o entorno de fora - saltar próximo e saltar longe, não perder o ponto (nem subir no ônibus errado).

absorver ruídos

O primeiro desenho que fiz dentro de um ônibus em movimento (e que me lembro) foi em 2012, em um caderninho de bolso durante uma viagem de São Paulo para Campinas. A estrada era plana, o ônibus era novo e tremia pouco. Era o suficiente para conseguir desenhar o que eu queria. Mesmo assim, lembro da vibração do ônibus interferindo sutilmente no desenho, tremendo e deformando a linha. Em algum momento, essas interferências (ruídos do movimento, rastros de um deslocamento) começaram a me interessar tanto quanto o desenho



qual me proponho
mentos cotidianos.
e dentro do ônibus,
parcação e a pé. É
ta e escrita do/com
to corpo aos ruídos

ção individual, "Um
grupo da família um
e minha madrinha
um desenho que eu
ela diz "ele absorve

desenho, e alguns
dos durante meus
como em outras
irme; em lugares de
s da vida cotidiana
uma multiplicidade
ão preenchidos em
caderninhos antigos

"com licença moço", do detalhe de um parafuso para um letreiro. Um homem sobe no ônibus errado e desce no ponto seguinte. Sobrepor o ponto de partida com o ponto de chegada e tudo o que fica entre os dois. Desenhar em deslocamento deforma o entorno de fora - saltar próximo e saltar longe, não perder o ponto (nem subir no ônibus errado).



absorver ruídos

O primeiro desenho que fiz dentro de um ônibus em movimento (e que me lembro) foi em 2012, em um caderninho de bolso durante uma viagem de São Paulo para Campinas. A estrada era plana, o ônibus era novo e tremia pouco. Era o suficiente para conseguir desenhar o que eu queria. Mesmo assim, lembro da vibração do ônibus interferindo sutilmente no desenho, tremendo e deformando a linha. Em algum momento, essas interferências (ruídos do movimento, rastros de um deslocamento) começaram a me interessar tanto quanto o desenho que pretendia desenhar inicialmente.

Absorver ruídos é uma proposição artística na qual me proponho a desenhar durante meus trajetos/deslocamentos cotidianos. Predominantemente em caderninhos de bolso e dentro do ônibus, mas eventualmente em metrô, carro, avião, embarcação e a pé. É uma proposição que envolve processos de escuta e escrita do/com espaço, nos quais busco disponibilizar a *escuta do corpo* aos ruídos do entorno por meio do desenhar.

Em 2019, na ocasião da minha primeira exposição individual, "Um descompromisso levado à sério" publiquei no grupo da família um convite. Alguns parentes perguntaram do título e minha madrinha Malu enviou um áudio no grupo contando sobre um desenho que eu havia feito no carro. Em algum momento do áudio ela diz "ele absorve o ruído".

Atualmente, tenho cerca de 20 caderninhos de desenho, e alguns maiores, que foram, mais ou menos, preenchidos durante meus deslocamentos em transporte público, bem como em outras situações e contextos: desenhos feitos em terra firme; em lugares de espera; entre terminais e paradas com respingos da vida cotidiana e dos exames de rotina (*coletar curativos*) - uma multiplicidade que ocupa um mesmo espaço. Os cadernos são preenchidos em momentos dispersos, frequentemente volto em caderninhos antigos

para preencher as folhas que restaram em branco e costumo usar mais de um caderninho ao mesmo tempo.

Venho investigando o ruído enquanto interferência/atrito/vibração (sonoros ou não) que através do labirinto do ouvido é escutado por todo corpo. Absorver ruídos dialoga com uma proposição de *escuta porosa*, investigando possibilidades de registro/rastro do movimento, experimentando relações entre ruído e barulho, escutar e embrulhar.

Absorver ruído é uma prática artística em desenho, mas também uma proposição de escuta relacionada à percepção de um entorno em movimento. Ela se prolonga na produção de desenhos que se desdobram na produção de publicações, embrulhos, exposições e oficinas.

Nessa dissertação, no capítulo percurso, apresento alguns trabalhos já desenvolvidos como a exposição 'Um Descompromisso Levado a Sério' (2019), a publicação 'Absorver Ruídos' (2020) e a publicação 'Embrulhos Disponíveis' (2020). Já no capítulo obra, apresento dois trabalhos que estão em processo (ou acontecendo agora). A coleção de publicações 'trechos' (2023) reúne - e espalha por essa dissertação - pequenos trechos dos últimos três caderninhos. E a publicação sonora 'aquecimentos - piloto' (2023) veicula um conjunto de exercícios de desenho e proposições de escuta a serem realizados durante deslocamentos dentro do ônibus.

A questões que observo na abordagem de uma escuta do corpo que se disponibiliza aos ruídos do entorno estão presentes nas proposições de absorver ruídos mas também em outros trabalhos, em outras linguagens e suportes, como um modo de presença em situações de *escapamentos*, que se relaciona com a minha maneira de escutar o corpo: me situar e posicionar nos lugares, ainda que provisoriamente.

acostamento¹



para preencher as folhas que restaram em branco e costumo usar mais de um caderninho ao mesmo tempo.

Venho investigando o ruído enquanto interferência/atrito/vibração (sonoros ou não) que através do labirinto do ouvido é escutado por todo corpo. Absorver ruídos dialoga com uma proposição de *escuta porosa*, investigando possibilidades de registro/rastro do movimento, experimentando relações entre ruído e barulho, escutar e embrulhar.

Absorver ruído é uma prática artística em desenho, mas também uma proposição de escuta relacionada à percepção de um entorno em movimento. Ela se prolonga na produção de desenhos que se desdobram na produção de publicações, embrulhos, exposições e oficinas.

Nessa dissertação já desenvolvidos com 'Sério' (2019), a publicação 'Embrulhos' e dois trabalhos que A coleção de publicações dessa dissertação - E a publicação so conjunto de exercícios realizados durante

A questões que o que se disponibiliz proposições de absorção em outras linguagem situações de *escuta*, de escutar o corpo provisoriamente.

acostamento¹



para preencher as folhas que restaram em branco e costumo usar mais de um caderninho ao mesmo tempo.

Venho investigando o ruído enquanto interferência/atrito/vibração (sonoros ou não) que através do labirinto do ouvido é escutado por todo corpo. Absorver ruídos dialoga com uma proposição de *escuta porosa*, investigando possibilidades de registro/rastro do movimento, experimentando relações entre ruído e barulho, escutar e embrulhar.

Absorver ruído é uma prática artística em desenho, mas também uma proposição de escuta relacionada à percepção de um entorno em movimento. Ela se prolonga na produção de desenhos que se desdobram na produção de publicações, embrulhos, exposições e oficinas.

Nessa dissertação já desenvolvidos c
Sério' (2019), a pu
'Embrulhos Dispo
dois trabalhos qu
A coleção de pub
essa dissertação -
E a publicação sc
conjunto de exercí
realizados durante

A questões que ol
que se disponibiliz
proposições de ab
em outras language
situações de escap
de escutar o corpo
provisoriamente.



acostamento¹

¹ escapa, rastro, vertigem
parabéns pelo seu dia
escapa, rastro, vertigem
labareda labirinto
ruído barulho silêncio

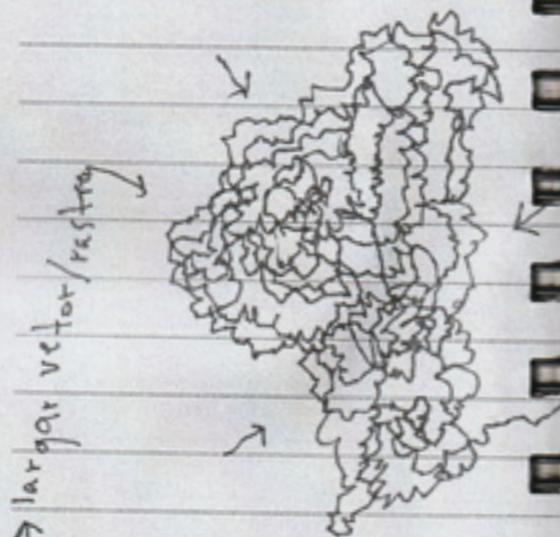
Costamento

Costamento is a small town in the north of Costa Rica, known for its beautiful beaches and lush tropical forest. It is a popular destination for tourists looking for a peaceful and scenic vacation spot. The town is surrounded by dense rainforest and offers a variety of outdoor activities, including hiking, birdwatching, and beachcombing. The local economy is primarily based on tourism and agriculture, with many residents working in the service industry or as small business owners. The climate is warm and humid, typical of the Caribbean coast of Costa Rica.

Costamento is a small town in the north of Costa Rica, known for its beautiful beaches and lush tropical forest. It is a popular destination for tourists looking for a peaceful and scenic vacation spot. The town is surrounded by dense rainforest and offers a variety of outdoor activities, including hiking, birdwatching, and beachcombing. The local economy is primarily based on tourism and agriculture, with many residents working in the service industry or as small business owners. The climate is warm and humid, typical of the Caribbean coast of Costa Rica.

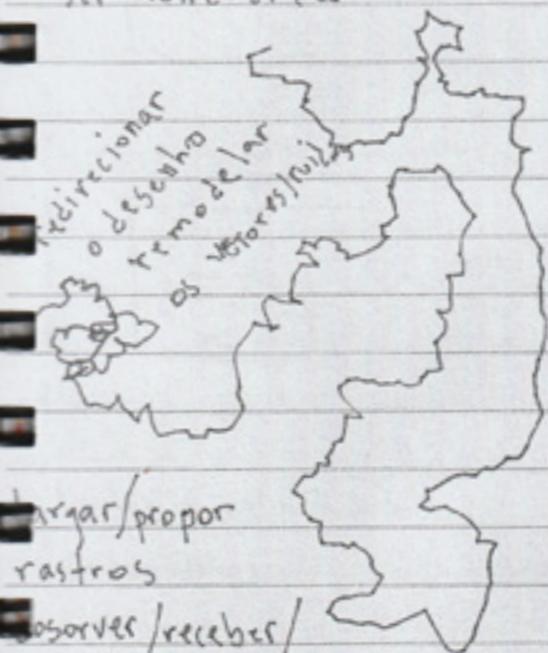
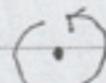


qualidade
de contorno



largar vetor/rastro
propor e
absolver vetores (ruídos)

uma escuta que busca
conduzir e
ser conduzida



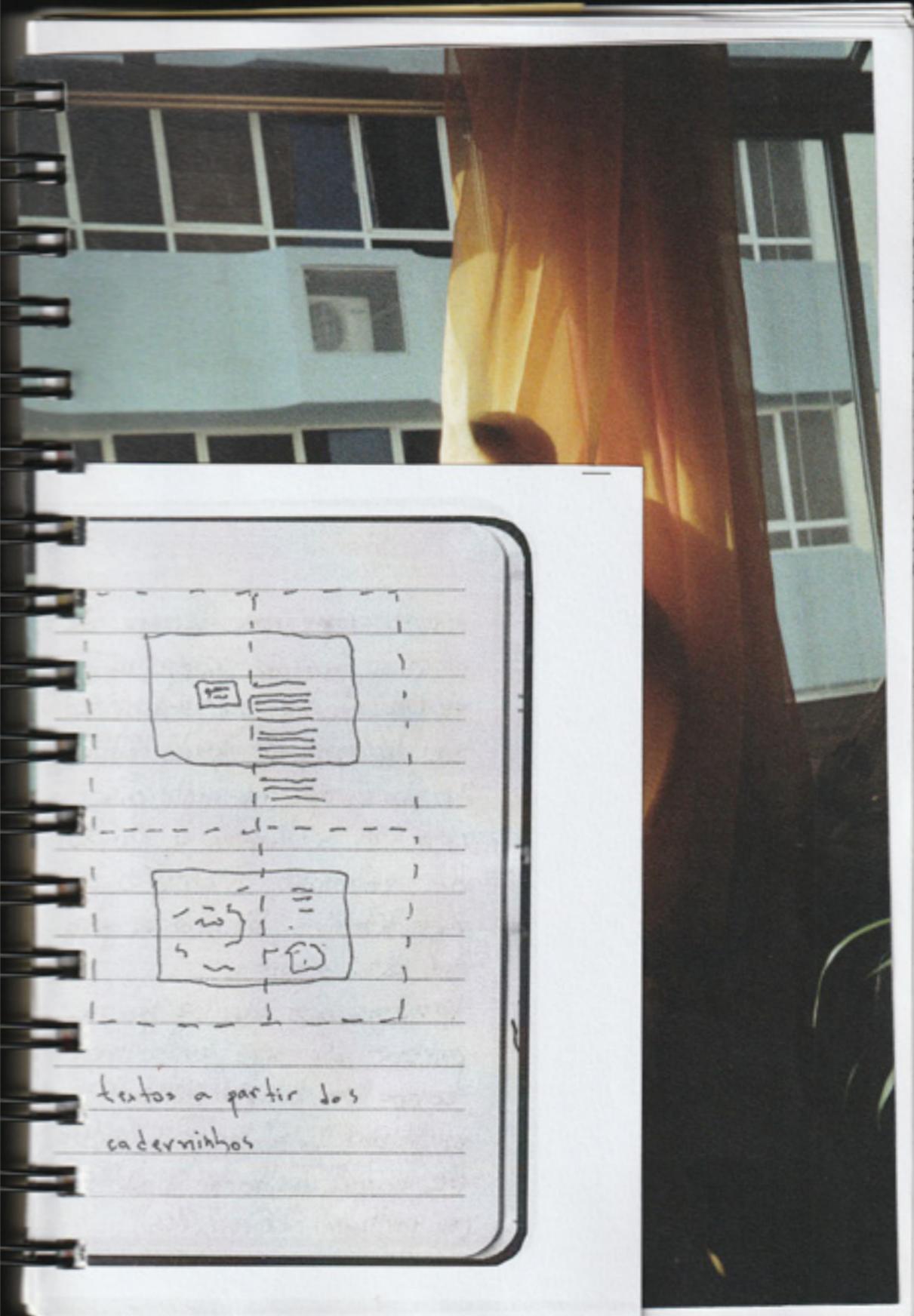
largar/propor
rastros
absolver/receber/
atender ruídos

acostumbramento

Faint, illegible text on the left page, likely bleed-through from the reverse side.

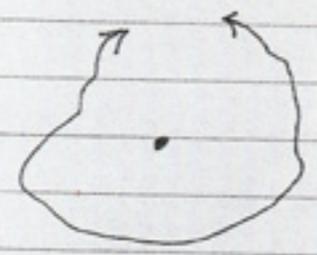
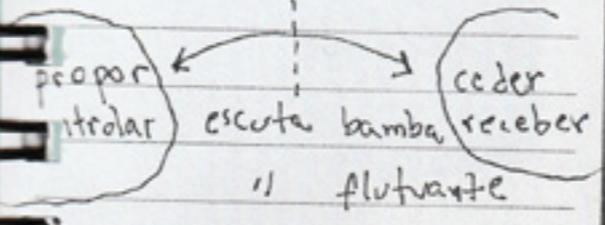
The right page contains two hand-drawn diagrams within a dashed rectangular frame. The top diagram shows a central vertical line with horizontal bars extending from it, resembling a stylized 'E' or a diagram of a component. To its left is a small square containing the number '17'. The bottom diagram is more complex, featuring a central vertical line, a small circle on the left, and several horizontal lines and dots on the right, possibly representing a circuit or a specific data set.

textos a partir dos
caderninhos

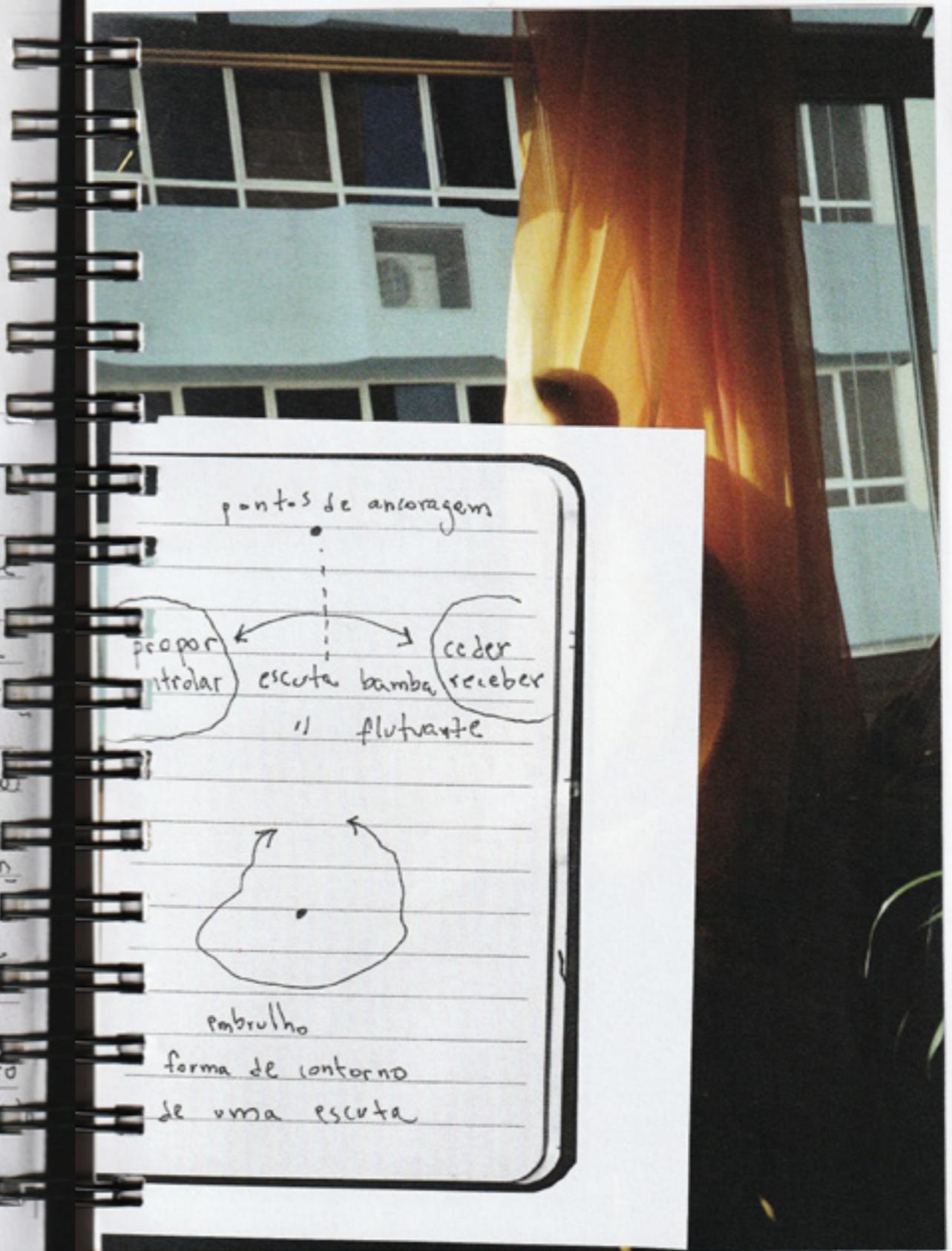


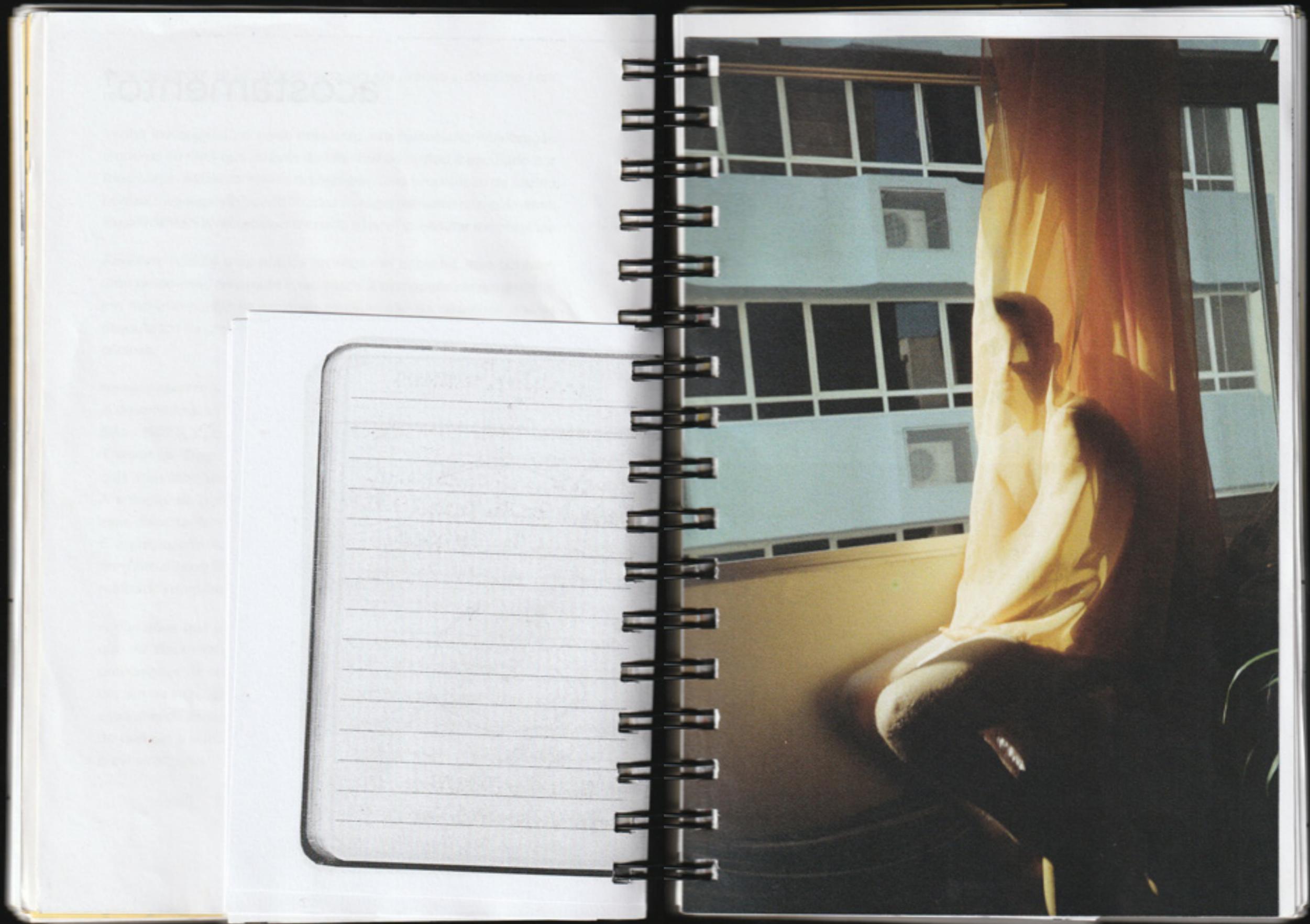
escuta como uma forma de percepção do corpo no espaço. de perceber e se localizar pelo labirinto do corpo, na relação com os vetores e ruído do entorno, direções, equilíbrios, fluxos e pontos de apoio. localização do corpo a partir do seu entorno corpo em deslocamento, múltiplas localizações, rastro de corpo, contorno indefinido (ou múltiplas definições)

pontos de ancoragem



embrulho
forma de contorno de uma escuta







escuta, embrulha, espia

Comecei a me interessar pela dança quando passei a assistir e participar das aulas de dança de salão da minha mãe, Teresa, quando tinha 17 anos. Passamos a frequentar bailes de tango, festivais, workshops e ocasionalmente apresentamos alguma coreografia juntos. Desde então segui pesquisando movimento também através da dança Mandengue (oeste africano) com o coletivo Abayomi e da dança contemporânea através de aulas e também de residências artísticas, com a companhia improvável produções, grupo meio e grupo cena 11.

No contexto das práticas em dança, a palavra escuta geralmente vinha acompanhada do corpo: escuta do corpo. Através da dança, pesquisei a escuta em um sentido sonoro e rítmico, mas também em um sentido amplo. Abrir a "escuta do corpo", por exemplo, não significa necessariamente prestar atenção em uma paisagem sonora, um som específico, mas pode envolver um processo de percepção do corpo no espaço (e do espaço que o corpo ocupa) que o disponibiliza ao movimento e ao momento presente - algo de conhecimento presentifica no corpo e que, muitas vezes, parece anteceder o pensamento.

A palavra "presente" está relacionada com a ideia de estar presente, diante de algo ou alguém e também ao momento do aqui/agora. A palavra "presentear" tem origem no latim "praesentare", derivado de "praesens", que significa "estar presente" ou "estar à mão". Presentear indica a ação de oferecer algo, de dar um presente ou uma lembrança como gesto simbólico de estar presente na vida de alguém através de um objeto material.

Pode ser que quando o presente em si não é tão significativo, o que realmente importa é a intenção por trás dele. Nesse caso, talvez o próprio ato de embrulhar o presente e entregá-lo possa ser o gesto da intenção, que pode ser mais importante do que o conteúdo em

si. Se alguém vai a uma festa de aniversário e não leva um presente, por exemplo, o que realmente conta é a presença? Estar à escuta, de corpo presente ou com um estado de presença em um espaço (festa de aniversário, ou não) poderia ser uma forma de se embrulhar e intencionar para o momento presente? Um gesto de endereçamento ou disponibilidade para um contexto?

Durante uma fala¹ de Daniel Leão sobre o trabalho de Guilherme Vaz anotei o título de um de seus trabalhos "o corpo é o segredo". Depois, quando fui pesquisar mais sobre, percebi que havia escutado/escrito errado. "O segredo está no corpo" era a forma correta. Fiquei pensando no que implicava a minha confusão. Talvez eu estivesse imaginando um corpo enigma, embrulhado pra presente ou mesmo escondido, envolvido por um segredo.

Li no livro à escuta de Jean Luc Nancy que "Depois de ter designado uma pessoa que escuta (que espia), a palavra <<écoute>> [<<escuta>>] designou um lugar a partir de onde se escuta em segredo. <<Estar à escuta>> consistiu primeiramente em estar colocado num lugar escondido de onde pode surpreender-se uma conversação ou uma confissão" (NANCY, 2014, p. 15). Um corpo embrulhado para o momento presente pode ser um corpo à escuta: que se esconde com intenção de descobrir.

Disponibilizar/abrir a *escuta do corpo* pode ser movimentar um embrulho que flutua, reveste e atravessa o corpo: meio aberto, meio fechado, meio fechando, meio abrindo - uma borda e margem que nos coloca em relação de atrito, deslize e descoberta com espaço do entorno. Jean Luc Nancy escreve sobre estar à escuta como um lugar de borda ou franja à beira do sentido das coisas "escutar é estar inclinado para um sentido possível, e conseqüentemente não imediatamente acessível" (NANCY, 2014, p.17).

Percebemos o espaço, então, dessa zona fronteira, que procura dar sentido e algo de contorno para o espaço que nos rodeia. Raquel Stolf

¹ Numa das aulas do seminário de Investigações sob(re) proposições sonoras, de Raquel Stolf, no PPGAV/UDESC

colabora com a ideia de uma escuta que fica na borda do sentido abordar a proposição de uma *escuta porosa* como "uma escuta estremecida que percebe e reinventa variações entre barulho, ruído e rumor. Uma *escuta porosa* pode acontecer como travessia e como um canal" (STOLF, 2011, p. 43). Uma escuta porosa, que absorve espaço através da vibração do som, seria porosa tanto nos poros da pele quanto no osso?

A proposição de abrir a *escuta do corpo* durante um deslocamento e a disponibilizar aos ruídos do entorno, como em *absorver ruídos*, sugere uma possibilidade de impregnação da fronteira entre corpo e espaço e que parece colaborar para um corpo impregnado de espaço e um espaço com rastro de um corpo.

Quais seriam as possibilidades de uma escuta canal/travessia dentro de um ônibus em deslocamento realizando uma travessia? Ou ainda, quais travessias e canais estão acontecendo quando parece que nada está se movimentando?

A condição do deslocamento, no qual as relações de atrito & deslize entre corpo e espaço se atualizam constantemente, parece favorecer uma ampliação - ou pelo menos embrulhada - na borda e na franja da escuta. *Absorver ruídos* é uma forma escorregadia de tentar contornar algo justamente quando se está escapando, no qual está presente a tensão entre as grandes dimensões do espaço e as tentativas de contê-lo.

Nesse sentido, os desenhos são também vestígios ou rastros de um percurso, no qual estou experimentando meu corpo como um embrulho de ruídos e o desenho como prolongamento dos movimentos do corpo.

parabéns pelo seu dia¹

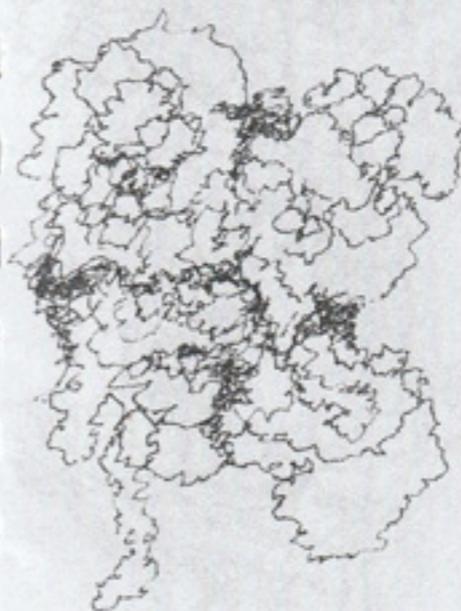
Querido Gabriel, parabéns pelo seu dia. Espero que você esteja bem e feliz. A mudança da dezena sempre assusta um pouco, como se as responsabilidades aumentassem, mas não muda muito, de fato, aquilo que acontece nas nossas vidas. Porque a gente vai mudando devagar, as coisas vão acontecendo, a vida vai nos levando... Tenho a impressão que, com você, as coisas se passam de um jeito um pouquinho diferente. Parece que você, desde logo, foi escolhendo esse caminho de uma forma intencional, sem deixar que as loucuras do mundo te atropelassem, ao sabor do movimento, como em seu "absorve ruídos". A escolha intencional de ser maleável, de receber o mundo como ele se-lhe apresenta e transformá-lo no registro de um gesto. Fico encantada com essa mistura do simples com o complexo, simples na concepção, complexo no resultado, porque é corajoso deixar o movimento te atravessar e se refletir na sua vida.

¹ Trecho da mensagem de minha tia, Carolina Villas Boas, professora e pedagoga, na ocasião dos meus 30 anos.

escapa, rastro, vertigem

Levar a escuta para o corpo (ela pertence aos ouvidos?)¹ pode ser também um meio de perceber o som, não necessariamente em seu aspecto audível, mas através da vibração e dos efeitos que esta produz no corpo. Uma escuta não coclear envolve outras formas de percepção do som, como a ressonância e a vibração que nos permitem experimentar outras de suas qualidades não audíveis, necessariamente. O som vibra e - como se todos os poros da pele ouvissem - ressoa, envolve e embrulha o corpo.

- encontra - bus - encontro



...no espaço e a noção de equilíbrio se relaciona
terna do ouvido:
po é movimentar
n tempo e parar

ro do tempo na
de que o espaço
njoo) é em função
que fica na região

ilo, ter a impressão
do em terra firme:
ressoando dentro.
eslocamento pode
- ainda que envolva
do pelo movimento
nde com o espaço -
os.

estava improvisando
que é artista, mas pra

parabéns pelo seu dia¹

Querido Gabriel, parabéns pelo seu dia. Espero que você esteja bem e feliz. A mudança da dezena sempre assusta um pouco, como se as responsabilidades aumentassem, mas não muda muito, de fato, aquilo que acontece nas nossas vidas. Porque a gente vai mudando devagar, as coisas vão acontecendo, a vida vai nos levando... Tenho a impressão que, com você, as coisas se passam de um jeito um pouquinho diferente. Parece que você, desde logo, foi escolhendo esse caminho de uma forma intencional, sem deixar que as loucuras do mundo te atropelassem, ao sabor do movimento, como em seu "absorve ruídos". / mundo como ele s gesto. Fico encant simples na conce, deixar o moviment

¹ Trecho da me pedagoga, na ocasião d



escapa, rastro, vertigem

Levar a escuta para o corpo (ela pertence aos ouvidos?)¹ pode ser também um meio de perceber o som, não necessariamente em seu aspecto audível, mas através da vibração e dos efeitos que esta produz no corpo. Uma escuta não coclear envolve outras formas de percepção do som, como a ressonância e a vibração que nos permitem experimentar outras de suas qualidades não audíveis, necessariamente. O som vibra e - como se todos os poros da pele ouvissem - ressoa, envolve e embrulha o corpo.



...o equilíbrio se relaciona
terna do ouvido:
po é movimentar
m tempo e parar

tro do tempo na
o de que o espaço
(enjo) é em função
que fica na região

plo, ter a impressão
do em terra firme:
ressoando dentro.
eslocamento pode
- ainda que envolva
do pelo movimento
nde com o espaço -
os.

estava improvisando
que é artista, mas pra

parabéns pelo seu dia¹

Querido Gabriel, parabéns pelo seu dia. Espero que você esteja bem e feliz. A mudança da dezena sempre assusta um pouco, como se as responsabilidades aumentassem, mas não muda muito, de fato, aquilo que acontece nas nossas vidas. Porque a gente vai mudando devagar, as coisas vão acontecendo, a vida vai nos levando... Tenho a impressão que, com você, as coisas se passam de um jeito um pouquinho diferente. Parece que você, desde logo, foi escolhendo esse caminho de uma forma intencional, sem deixar que as loucuras do mundo te atropelassem, ao sabor do movimento, como em seu "absorve ruídos".

Aparentemente, o mundo como ele é: gesto. Fico encantada com a simplicidade na concepção de deixar o movimen



¹ Trecho da minha experiência pedagógica, na ocasião d

escapa, rastro, vertigem

Levar a escuta para o corpo (ela pertence aos ouvidos?) pode ser também um meio de perceber o som, não necessariamente em seu aspecto audível, mas através da vibração e dos efeitos que esta produz no corpo. Uma escuta não ocular envolve outras formas de percepção do som, como a ressonância e a vibração que nos permitem experimentar outras de suas qualidades não audíveis, necessariamente. O som vibra e - como se todas as poras da pele ouvissem - ressoa, envolve e embrulha o corpo.

Equilíbrio se relaciona ao interno do ouvido: o corpo é movimentar um tempo e parar

Rastro do tempo na ação de que o espaço (o enjoo) é em função da) que fica na região

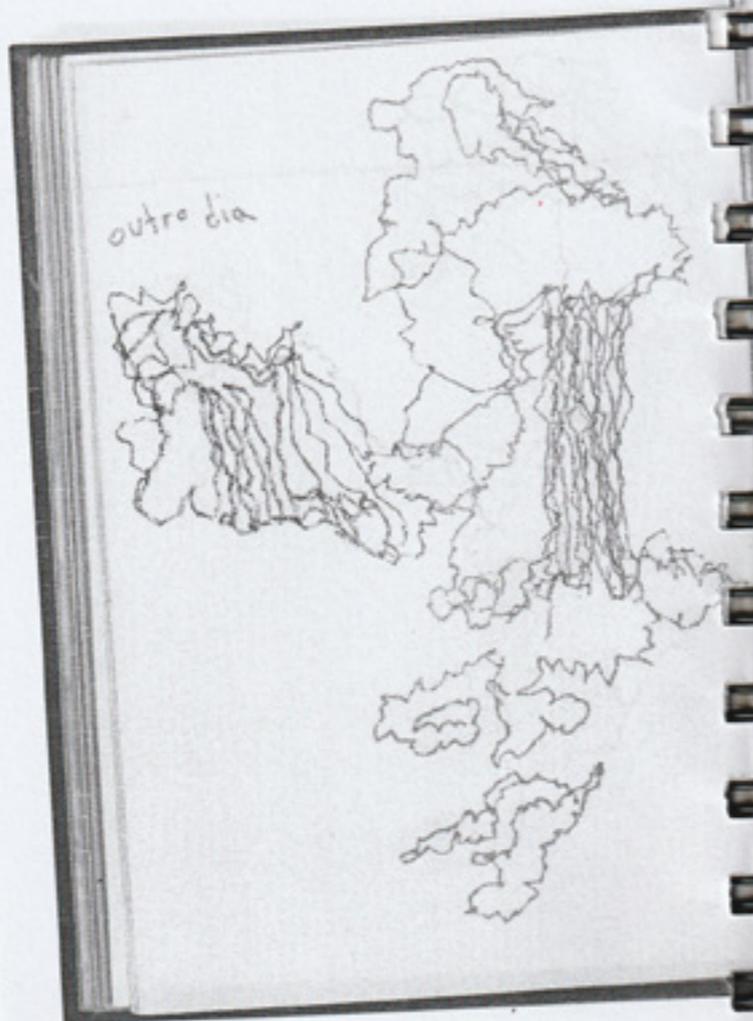
Exemplo, ter a impressão de estar andando em terra firme: o corpo ressoando dentro. O deslocamento pode ser - ainda que envolva o corpo - sentido pelo movimento em relação ao espaço - dos.

Estava improvisando que é artista, mas pra

parabéns pelo seu dia¹

Querido Gabriel, parabéns pelo seu dia. Espero que você esteja bem e feliz. A mudança da dezena sempre assusta um pouco, como se as responsabilidades aumentassem, mas não muda muito, de fato, aquilo que acontece nas nossas vidas. Porque a gente vai mudando devagar, as coisas vão acontecendo, a vida vai nos levando... Tenho a impressão que, com você, as coisas se passam de um jeito um pouquinho diferente. Parece que você, desde logo, foi escolhendo esse caminho de uma forma intencional, sem deixar que as loucuras do mundo te atropelassem, ao sabor do movimento, como em seu "absorve ruído".

mundo como e gesto. Fico enc. simples na con. deixar o movim.



¹ Trecho da mensagem de uma pedagoga, na ocasião c

escapa, rastro, vertigem

Levar a escuta para o corpo (ela pertence aos ouvidos?)¹ pode ser também um meio de perceber o som, não necessariamente em seu aspecto audível, mas através da vibração e dos efeitos que esta produz no corpo. Uma escuta não coclear envolve outras formas de percepção do som, como a ressonância e a vibração que nos permitem experimentar outras de suas qualidades não audíveis, necessariamente. O som vibra e - como se todos os poros da pele ouvissem - ressoa, envolve e embrulha o corpo.

A percepção do corpo no espaço e a noção de equilíbrio se relaciona com uma estrutura que se encontra em uma região interna do ouvido: o labirinto. Uma forma de perceber o labirinto do corpo é movimentar a cabeça para os lados de forma constante por um tempo e parar abruptamente.

Como se houvesse um atraso, percebo um rastro do tempo na paisagem que meu corpo não alcança. A sensação de que o espaço continua se movendo (que às vezes rebate em um enjoo) é em função do movimento de um líquido viscoso (a endolinfa) que fica na região do labirinto.

Ao nos deslocarmos de barco podemos, por exemplo, ter a impressão de que ainda estamos em alto mar mesmo quando em terra firme: um ruído do movimento da água continua ressoando dentro. Disponibilizar a *escuta do corpo* durante um deslocamento pode ser uma forma de impregnar o corpo de espaço - ainda que envolva um embrulho no estômago. O labirinto, atravessado pelo movimento ressoa e produz situações onde o corpo se confunde com o espaço - provavelmente porque nunca estiveram separados.

Uma vez, desenhando no ônibus, um músico que estava improvisando fez uma rima comigo; "Olha aqui o amigo, parece que é artista, mas pra

¹ os ouvidos não estão no corpo?

desenhar dentro do ônibus tem que ser malabarista". Tempos depois Raquel Stolf me contou que Cildo Meireles também relacionava o trabalho do artista com o malabarismo. No catálogo da exposição *Entrevendo, Matos e Rebouças* (2019, p.11) escreveram que "Cildo Meireles costuma dizer que, assim como o malabarista, o artista é aquele que encontra um lugar no tempo. Da mesma forma que o malabarista precisa administrar três coisas no lugar onde só cabem duas, o artista precisa também atuar em um espaço intervalar, cuja condição é dada pela observância do tempo".

Na manipulação do labirinto, artistas, ilusionistas, malabaristas e trapezistas prendem a atenção; pelas chances de cair ou não, por impregnar os espaços com ilusão.

labareda labirinto

tinha saído pra caminhar pelo bairro, motivado pelas aulas sobre caminhadas' e também pra tentar diluir uma discussão que ainda não tinha acontecido. Nessa situação experimentei, pela primeira vez, desenhar caminhando (ou caminhar desenhando). Foi aqui nos arredores de casa, no bairro Ingleses, subúrbio praieiro no Norte de Florianópolis. Desenhar caminhando é diferente do que sentado no ônibus. Caminhando dou o ritmo pela passada, mas ainda assim a topografia é algo que pode surpreender bastante - bem como as aleatoriedades nos caminhos percorridos. A surpresa

*o de entender que
nto e desenho fui
a caneta, variando
da caminhada e o
se desconhecido,
inação" - ou talvez
a escuta" parece
a que se acumula
entorno e que se*

*tos caminhando/
guei um pouco e
corpo (era verão),
caminhada. Fiquei
proposição, como
algum momento
e doía mais. Fiquei
parte superior do
de mim, como se
te saía dos poros
ntato com o chão,*

*har na natureza e dos
DESC.*



desenhar dentro do ônibus tem que ser malabarista". Tempos depois Raquel Stolf me contou que Cildo Meireles também relacionava o trabalho do artista com o malabarismo. No catálogo da exposição *Entrevendo, Matos e Rebouças* (2019, p.11) escreveram que "Cildo Meireles costuma dizer que, assim como o malabarista, o artista é aquele que encontra um lugar no tempo. Da mesma forma que o malabarista precisa administrar três coisas no lugar onde só cabem duas, o artista precisa também atuar em um espaço intervalar, cuja condição é dada pela observância do tempo".

Na manipulação do labirinto, artistas, ilusionistas, malabaristas e trapezistas prendem a atenção; pelas chances de cair ou não, por impregnar os es



labareda labirinto

tinha saído pra caminhar pelo bairro, motivado pelas aulas sobre caminhadas¹ e também pra tentar diluir uma discussão que ainda não tinha acontecido. Nessa situação experimentei, pela primeira vez, desenhar caminhando (ou caminhar desenhando). Foi aqui nos arredores de casa, no bairro Ingleses, subúrbio praieiro no Norte de Florianópolis. Desenhar caminhando é diferente do que sentado no ônibus. Caminhando dou o ritmo pela passada, mas ainda assim a topografia é algo que pode surpreender bastante - bem como as aleatoriedades nos caminhos percorridos. A surpresa

*bio de entender que
ento e desenho fui
da caneta, variando
o da caminhada e o
base desconhecido,
"finação" - ou talvez
da escuta" parece
ta que se acumula
o entorno e que se*

*utos caminhando/
nguei um pouco e
corpo (era verão),
caminhada. Fiquei
proposição, como
n algum momento
de doía mais. Fiquei
a parte superior do
a de mim, como se
ente saía dos poros
ontato com o chão,*

*inhar na natureza e dos
UDESC.*

desenhar dentro do ônibus tem que ser malabarista". Tempos depois Raquel Stolf me contou que Cildo Meireles também relacionava o trabalho do artista com o malabarismo. No catálogo da exposição *Entrevendo, Matos e Rebouças* (2019, p.11) escreveram que "Cildo Meireles costuma dizer que, assim como o malabarista, o artista é aquele que encontra um lugar no tempo. Da mesma forma que o malabarista precisa administrar três coisas no lugar onde só cabem duas, o artista precisa também atuar em um espaço intervalar, cuja condição é dada pela observância do tempo".

Na manipulação do labirinto, artistas, ilusionistas, malabaristas e trapezistas prendem a atenção; pelas chances de cair ou não, por impregnar os espaç



labareda labirinto

tinha saído pra caminhar pelo bairro, motivado pelas aulas sobre caminhadas¹ e também pra tentar diluir uma discussão que ainda não tinha acontecido. Nessa situação experimentei, pela primeira vez, desenhar caminhando (ou caminhar desenhando). Foi aqui nos arredores de casa, no bairro Ingleses, subúrbio praieiro no Norte de Florianópolis. Desenhar caminhando é diferente do que sentado no ônibus. Caminhando dou o ritmo pela passada, mas ainda assim a topografia é algo que pode surpreender bastante - bem como as aleatoriedades nos caminhos percorridos. A surpresa também acontece na escuta do corpo, no exercício de entender que nova condição é aquela entre corpo, deslocamento e desenho fui experimentando qualidades de apoio, a pressão da caneta, variando o peso do osso, os pêndulos do corpo, o reboativo da caminhada e o jeito. Não saber um jeito certo de fazer, pisar no quase desconhecido, coloca a escuta em um processo de busca por "afinação" - ou talvez engrossamento. Nesse caso, "engrossamento da escuta" parece mais adequado já que tô encontrando uma escuta que se acumula sobre si, absorve, porosa, que reúne ruídos do entorno e que se encharca um pouco - caneta conta-gotas.

Depois de uma hora e vinte e quatro minutos caminhando/desenhando voltei pra casa. Cansado, me alonguei um pouco e deitei de barriga pra cima no chão pra esfriar o corpo (era verão), fechei os olhos. É diferente quando contém uma caminhada. Fiquei pensando em formas de entrar e sair daquela proposição, como tinha começado e como pretendia finalizar. Em algum momento senti as patelas relaxarem e consegui respirar onde doía mais. Fiquei resfriando. Passado algum tempo senti um calor na parte superior do corpo e parecia que havia uma labareda em cima de mim, como se ele estivesse em chamas. Uma labareda de ar quente saía dos poros da pele em direção ao teto. A parte do corpo em contato com o chão,

¹ ministradas por Sandra Favero Disciplina "Do caminhar na natureza e dos processos artísticos contemporâneos" cursada no PPGAV UDESC.

ao contrário, mais fria e sólida. Fiquei observando aquela sensação. Com o tempo a densidade foi mudando, a labareda diminuindo de tamanho, a parte superior do corpo resfriando e a sensação de calor agora começava a vir do chão, como se a labareda fosse entrando no chão e se espalhando. Nesse processo, ainda de olhos fechados, apesar de deitado e imóvel, comecei a sentir que o espaço ao meu redor começava a girar - ao ponto de perder a noção do espaço.

Parecia um rebote do labirinto, como se ele estivesse me devolvendo todas as gotas de tinta absorvidas pelo papel, todos os passos que dei, rebobinando um filme em alta velocidade. Assusta um pouco quando isso acontece - não foi a primeira vez - porque parece que o corpo desloca um pouco - mas a vontade de aproveitar a pira dá coragem. Aos poucos fui retomando o corpo e me organizando no espaço. Nesse contexto, foi a primeira vez que encontrei as palavras labareda e labirinto juntas.

Labirinto Labareda é como tenho nomeado uma série de desenhos que venho produzindo no último ano. São desenhos que faço em casa e às vezes durante a psicanálise. Às vezes desenho para encontrar um caminho melhor para as palavras, às vezes para conversar comigo mesmo, às vezes para acessar e percorrer um labirinto com saídas. Costumo fazer esses desenhos em grandes formatos, de forma fragmentada, durante semanas ou meses, muitas vezes subdividindo um desenho grande em partes menores, trocando a ordem e a direção - tão bom quanto desenhar é ficar testando as possibilidades de encaixe entre eles. Penso como desenhos de reviravolta ou rebobinados de absorver ruídos, como se pudesse devolver as paisagens que percorri, como uma forma de dar vazão para os ruídos acumulados, esvaziar algo da escuta, limpar o labirinto dos ouvidos ou torcer um mapa encharcado.



ao contrário, mais fria e sólida. Fiquei observando aquela sensação. Com o tempo a densidade foi mudando, a labareda diminuindo de tamanho, a parte superior do corpo resfriando e a sensação de calor agora começava a vir do chão, como se a labareda fosse entrando no chão e se espalhando. Nesse processo, ainda de olhos fechados, apesar de deitado e imóvel, comecei a sentir que o espaço ao meu redor começava a girar - ao ponto de perder a noção do espaço.

Parecia um rebote do labirinto, como se ele estivesse me devolvendo todas as gotas de tinta absorvidas pelo papel, todos os passos que dei, rebobinando um filme em alta velocidade. Assusta um pouco quando isso acontece - não foi a primeira vez - porque parece que o corpo desloca um pouco a coragem. Aos poucos, o espaço se resolve. Nesse contexto, a labareda e o labirinto.

Labirinto Labareda
que venho produzir
e às vezes durante
um caminho melhor
comigo mesmo, à
cerca de saídas. Costumo
de forma fragmentada
subdividindo um pouco
a ordem e a direção
das possibilidades e
reviravolta ou rebobinar
devolver as paisagens
para os ruídos acurados
dos ouvidos ou torções.

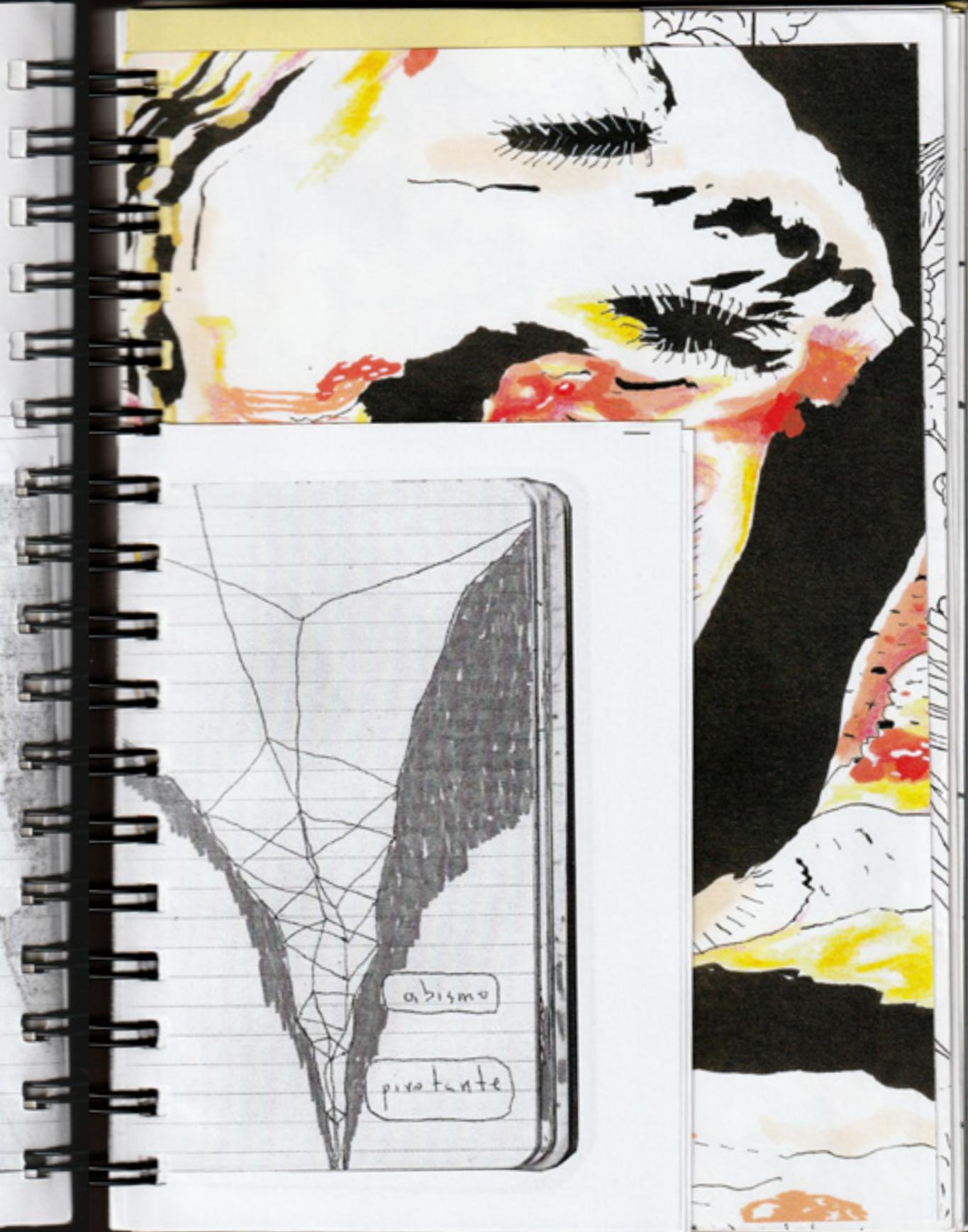
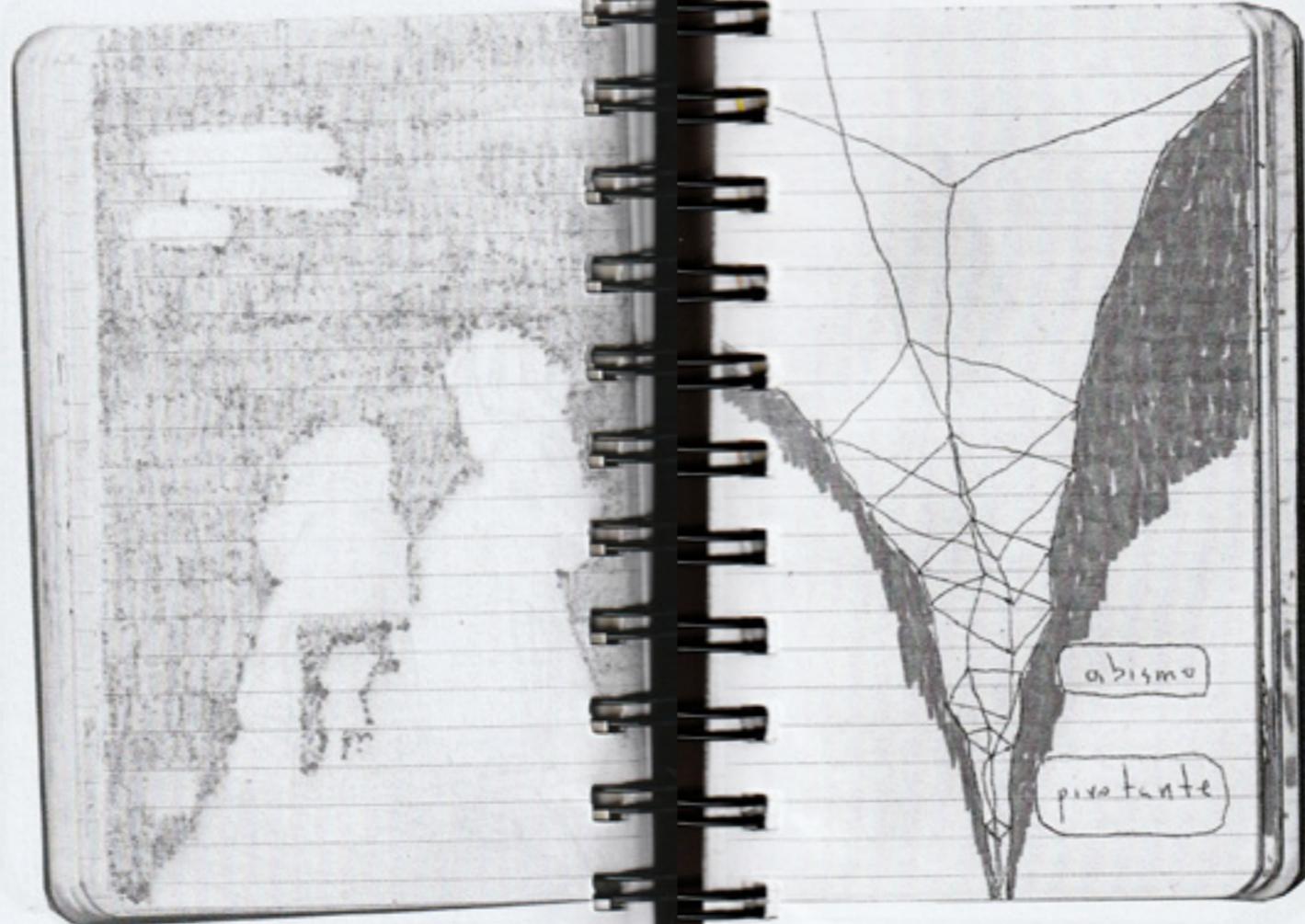
resoluções



ao contrário, mais fria e sólida. Fiquei observando aquela sensação. Com o tempo a densidade foi mudando, a labareda diminuindo de tamanho, a parte superior do corpo resfriando e a sensação de calor agora começava a vir do chão, como se a labareda fosse entrando no chão e se espalhando. Nesse processo, ainda de olhos fechados, apesar de deitado e imóvel, comecei a sentir que o espaço ao meu redor começava a girar - ao ponto de perder a noção do espaço.

Parecia um rebote do labirinto, como se ele estivesse me devolvendo todas as gotas de tinta absorvidas pelo papel, todos os passos que dei, rebobinando um filme em alta velocidade. Assusta um pouco quando isso acontece - não foi a primeira vez - porque parece que o corpo desloca um pouco a coragem. Aos poucos, o espaço se fecha. Nesse contexto, a labareda e o labirinto

Labirinto Labareda que venho produzindo e às vezes durante um caminho melhor consigo mesmo, à medida que saídas. Costumo de forma fragmentada subdividindo um pouco a ordem e a direção das possibilidades, a reviravolta ou rebobinar as paisagens para os ruídos acústicos dos ouvidos ou tor

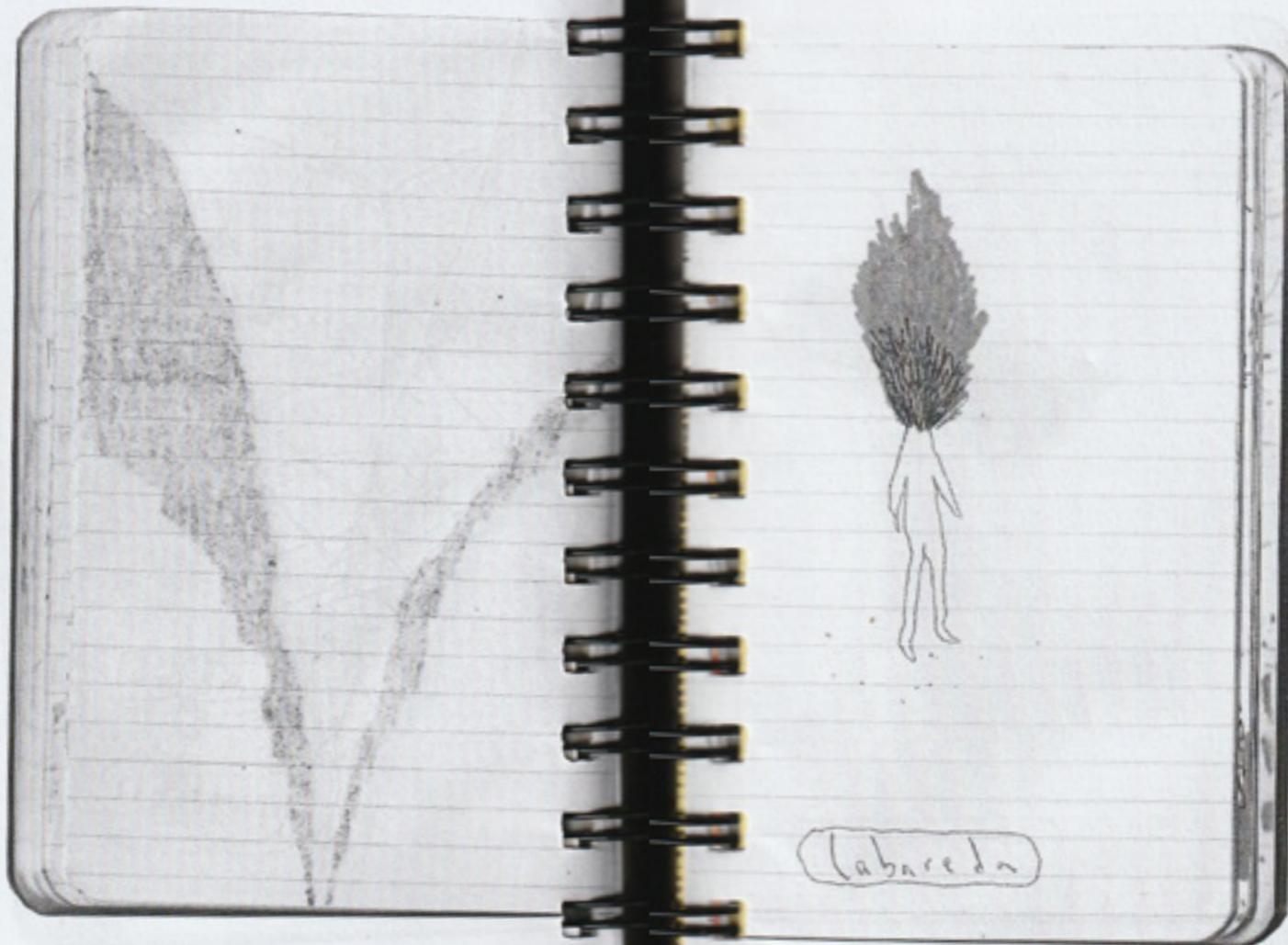


ao contrário, mais fria e sólida. Fiquei observando aquela sensação. Com o tempo a densidade foi mudando, a labareda diminuindo de tamanho, a parte superior do corpo resfriando e a sensação de calor agora começava a vir do chão, como se a labareda fosse entrando no chão e se espalhando. Nesse processo, ainda de olhos fechados, apesar de deitado e imóvel, comecei a sentir que o espaço ao meu redor começava a girar - ao ponto de perder a noção do espaço.

Parecia um rebote do labirinto, como se ele estivesse me devolvendo todas as gotas de tinta absorvidas pelo papel, todos os passos que dei, rebobinando um filme em alta velocidade. Assusta um pouco quando isso acontece.

o corpo desloca um pouco a coragem. Aos poucos o espaço. Nesse contexto, a labareda e labirinto.

Labirinto Labareda que venho produzir e às vezes durante um caminho me encontro comigo mesmo, à medida que saídas. Costumo de forma fragmentada subdividindo um caminho, a ordem e a direção, as possibilidades de reviravolta ou rebobinar, devolvo as paisagens para os ruídos acústicos dos ouvidos ou tor



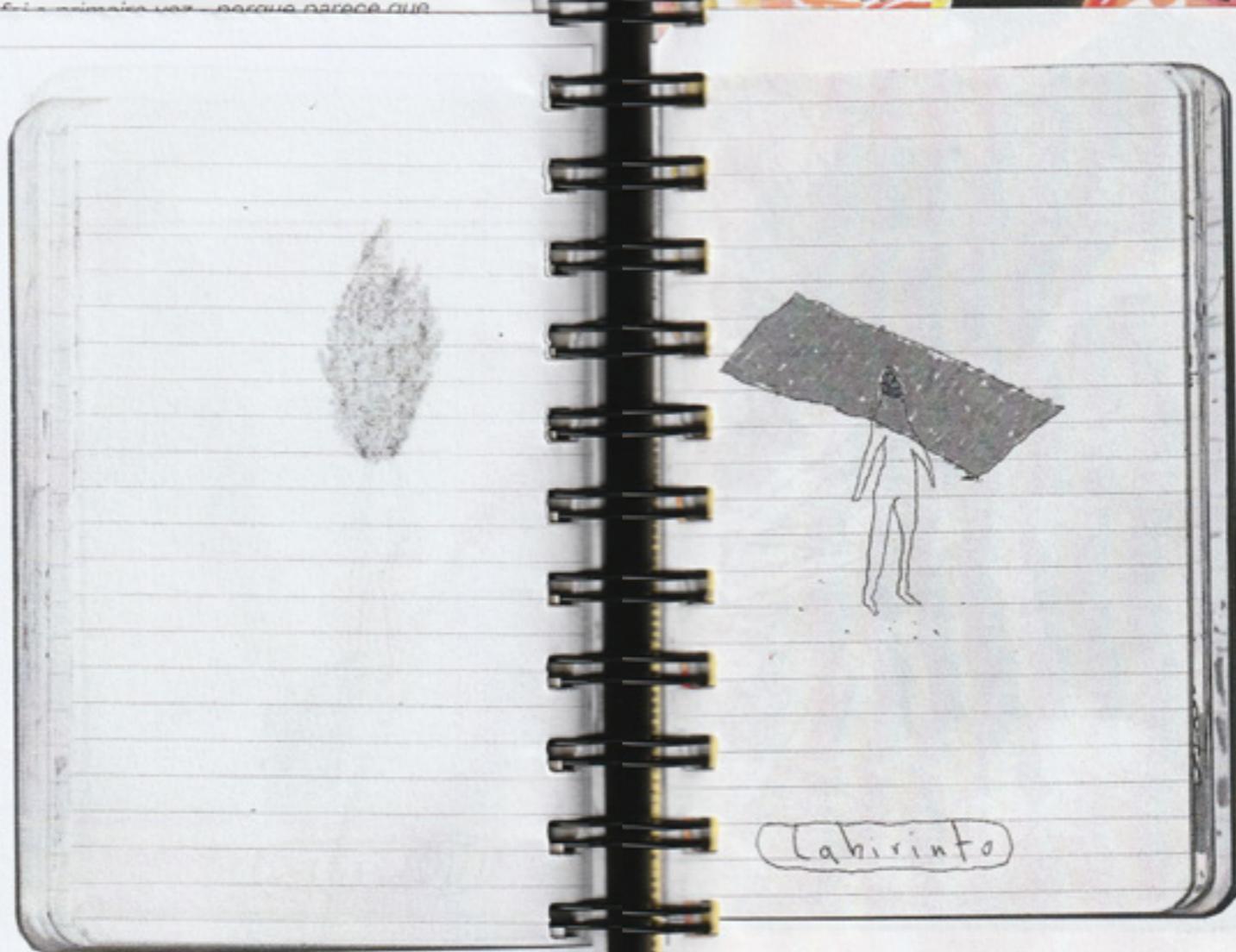
labareda



ao contrário, mais fria e sólida. Fiquei observando aquela sensação. Com o tempo a densidade foi mudando, a labareda diminuindo de tamanho, a parte superior do corpo resfriando e a sensação de calor agora começava a vir do chão, como se a labareda fosse entrando no chão e se espalhando. Nesse processo, ainda de olhos fechados, apesar de deitado e imóvel, comecei a sentir que o espaço ao meu redor começava a girar - ao ponto de perder a noção do espaço.

Parecia um rebote do labirinto, como se ele estivesse me devolvendo todas as gotas de tinta absorvidas pelo papel, todos os passos que dei, rebobinando um filme em alta velocidade. Assusta um pouco quando isso acontece. ~~É a primeira vez porque parece que~~ o corpo desloca um pouco a coragem. Aos poucos o espaço. Nesse com labareda e labirinto

Labirinto Labareda que venho produzir e às vezes durante um caminho me encontro comigo mesmo, à semelhança de cem saídas. Costumo de forma fragmentada subdividindo um espaço a ordem e a direção das possibilidades de reviravolta ou rebobinar as paisagens para os ruídos acuidos ou tor

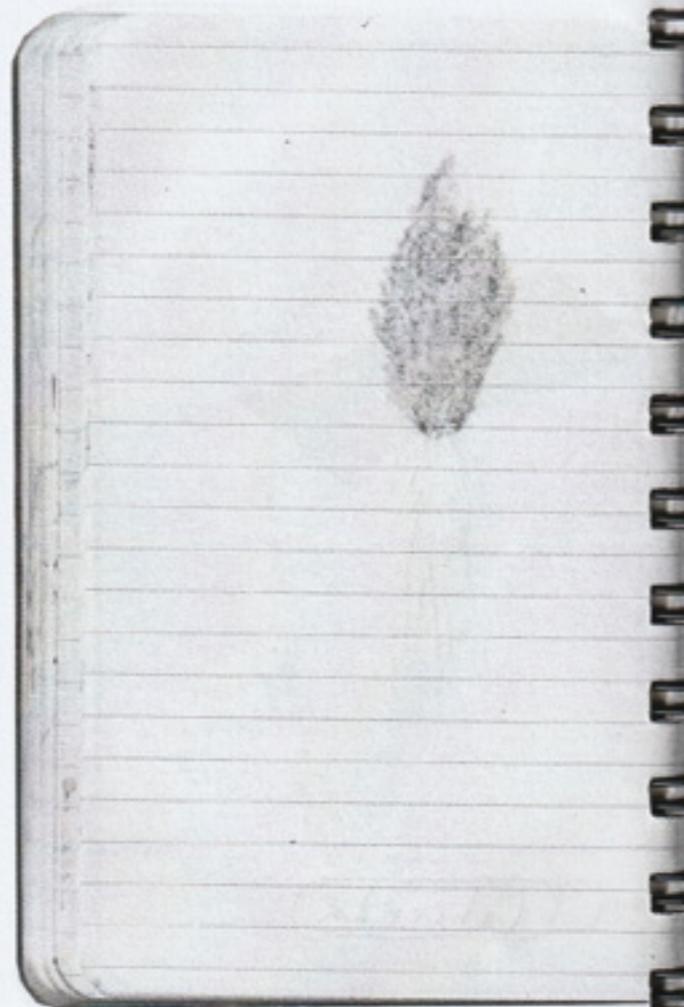


ao contrário, mais fria e sólida. Fiquei observando aquela sensação. Com o tempo a densidade foi mudando, a labareda diminuindo de tamanho, a parte superior do corpo resfriando e a sensação de calor agora começava a vir do chão, como se a labareda fosse entrando no chão e se espalhando. Nesse processo, ainda de olhos fechados, apesar de deitado e imóvel, comecei a sentir que o espaço ao meu redor começava a girar - ao ponto de perder a noção do espaço.

Parecia um rebote do labirinto, como se ele estivesse me devolvendo todas as gotas de tinta absorvidas pelo papel, todos os passos que dei, rebobinando um filme em alta velocidade. Assusta um pouco quando isso acontece.

~~é a primeira vez porque parece que~~
o corpo desloca um pouco a coragem. Aos poucos o espaço. Nesse com labareda e labirinto

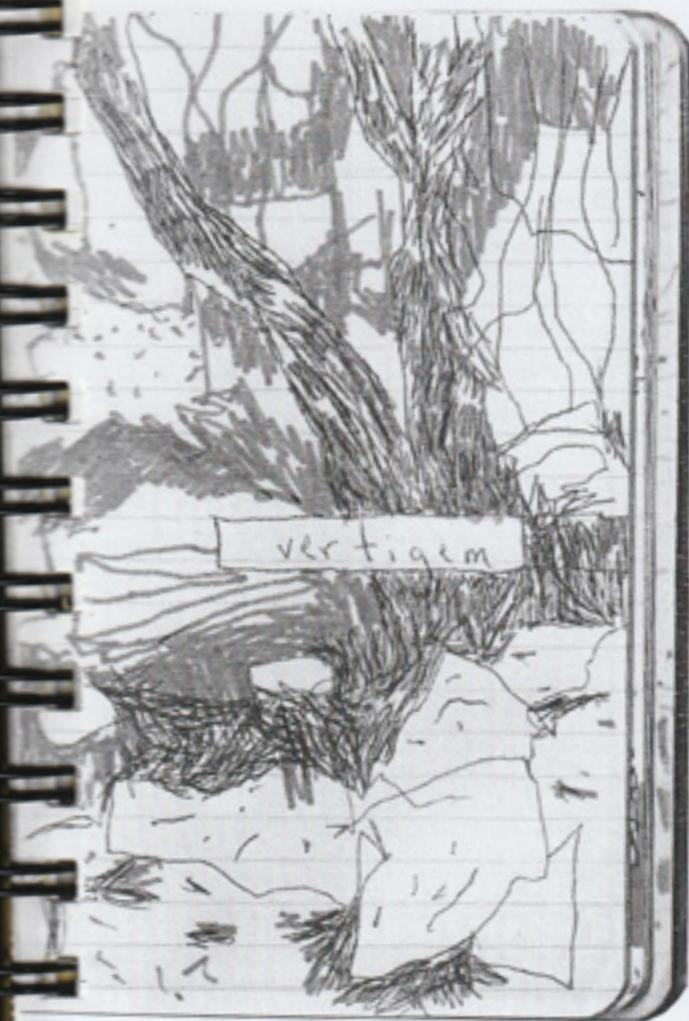
Labirinto Labareda que venho produzir e às vezes durante um caminho me encontro comigo mesmo, à sem saída. Costumo de forma fragmentada subdividindo um espaço a ordem e a direção as possibilidades de reviravolta ou rebobinar as paisagens para os ruídos acurados ou tor





registrar o esforço de lembrar

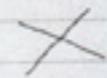
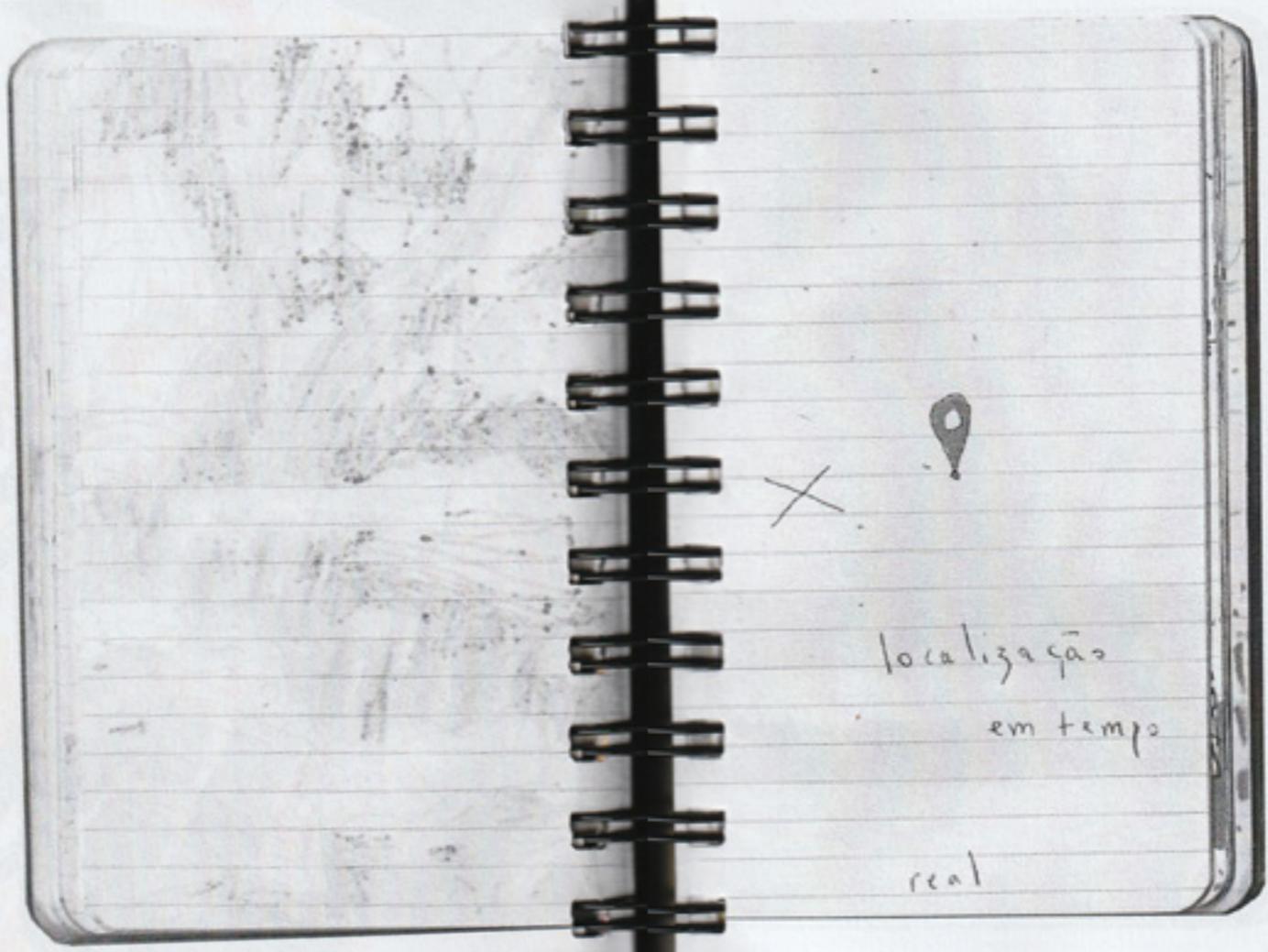
*tinha a impressão que só esquecia
dos sonhos porque tentava lembrar:
queimavam feito fogo de palha. Na
quinta feira anotou: registrar o esforço*





registrar o esforço de lembrar

*tinha a impressão que só esquecia
dos sonhos porque tentava lembrar:
queimavam feito fogo de palha. Na
quinta feira anotou: registrar o esforço*



localização
em tempo

real





registrar o esforço de lembrar

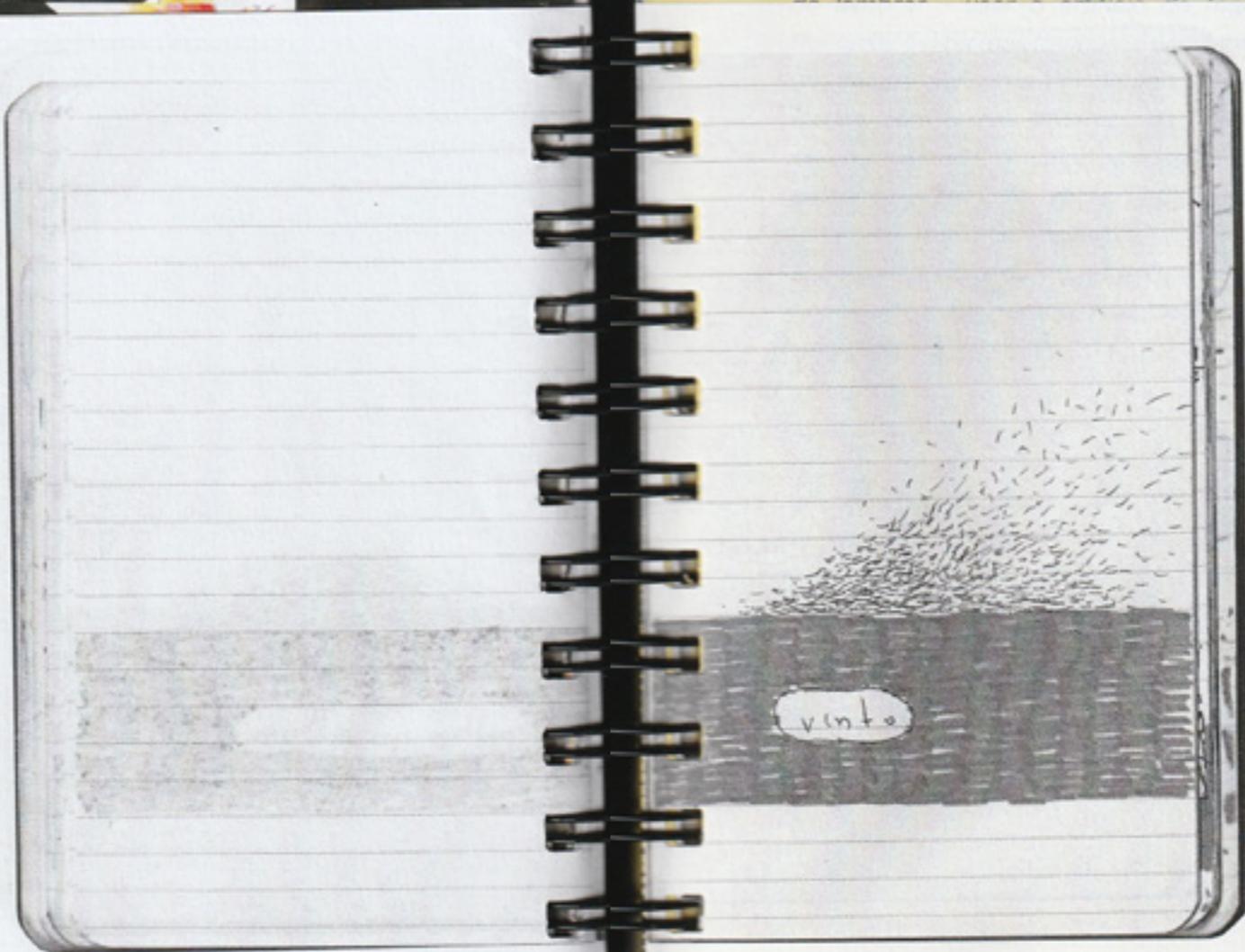
*tinha a impressão que só esquecia
dos sonhos porque tentava lembrar:
queimavam feito fogo de palha. Na
quinta feira anotou: registrar o esforço*

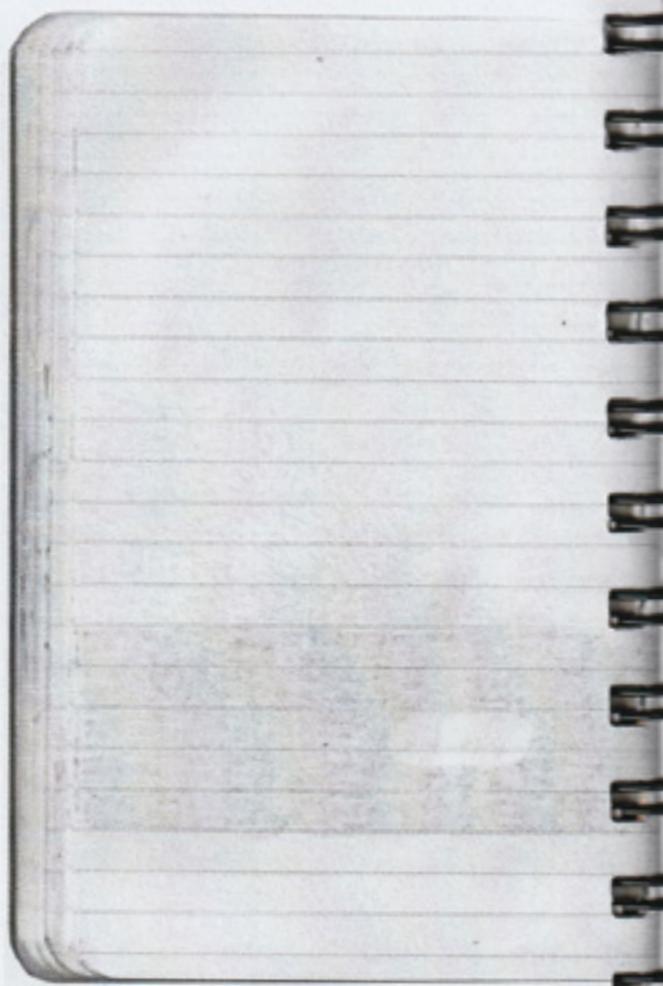




registrar o esforço de lembrar

*tinha a impressão que só esquecia
dos sonhos porque tentava lembrar:
queimavam feito fogo de palha. Na
quinta feira anotou: registrar o esforço*

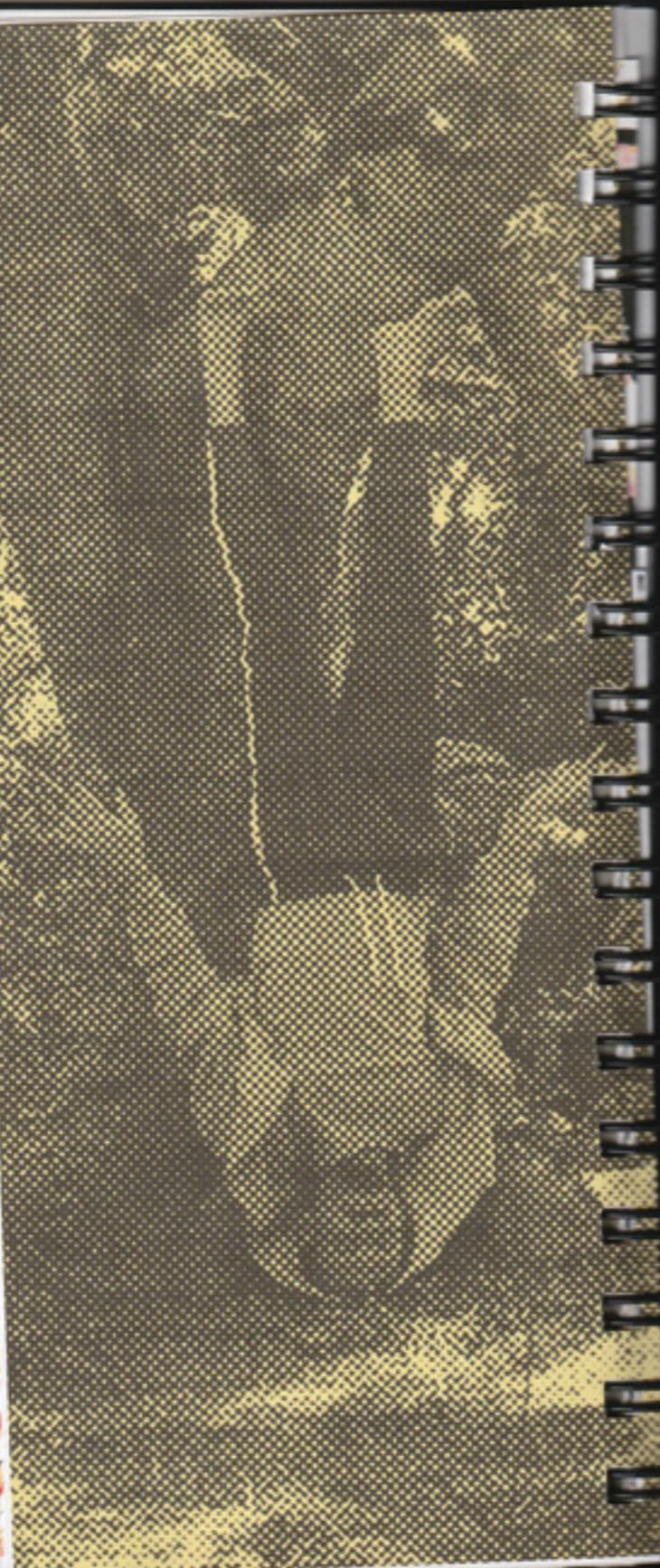




registrar o esforço de lembrar

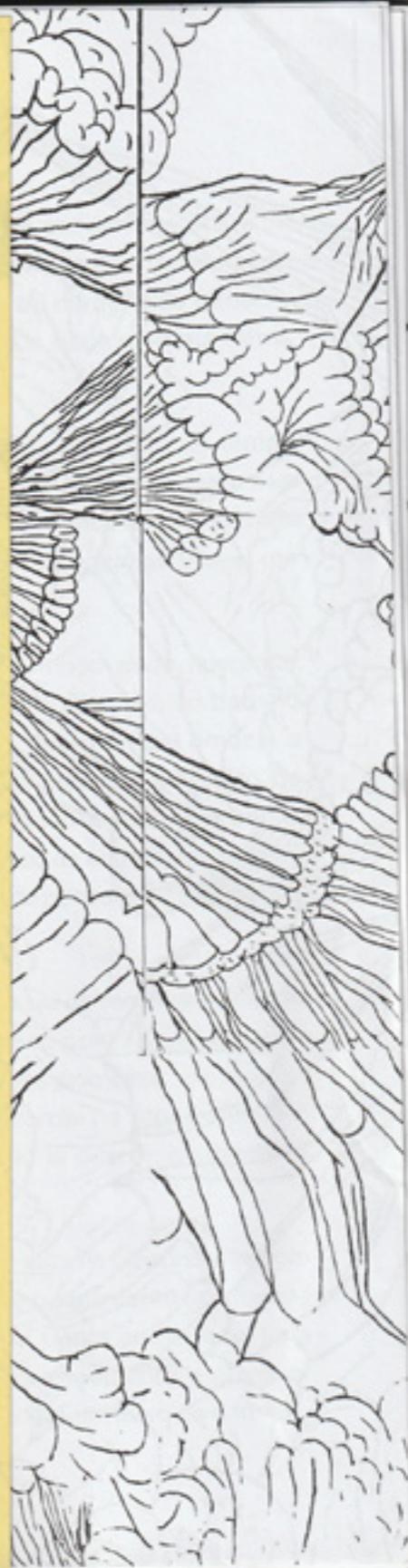
tinha a impressão que só esquecia dos sonhos porque tentava lembrar: queimavam feito fogo de palha. Na quinta feira anotou: registrar o esforço de lembrar - usar o artifício do fogo. Recordar é viver mas também é espremer um mapa, percorrer um labirinto com saídas, com quinas e cantos de portas se entreolhando, é achar uma palha no palheiro - vento. Às vezes entrava em uma sala muito interessante, mas não tinha muita ideia de como tinha chego. Localização em tempo real defasada, vertigem.

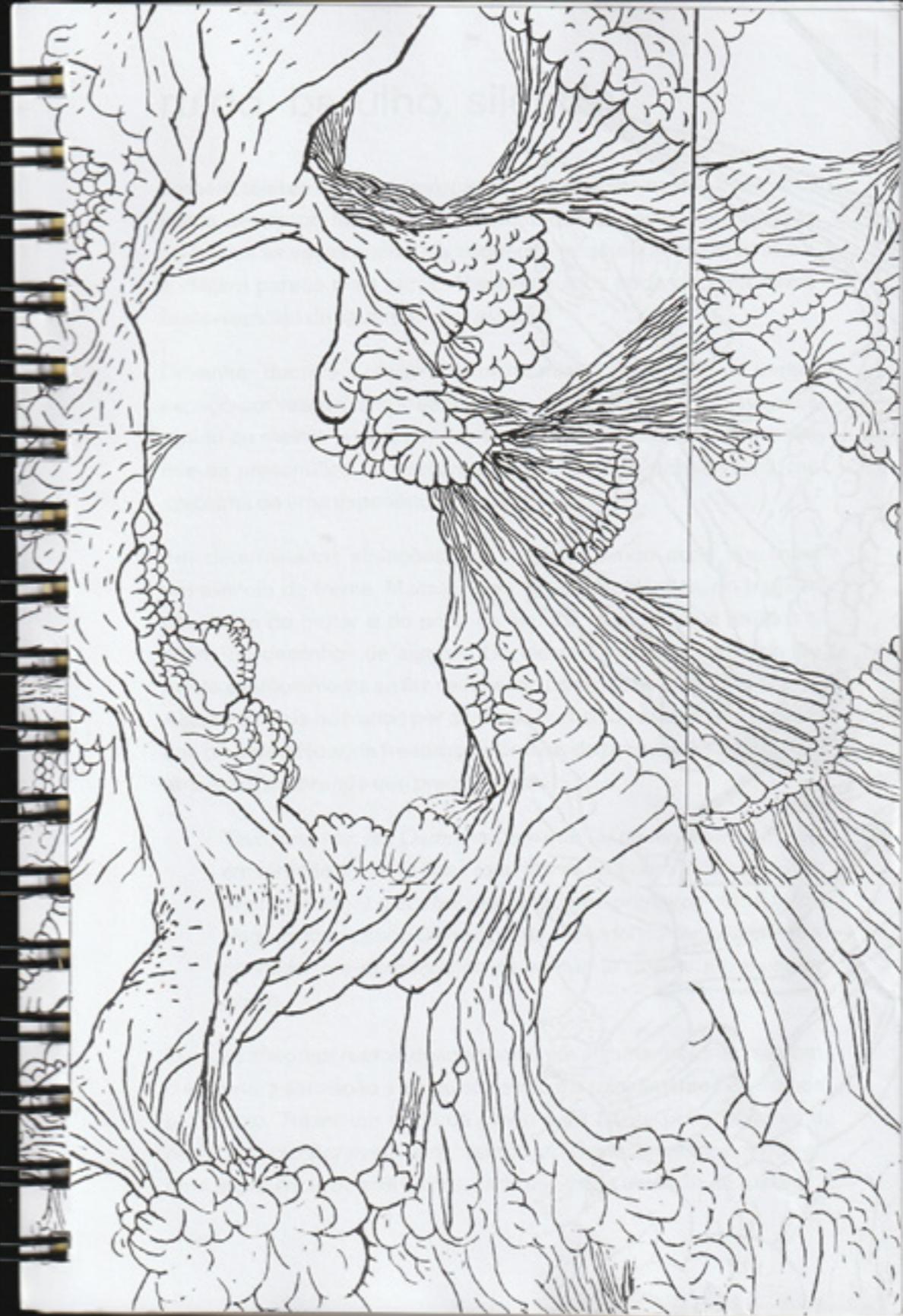
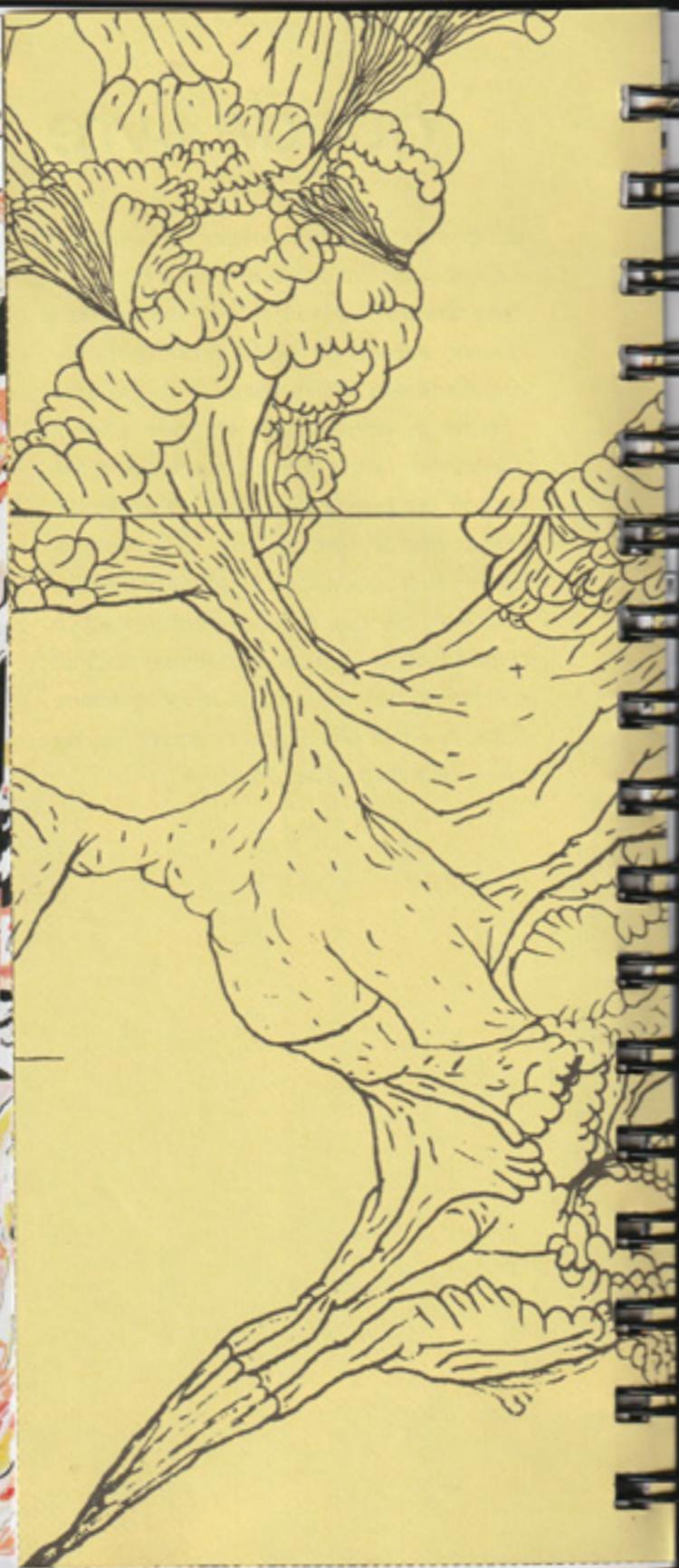




queda livre

lembrou que essa noite sonhou que tinha à disposição um conjunto de cartas: cada uma possibilita algum tipo de experiência que no estado de vigília provavelmente resultaria em morte mas no sonho, não - tinha a consciência de que estava sonhando - uma carta da possibilidade de cair em queda livre, sem paraquedas, outra entrar dentro de um vulcão. Escolheu a queda livre. Uma outra pessoa aparece, diz que tinha experimentado a queda livre, que gostou, mas que no final o impacto não é tão bom. Mesmo assim, pulou e, antes de tocar o chão, fechou os olhos com força e acordou.







ruído, barulho, silêncio

Embora muitas vezes o deslocamento possa ser considerado uma perda de tempo (ou espaço vencido), quando estou desenhando no ônibus às vezes acabo me esquecendo da duração do tempo e a viagem parece mais curta. *Absorver ruídos* pode ser uma forma (escorregadia) de aguardar sem esperar.

Desenhar durante a viagem deforma minha percepção de tempo espaço; por vezes o tempo se suspende, noutras a viagem passa mais rápido ou melhor - mas nem sempre. Experimentar uma presença que se presentifica no percurso, no processo, algumas vezes, me aproxima de uma experiência de silêncio.

Em determinadas situações, um ruído de fundo pode sustentar um silêncio de frente. Muitas vezes é nas trepidações, no barulho constante do motor e do pneu na estrada que o ônibus embala o sono -ou desenho- de alguém. Da mesma maneira, um ruído de frente eventualmente se faz necessário para não se dormir no ponto. Alguém acorda no tranco por conta do buraco da estrada, da pessoa que precisa descer, da freada mais brusca, do pensamento/ruído que atravessa lembrando que precisa descer.

Teve uma vez, em Campinas, em que saí do terminal de Barão em direção à minha casa (que ficava no ponto final, no último ponto da linha) e acabei dormindo nos primeiros minutos de viagem, logo que o ônibus partiu. Acordei no terminal com o cobrador me perguntando se eu não ia descer em nenhum ponto.

Durante *absorver ruídos*, quando encontro alguma ressonância com o entorno, a sensação é de rio correndo e o pensamento fica menos turbulento. Trazer um ruído de fundo para frente pode gerar uma outra apreciação/vivência do tempo do deslocamento e envolver uma experiência de silêncio: de onde se escuta um fluxo de ruídos.

Esses dias tava bolando uma playlist colaborativa para deixar tocando na abertura do Espaço Embrulho. Em conversa com a Carol Dalsoglio, uma amiga e arquiteta que aprecia um bom trocadilho, surgiu a sugestão de intitulá-la "Barulho no Embrulho", ideia que aceitei na hora. Na semana seguinte, em conversa com Raquel Stolf, descobro que a palavra barulho realmente deriva de embrulhar.

"Barulho, que significa grande estrondo, desordem, conjunto de sons dissonantes, deriva de barulhar, que quer dizer misturar-se tumultuosamente, confundir-se. Barulhar deriva de embarulhar, que por sua vez, surge de uma forma epentética de embrulhar". (STOLF, 2011, p. 185).

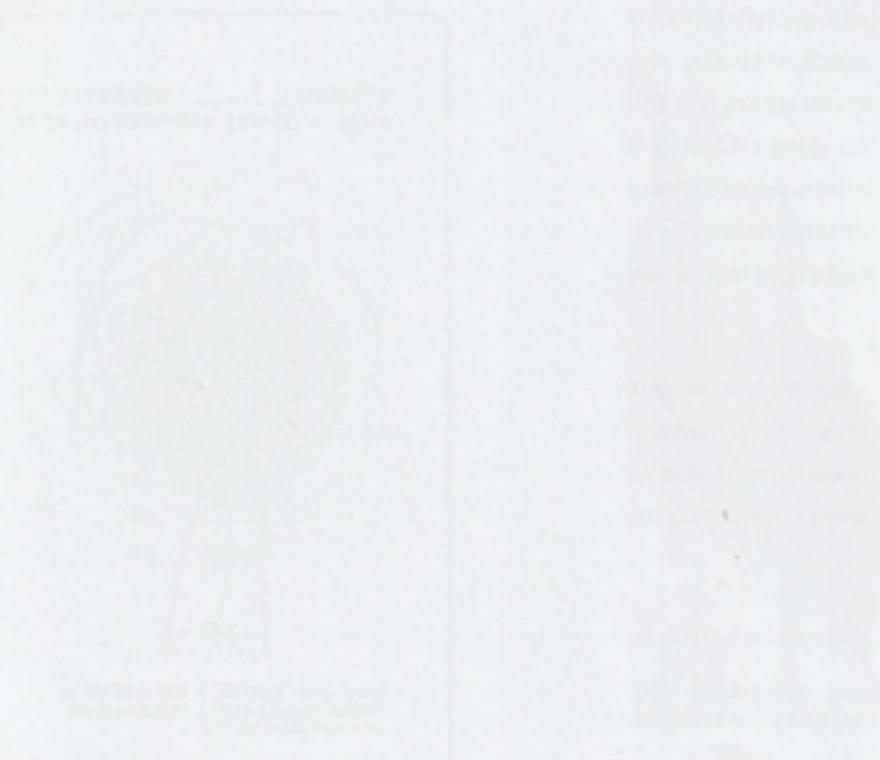
Barulho pode ser um som embrulhado, meio amassado, embaralhado, meio embrulhado difícil de compreender. Escutar um barulho, implica em ser embrulhado por ele? Seria a escuta essa fronteira, papel de embrulho, que contorna, dá sentido e realiza malabarismos entre silêncio, ruído, barulho e mais alguma outra coisa que fica no ar?

um descompromisso levado à sério¹

sério

Barulho no Embrulho é um projeto de escuta que busca explorar o potencial do som em um espaço de encontro e troca. A ideia é criar um ambiente onde o som seja o elemento central, permitindo que os participantes possam experimentar diferentes tipos de sons e texturas. O projeto é baseado na ideia de que o som pode ser usado para criar uma sensação de conexão e comunidade.

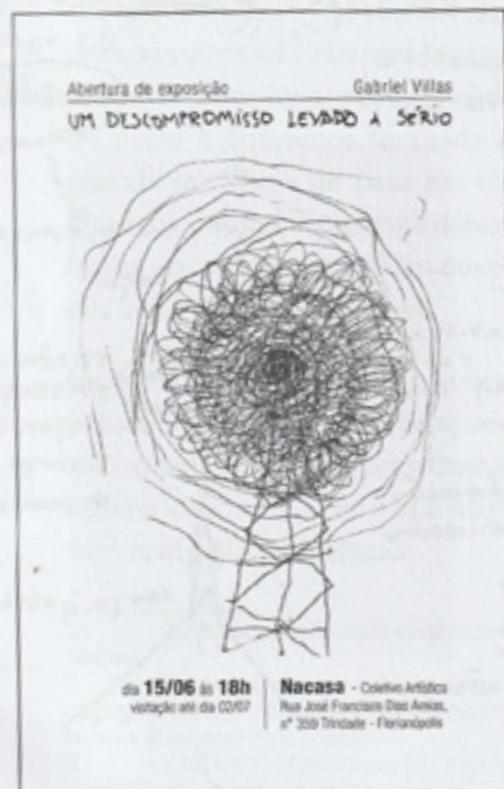
O projeto é baseado na ideia de que o som pode ser usado para criar uma sensação de conexão e comunidade. O projeto é baseado na ideia de que o som pode ser usado para criar uma sensação de conexão e comunidade.



1 — um descompromisso levado à sério
absorver ruídos publicação
embrulhos pra presente

um descompromisso levado à sério¹

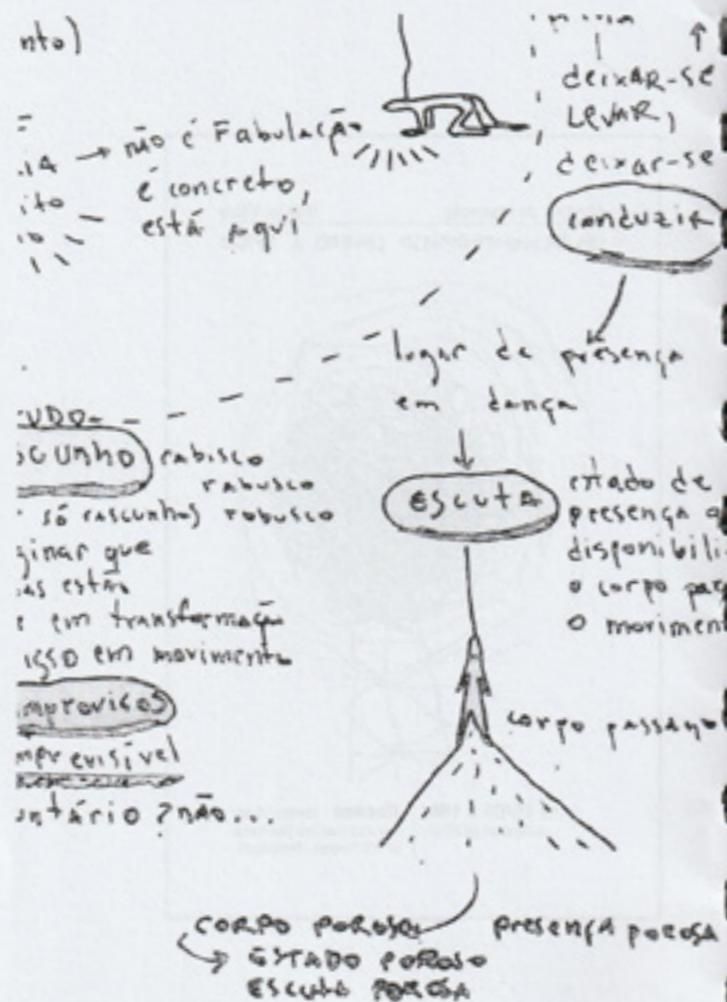
A primeira montagem que fiz de *Absorver ruídos* foi em 2019, quando a Anna Moraes me convidou para expor meus desenhos na Galeria do Coletivo Nacasa². A Anna, artista que também investiga o desenho, fez a curadoria da exposição e juntos começamos a pensar na minha relação com o desenho, trazendo questões que comecei a levantar na pesquisa "Aproximação, Intersecção, Reverberação", trabalho de conclusão de curso³.



m guardanapos de
ia. Das proposições
ra pessoa do lado
e forma disfarçada,
bom de caricatura,
dor em pedacinhos
n era. O canto da
com risquinhos e
do papel enquanto
gistrar coreografias

ieio de ler o espaço,
ica no espaço, uma
ps que transmitiam
te pareciam super

s, Galeria do Coletivo
tivo de artistas que,
idências e exposições
ação - Habitando e
de rua" Finalizado em
ação de Almir de Paris
UFSC.



um descompromisso levado à sério¹

A primeira montagem que fiz de *Absorver ruídos* foi em 2019, quando a Anna Moraes me convidou para expor meus desenhos na Galeria do Coletivo Nacasa². A Anna, artista que também investiga o desenho, fez a curadoria da exposição e juntos começamos a pensar na minha relação com o desenho, trazendo questões que comecei a levantar na pesquisa "Aproximação, Intersecção, Reverberação", trabalho de conclusão de curso³.

Quando criança, desenhava junto do meu pai, em guardanapos de papel enquanto esperávamos um lanche na padaria. Das proposições que me lembro: desenhar no papel e passar pra pessoa do lado completar o desenho, desenhar algo do entorno, de forma disfarçada, para os outros adivinharem. Meu avô, que é muito bom de caricatura, costumava desenhar pessoas que estavam ao redor em pedacinhos de papel e ficávamos tentando adivinhar quem era. O canto da agenda telefônica de casa era todo desenhado com risquinhos e losangos, porque minha mãe desenhava na borda do papel enquanto falava ao telefone e também desenhava para registrar coreografias das aulas de dança que dava.

Na graduação em arquitetura o desenho era um meio de ler o espaço, o rascunho ou croqui, indicando um fluxo, uma prática no espaço, uma ideia rápida ou pensamento. Gostava dos desenhos que transmitiam alguma ideia ou relação e que não necessariamente pareciam super bem acabados ou realistas.

¹ 2019, Exposição individual, curadoria Anna Moraes, Galeria do Coletivo Nacasa

² Espaço Cultural independente gerido por coletivo de artistas que, utilizam o espaço como ateliê oferecendo cursos de arte, residências e exposições temporárias em Florianópolis.

³ Intitulado "Aproximação, Intersecção, Reverberação - Habitando e construindo narrativas pelas espacialidades do comércio de rua" Finalizado em 2018, com orientação da professora Marina Toneli, co-orientação de Almir de Paris e defendido no departamento de arquitetura e urbanismo da UFSC.

Ao revisitar minha relação com o desenho começo a perceber o desenhar como uma forma de estar presente nos lugares e de se colocar em relação a um entorno - muitas vezes em um lugar de descompromisso, de brincadeira e de não-obrigação. "Um descompromisso levado à sério" foi o título que encontramos para a minha primeira exposição. Nesse processo, de busca de título, produzi uma anotação/desenho "nome de exposição" que, na exposição, ficou ao lado do texto curatorial da Anna.

A exposição contava com desenhos feitos em contextos variados, durante deslocamentos em transportes mas também em outras situações, na praia, em casa etc. Naquele momento, apesar de já desenhar em ônibus, ainda não existia o "absorver ruídos" mas na minha anotação já apareciam elementos do seu universo como "escuta - estado de presença que disponibiliza o corpo ao movimento - corpo passagem - corpo poroso - estado poroso - escuta porosa".

Durante o processo de montagem (que foi o momento de criação da exposição), percebi que estava envolvido, também, por um processo instalativo. Coloquei todos os desenhos e caderninhos no chão, procurando por proximidades temáticas/formais/processuais/afetivas, testando possibilidades de composição e relação, criando ritmose composições entre os trabalhos por livre associação.

A ação de condensar, espalhar e instalar em uma suporte/superfície, seja a parede, o chão, um mapa, uma publicação ou uma página web (por exemplo) têm sido um método recorrente na minha prática como uma forma de escutar, percorrer e apresentar um processo.

absorver ruídos publicação¹

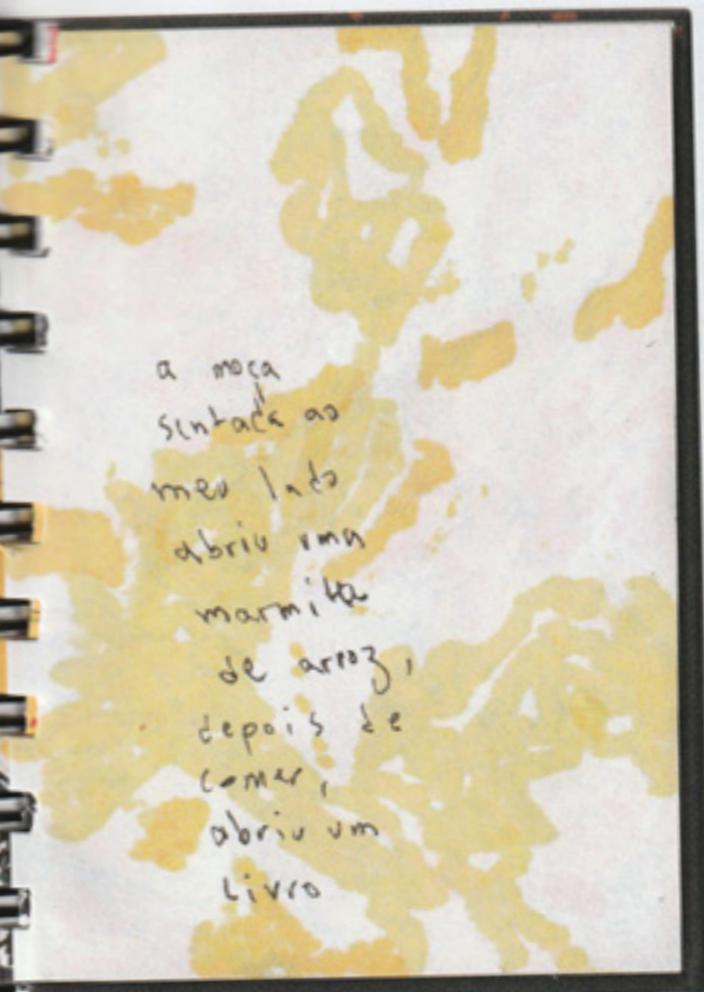
Em 2020, produzi uma publicação virtual, com possibilidade de impressão A4, com alguns desenhos de *absorver ruídos*. A publicação envolveu a produção de um arquivo composto pela digitalização de 12 caderninhos, a seleção de 22 desenhos e a elaboração de um texto.

Durante o processo me deparei com o desafio de organizar um volume de desenhos e selecionar uma quantidade limitada. Nesse processo me pareceu conveniente separar o arquivo em três grandes grupos que relacionavam cada um aspectos formais/processuais dos desenhos e a escuta do corpo.

por um conjunto
posição de escuta
desenhos que faço
escutando interferir
mas a partir das
na proposição de
o, pode ser uma
o a partir do que
s, coluna, crânio,

a partir de uma
x. São desenhos
rindo conduzir o
ele, pesquisando
enho produzem
um movimento,
ou cadência do
orno ao desenho,

asa da Fundação
as, disponível em .

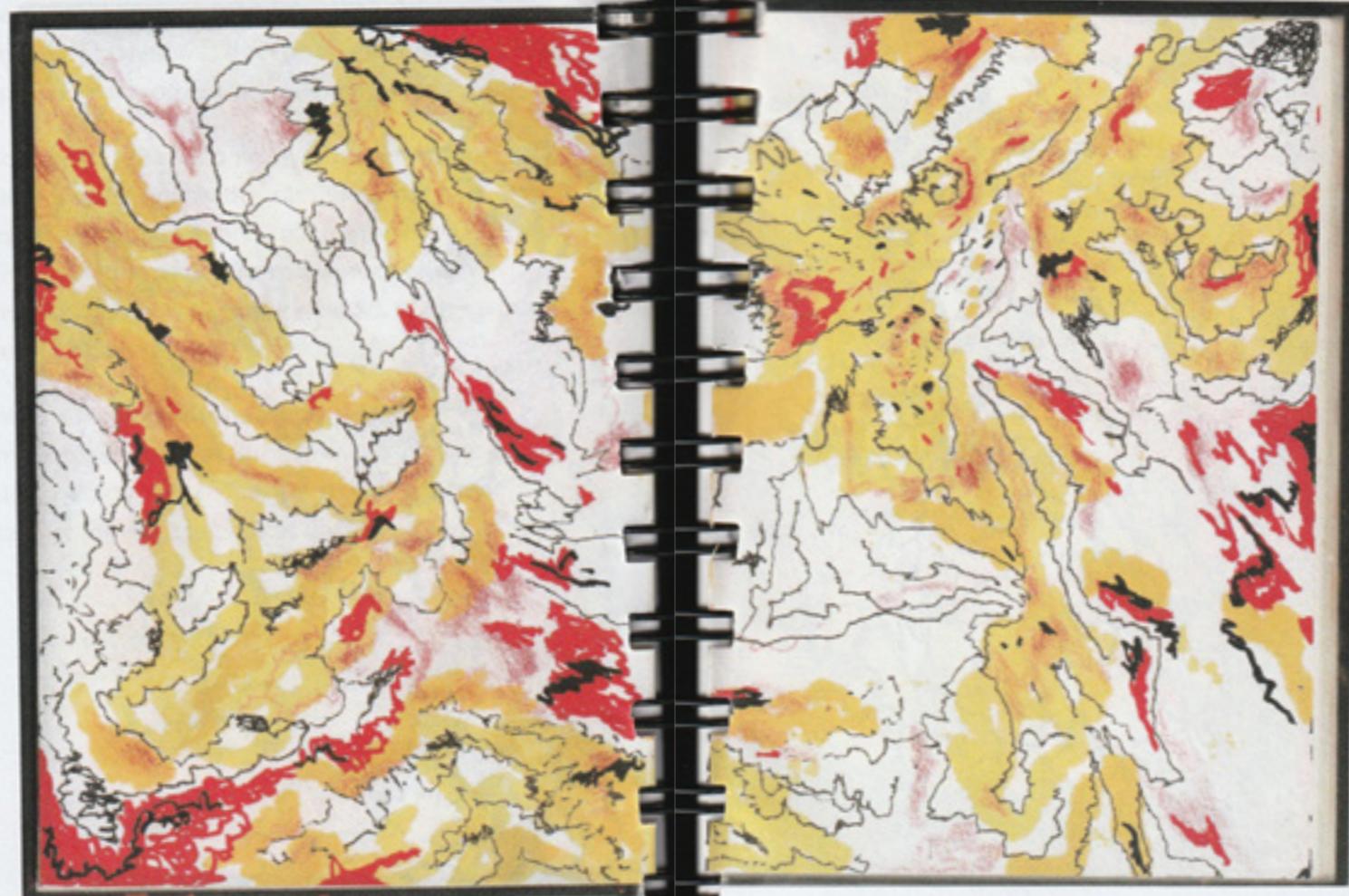


Ao revisitar minha relação com o desenho começo a perceber o desenhar como uma forma de estar presente nos lugares e de se colocar em relação a um entorno - muitas vezes em um lugar de descompromisso, de brincadeira e de não-obrigação. "Um descompromisso levado à sério" foi o título que encontramos para a minha primeira exposição. Nesse processo, de busca de título, produzi uma anotação/desenho "nome de exposição" que, na exposição, ficou ao lado do texto curatorial da Anna.

A exposição contava com desenhos feitos em contextos variados, durante deslocamentos em transportes mas também em outras situações, na praia, em casa etc. Naquele momento, apesar de já desenhar em ônibus (e a minha anotação já "escuta - estado de p - corpo passagem -

Durante o processo da exposição), per processo instalativo chão, procurando p afetivas, testando p ritmose composição

A ação de condensar seja a parede, o chão (por exemplo) têm como uma forma de



absorver ruídos publicação¹

Em 2020, produzi uma publicação virtual, com possibilidade de impressão A4, com alguns desenhos de *absorver ruídos*. A publicação envolveu a produção de um arquivo composto pela digitalização de 12 caderninhos, a seleção de 22 desenhos e a elaboração de um texto.

Durante o processo me deparei com o desafio de organizar um volume de desenhos e selecionar uma quantidade limitada. Nesse processo me pareceu conveniente separar o arquivo em três grandes grupos que relacionavam cada um aspectos formais/processuais dos escuta do corpo.

o por um conjunto posição de escuta desenhos que faço buscando interferir mas a partir das ma proposição de to, pode ser uma no a partir do que os, coluna, crânio,

a partir de uma vo. São desenhos urando conduzir o ele, pesquisando desenho produzem ra um movimento, o ou cadência do torno ao desenho,

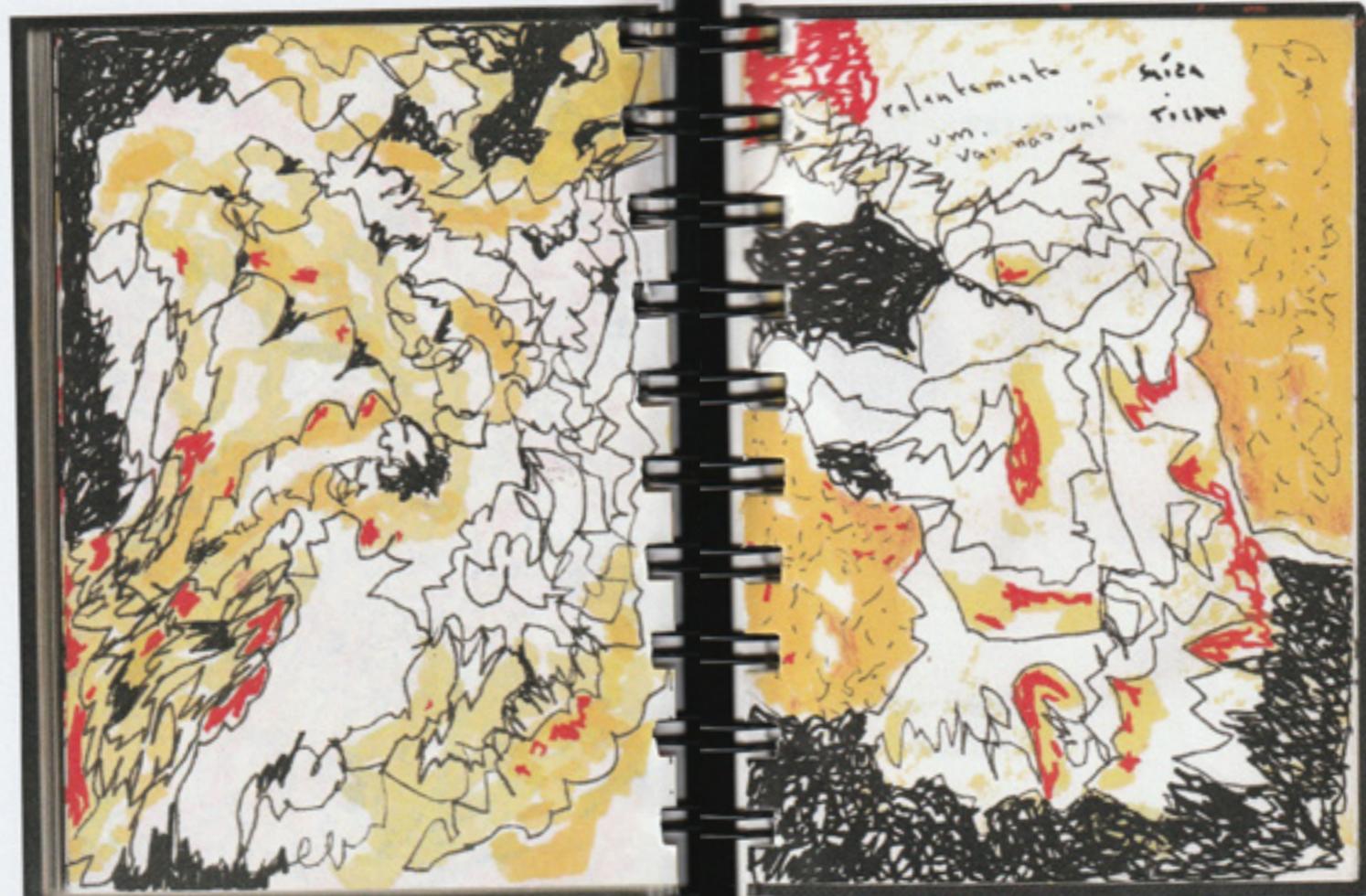
causa da Fundação ginias, disponível em .

Ao revisitar minha relação com o desenho começo a perceber o desenhar como uma forma de estar presente nos lugares e de se colocar em relação a um entorno - muitas vezes em um lugar de descompromisso, de brincadeira e de não-obrigação. "Um descompromisso levado à sério" foi o título que encontramos para a minha primeira exposição. Nesse processo, de busca de título, produzi uma anotação/desenho "nome de exposição" que, na exposição, ficou ao lado do texto curatorial da Anna.

A exposição contava com desenhos feitos em contextos variados, durante deslocamentos em transportes mas também em outras situações, na praia, em casa etc. Nesse momento, apesar de já desenhar em ônibus, minha anotação já: "escuta - estado de - corpo passagem -

Durante o processo da exposição), no processo instalativo, procurando por afetivas, testando ritmo e composição

A ação de condensar seja a parede, o chão (por exemplo) têm como uma forma de



absorver ruídos publicação¹

Em 2020, produzi uma publicação virtual, com possibilidade de impressão A4, com alguns desenhos de *absorver ruídos*. A publicação envolveu a produção de um arquivo composto pela digitalização de 12 caderninhos, a seleção de 22 desenhos e a elaboração de um texto.

Durante o processo me deparei com o desafio de organizar um volume de desenhos e selecionar uma quantidade limitada. Nesse processo me pareceu conveniente separar o arquivo em três grandes grupos que relacionem, cada um, aspectos formais/processuais dos

escuta do corpo.

o por um conjunto posição de escuta desenhos que faço buscando interferir rmas a partir das ma proposição de to, pode ser uma no a partir do que os, coluna, crânio,

a partir de uma to. São desenhos urando conduzir o ele, pesquisando esenho produzem ra um movimento, o ou cadência do torno ao desenho,

ca da Fundação ginas, disponível em .

Ao revisitar minha relação com o desenho começo a perceber o desenhar como uma forma de estar presente nos lugares e de se colocar em relação a um entorno - muitas vezes em um lugar de descompromisso, de brincadeira e de não-obrigação. "Um descompromisso levado à sério" foi o título que encontramos para a minha primeira exposição. Nesse processo, de busca de título, produzi uma anotação/desenho "nome de exposição" que, na exposição, ficou ao lado do texto curatorial da Anna.

A exposição contava com desenhos feitos em contextos variados, durante deslocamentos em transportes mas também em outras situações, na praia, no metrô, no ônibus, no trem, no avião, no carro, no celular, no computador, no tablet, no smartphone, no smartwatch, no smart TV, no smart home, no smart car, no smart city, no smart country, no smart world, no smart universe.

Durante o processo da exposição), pelo processo instalativo, no chão, procurando por afetivas, testando ritmose composição

A ação de condensar seja a parede, o chão (por exemplo) têm como uma forma de

absorver ruídos publicação¹

Em 2020, produzi uma publicação virtual, com possibilidade de impressão A4, com alguns desenhos de *absorver ruídos*. A publicação envolveu a produção de um arquivo composto pela digitalização de 12 caderninhos, a seleção de 22 desenhos e a elaboração de um texto.

Durante o processo me deparei com o desafio de organizar um volume de desenhos e selecionar uma quantidade limitada. Nesse processo me pareceu conveniente separar o arquivo em três grandes grupos que relacionavam cada um aspectos formais/processuais dos desenhos: a escuta do corpo.

o por um conjunto de posição de escuta de desenhos que faço buscando interferir formas a partir das uma proposição de ponto, pode ser uma linha a partir do que os, coluna, crânio,

a partir de uma linha. São desenhos buscando conduzir o olhar, ele, pesquisando o desenho produzem para um movimento, o ou cadência do entorno ao desenho,

uma casa da Fundação de Artes, disponível em .



Ao revisitar minha relação com o desenho começo a perceber o desenhar como uma forma de estar presente nos lugares e de se colocar em relação a um entorno - muitas vezes em um lugar de descompromisso, de brincadeira e de não-obrigação. "Um descompromisso levado à sério" foi o título que encontramos para a minha primeira exposição. Nesse processo, de busca de título, produzi uma anotação/desenho "nome de exposição" que, na exposição, ficou ao lado do texto curatorial da Anna.

A exposição contava com desenhos feitos em contextos variados, durante deslocamentos em transportes mas também em outras situações, na praia, no ônibus, no metrô. Minha anotação já era "escuta - estado de espírito - corpo passagem".

Durante o processo da exposição, no processo instalatório, procurando afetivas, testando ritmos e composições.

A ação de condensar seja a parede, o chão (por exemplo) tem sido como uma forma



absorver ruídos publicação¹

Em 2020, produzi uma publicação virtual, com possibilidade de impressão A4, com alguns desenhos de *absorver ruídos*. A publicação envolveu a produção de um arquivo composto pela digitalização de 12 caderninhos, a seleção de 22 desenhos e a elaboração de um texto.

Durante o processo me deparei com o desafio de organizar um volume de desenhos e selecionar uma quantidade limitada. Nesse processo me pareceu conveniente separar o arquivo em três grandes grupos que relacionavam, cada um, aspectos formais/processuais dos desenhos em graus de tangibilidade e intenção da escuta do corpo.

O primeiro grupo, "nuvem de ruído", era composto por um conjunto de desenhos produzidos a partir de uma proposição de escuta intencionada no osso e nos apoios do corpo. São desenhos que faço de olhos fechados ou sem olhar para o papel, buscando interferir o mínimo possível no desenho, perceber as formas a partir das relações de equilíbrio e desequilíbrio do corpo. Uma proposição de escuta intencionada no osso, no micro movimento, pode ser uma forma de tatear e desenhar a topografia do entorno a partir do que vibra e ressoa pelos apoios do corpo: pés, isquios, coluna, crânio, ombros, cotovelos, punhos.

O segundo grupo reúne desenhos produzidos a partir de uma proposição de escuta intencionada no contorno. São desenhos que faço geralmente olhando para o papel, procurando conduzir o desenho e ao mesmo tempo ser conduzido por ele, pesquisando os efeitos que a relação corpo-movimento-desenho produzem no desenho, usando os ruídos como embalo para um movimento, amplificando-os, reforçando algum tipo de ritmo ou cadência do percurso, antecipando algumas formas - dou contorno ao desenho,

¹ projeto realizado através do Edital #culturaemsuacasa da Fundação Catarinense de Cultura. 2020, Publicação, 14 x 21 cm, 40 páginas, disponível em www.villasgabriel.com/absorverruídos-ebook.

ao mesmo tempo que ele parece sugerir sua própria continuidade, numa espécie de múltiplas quase formas.

No terceiro grupo selecionei desenhos nos quais percebo minha escuta mais intencionada à paisagem visual do entorno, buscando trazer para o desenho elementos visuais do contexto do ônibus e da estrada: pessoas; postes; montanhas; ruas; árvores; carros; vegetação; placas de trânsito e etc. A impossibilidade de desenhar sem a interferência dos ruídos e a velocidade com que a paisagem muda, faz com que muitas vezes esses elementos, a princípio figurativos, escapem, sendo absorvidos no desenho tremidos, deformados e incompletos, revelando também a presença dos ruídos e no movimento nessa relação.

A publicação *absorver ruídos* concentra 11 pares de desenhos do primeiro grupo, a nuvem de ruído. Ao tentar separar a produção em três grupos percebi que muitos desenhos se enquadram em mais de uma categoria ao mesmo tempo ou em nenhuma delas.

Atualmente organizo o arquivo digital de absorver ruídos de acordo com os caderninhos, por facilitar a indexação do trabalho. Ainda assim, percebo que a separação em três grupos foi importante para começar a visualizar - ainda que enjambrando - as proposições que invento pra mim mesmo quando desenho em deslocamento.

Uma proposição de escuta pode intencionar diferentes formas de se perceber/posicionar/relacionar com os espaços. As proposições procuram tangenciar e relacionar possibilidades de amplitude da escuta, indo das relações mais internas que acontecem no osso, passando pelo contorno e chegando no espaço do entorno - um embrulho abrindo e se embolando nesse processo.

As proposições também articulavam possibilidades de intenção (peso da mão) ou tónus da escuta, investigando as relações entre conduzir e ser conduzido (e tudo que há no meio) através de proposições de escuta com diferentes grãos de porosidade, receptividade e disponibilidade.

Assim como na exposição "um descompromisso levado à sério" (2019), a produção da publicação foi um momento de escutar e refletir sobre um processo. As reflexões sobre a tangibilidade e tónus da escuta organizavam também (de forma discreta) o texto que envolvia a publicação, como uma forma de incorporar na publicação algo do momento da prática do desenho.

De forma contraditória, foi um texto que escrevi sentado em casa, pela restrição aos deslocamentos durante a pandemia, mas que busquei ressoar através da escrita e da memória a experiência de desenhar em deslocamento. Após publicada, segui mexendo no texto da publicação que mais tarde intitulei de "texto de arranque" - e
va versão.



ao mesmo tempo que ele parece sugerir sua própria continuidade, numa espécie de múltiplas quase formas.

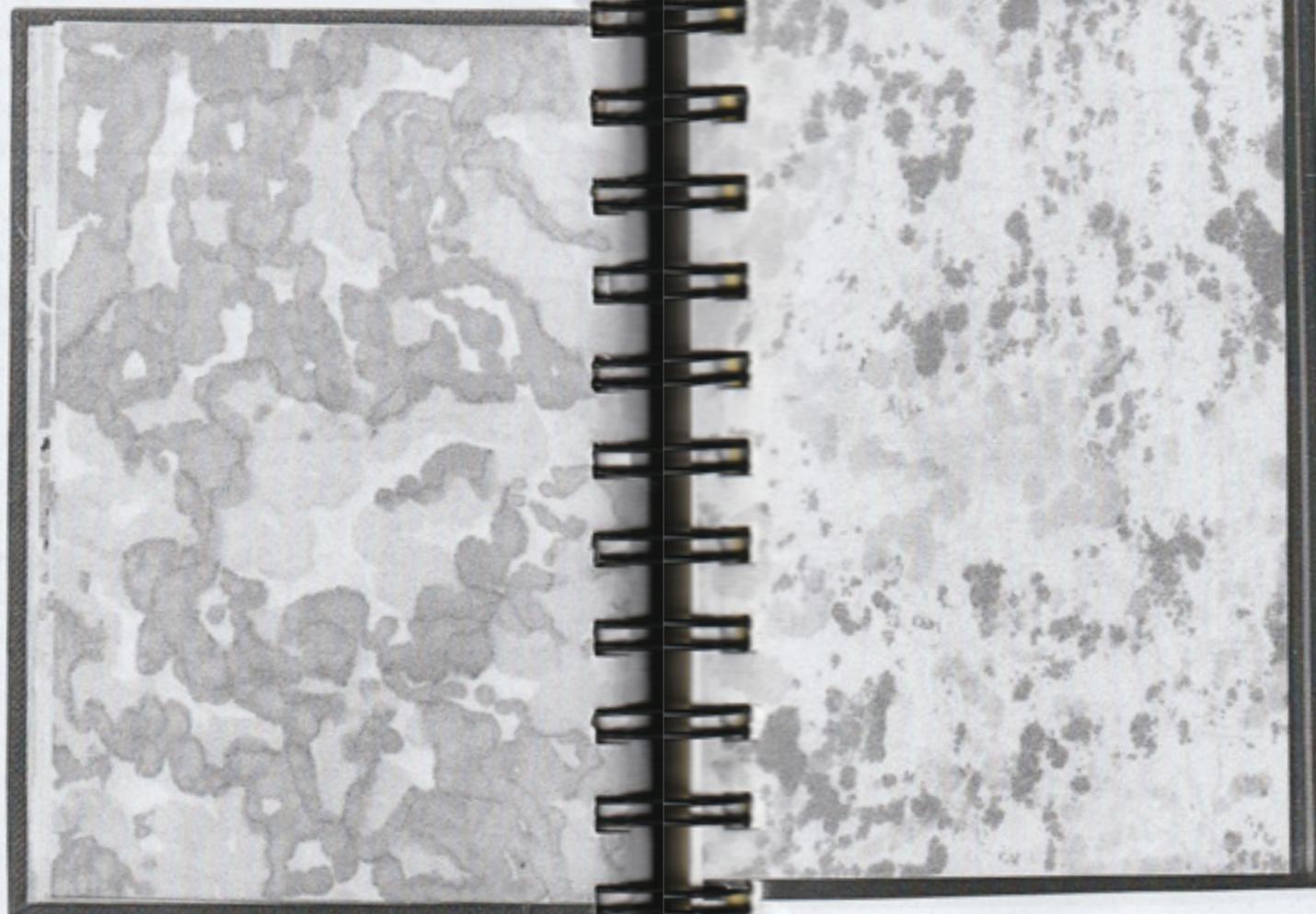
No terceiro grupo selecionei desenhos nos quais percebo minha escuta mais intencionada à paisagem visual do entorno, buscando trazer para o desenho elementos visuais do contexto do ônibus e da estrada: pessoas; postes; montanhas; ruas; árvores; carros; vegetação; placas de trânsito e etc. A impossibilidade de desenhar sem a interferência dos ruídos e a velocidade com que a paisagem muda, faz com que muitas vezes esses elementos, a princípio figurativos, escapem, sendo absorvidos no desenho tremidos, deformados e incompletos, revelando também a presença dos ruídos e no movimento nessa relação.

A publicação absorve o primeiro grupo, a nuvem de três grupos percebi que uma categoria ao mesmo tempo.

Atualmente organizo os caderninhos, assim, percebo que a começar a visualizar - invento pra mim mesmo.

Uma proposição de escuta se perceber/posiciona procuram tangenciar a escuta, indo das relações passando pelo contorno embrulho abrindo e se

As proposições também (peso da mão) ou tentam entre conduzir e ser de proposições de escuta de receptividade e disponibilidade.



Assim como na exposição "um descompromisso levado à sério" (2019), a produção da publicação foi um momento de escutar e refletir sobre um processo. As reflexões sobre a tangibilidade e o tom da escuta organizavam também (de forma discreta) o texto que envolvia a publicação, como uma forma de incorporar na publicação algo do momento da prática do desenho.

De forma contraditória, foi um texto que escrevi sentado em casa, pela restrição aos deslocamentos durante a pandemia, mas que busquei ressoar através da escrita e da memória a experiência de desenhar em deslocamento. Após publicada, segui mexendo no texto da publicação que mais tarde intitulei de "texto de arranque" - e

na versão.

ao mesmo tempo que ele parece sugerir sua própria continuidade, numa espécie de múltiplas quase formas.

No terceiro grupo selecionei desenhos nos quais percebo minha escuta mais intencionada à paisagem visual do entorno, buscando trazer para o desenho elementos visuais do contexto do ônibus e da estrada: pessoas; postes; montanhas; ruas; árvores; carros; vegetação; placas de trânsito e etc. A impossibilidade de desenhar sem a interferência dos ruídos e a velocidade com que a paisagem muda, faz com que muitas vezes esses elementos, a princípio figurativos, escapem, sendo absorvidos no desenho tremidos, deformados e incompletos, revelando também a presença dos ruídos e no movimen

A publicação absorve o primeiro grupo, a nu três grupos percebi c uma categoria ao me

Atualmente organizo com os caderninhos assim, percebo que começo a visualizar invento pra mim mes

Uma proposição de se perceber/posiciono procuram tangencia escuta, indo das rel passando pelo cont ombulho abrindo e e

As proposições tan (peso da mão) ou entre conduzir e se de proposições de receptividade e disp



Assim como na exposição "um descompromisso levado à sério" (2019), a produção da publicação foi um momento de escutar e refletir sobre um processo. As reflexões sobre a tangibilidade e tons da escuta organizavam também (de forma discreta) o texto que envolvia a publicação, como uma forma de incorporar na publicação algo do momento da prática do desenho.

De forma contraditória, foi um texto que escrevi sentado em casa, pela restrição aos deslocamentos durante a pandemia, mas que busquei ressoar através da escrita e da memória a experiência de desenhar em deslocamento. Após publicada, segui mexendo no texto da publicação que mais tarde intitulei de "texto de arranque" - e

va versão.

ao mesmo tempo que ele parece sugerir sua própria continuidade, numa espécie de múltiplas quase formas.

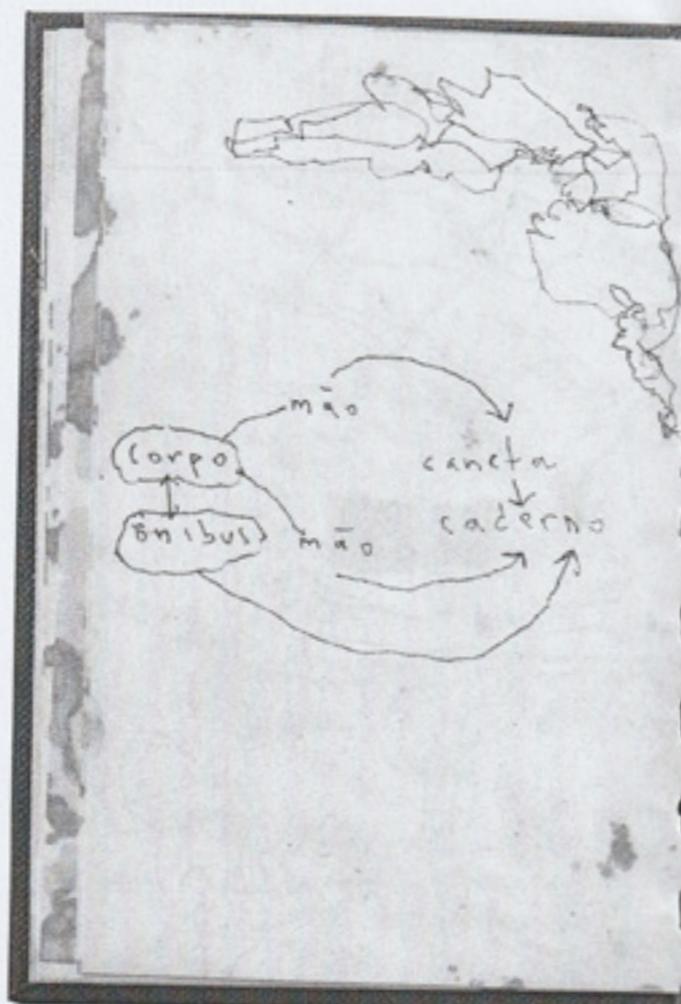
No terceiro grupo selecionei desenhos nos quais percebo minha escuta mais intencionada à paisagem visual do entorno, buscando trazer para o desenho elementos visuais do contexto do ônibus e da estrada: pessoas; postes; montanhas; ruas; árvores; carros; vegetação; placas de trânsito e etc. A impossibilidade de desenhar sem a interferência dos ruídos e a velocidade com que a paisagem muda, faz com que muitas vezes esses elementos, a princípio figurativos, escapem, sendo absorvidos no desenho tremidos, deformados e incompletos, revelando também a presença dos ruídos e no movim

A publicação *abs* primeiro grupo, a n três grupos perceb uma categoria ao n

Atualmente organi com os caderninh assim, percebo que começar a visualiz invento pra mim m

Uma proposição d se perceber/posici procuram tangenc escuta, indo das r passando pelo cor embrulho abrindo e

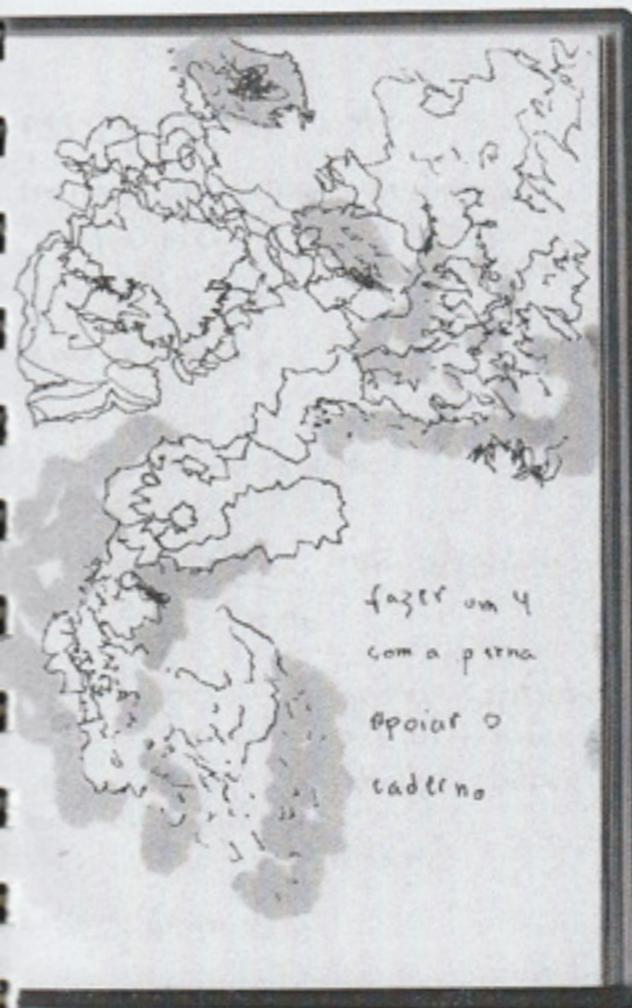
As proposições tr (peso da mão) o entre conduzir e s de proposições d receptividade e dis



Assim como na exposição "um descompromisso levado à sério" (2019), a produção da publicação foi um momento de escutar e refletir sobre um processo. As reflexões sobre a tangibilidade e tónus da escuta organizavam também (de forma discreta) o texto que envolvia a publicação, como uma forma de incorporar na publicação algo do momento da prática do desenho.

De forma contraditória, foi um texto que escrevi sentado em casa, pela restrição aos deslocamentos durante a pandemia, mas que busquei ressoar através da escrita e da memória a experiência de desenhar em deslocamento. Após publicada, segui mexendo no texto da publicação que mais tarde intitulei de "texto de arranque" - e

va versão.



ao mesmo tempo que ele parece sugerir sua própria continuidade, numa espécie de múltiplas quase formas.

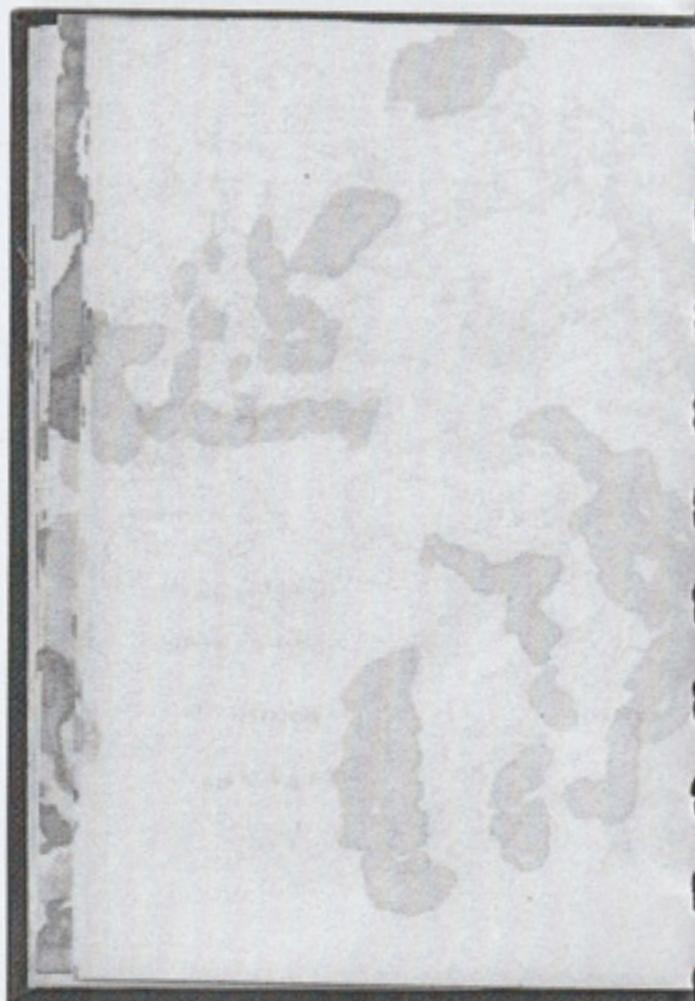
No terceiro grupo selecionei desenhos nos quais percebo minha escuta mais intencionada à paisagem visual do entorno, buscando trazer para o desenho elementos visuais do contexto do ônibus e da estrada: pessoas; postes; montanhas; ruas; árvores; carros; vegetação; placas de trânsito e etc. A impossibilidade de desenhar sem a interferência dos ruídos e a velocidade com que a paisagem muda, faz com que muitas vezes esses elementos, a princípio figurativos, escapem, sendo absorvidos no desenho tremidos, deformados e incompletos, revelando também a presença dos ruídos e no movim

A publicação *abs* primeiro grupo, a r três grupos percept uma categoria ao r

Atualmente organi com os caderninh assim, percebo qu começar a visualiz invento pra mim m

Uma proposição c se perceber/posici procuram tangenc escuta, indo das r passando pelo co embrulho abrindo

As proposições t (peso da mão) c entre conduzir e s de proposições d receptividade e dis



Assim como na exposição "um descompromisso levado à sério" (2019), a produção da publicação foi um momento de escutar e refletir sobre um processo. As reflexões sobre a tangibilidade e tónus da escuta organizavam também (de forma discreta) o texto que envolvia a publicação, como uma forma de incorporar na publicação algo do momento da prática do desenho.

De forma contraditória, foi um texto que escrevi sentado em casa, pela restrição aos deslocamentos durante a pandemia, mas que busquei ressoar através da escrita e da memória a experiência de desenhar em deslocamento. Após publicada, segui mexendo no texto da publicação que mais tarde intitulei de "texto de arranque" - e que pode ser lido no início deste bloco, em uma nova versão.

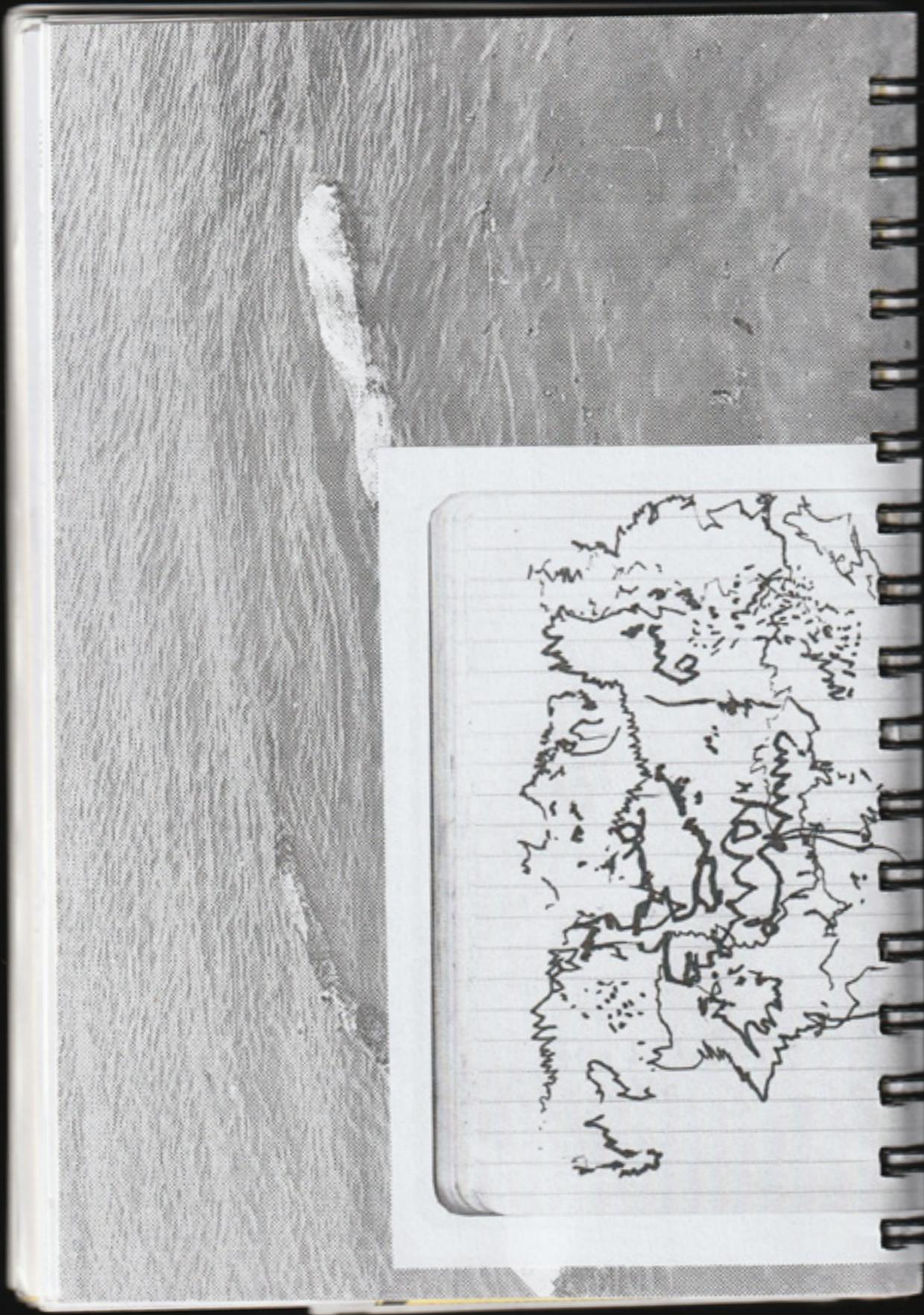
sentir no OSSO

Às vezes esquecia que morava no litoral. Geralmente entrava no mar correndo, pra dar coragem. Saía correndo do mesmo jeito. Gostava do susto, mas não permanecia muito. Um dia, uma amiga



sentir no OSSO

As vezes esquecia que morava no litoral. Geralmente entrava no mar correndo, pra dar coragem. Saia correndo do mesmo jeito. Gostava do susto, mas não permanecia muito. Um dia, uma amiga



sentir no OSSO

Às vezes esquecia que morava no litoral. Geralmente entrava no mar correndo, pra dar coragem. Saia correndo do mesmo jeito. Gostava do susto, mas não permanecia muito. Um dia, uma amiga

apoiar o
osso

soltar o
músculo

apoiar pela
pele das
costas

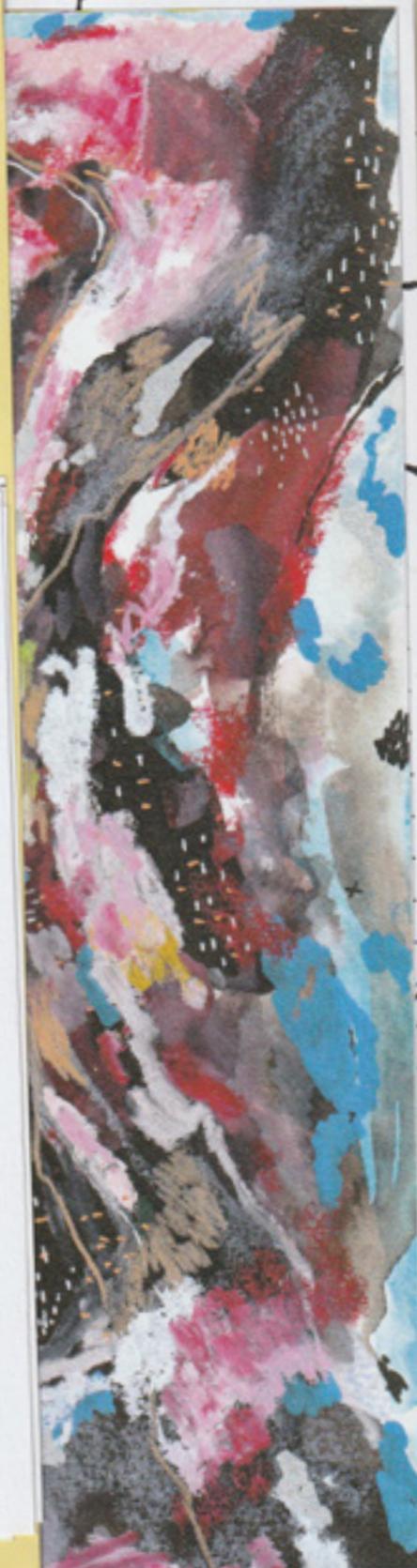
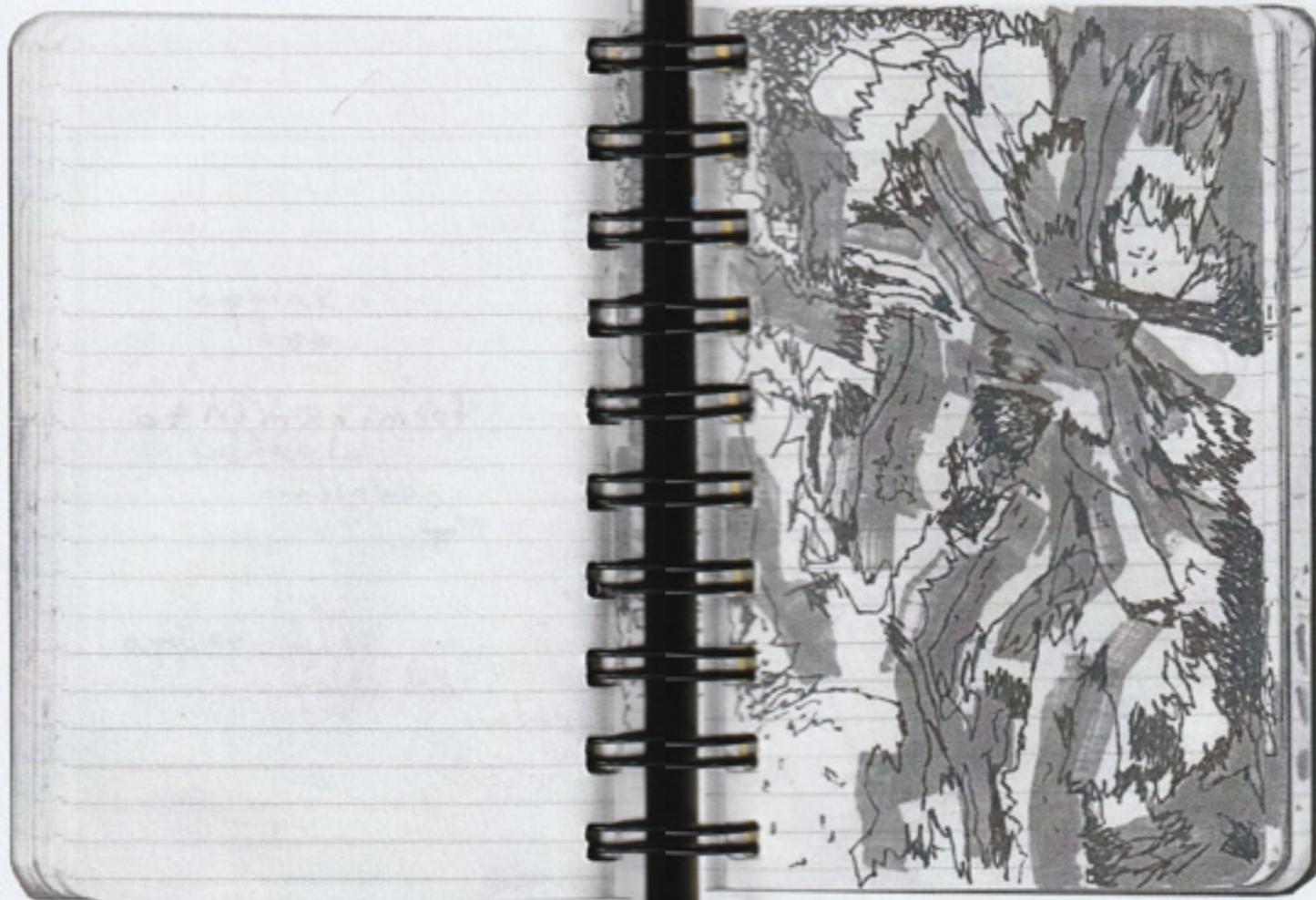
formigamento

III



sentir no OSSO

Às vezes esquecia que morava no litoral. Geralmente entrava no mar correndo, pra dar coragem. Saía correndo do mesmo jeito. Gostava do susto, mas não permanecia muito. Um dia, uma amiga



sentir no OSSO

Às vezes esquecia que morava no litoral. Geralmente entrava no mar correndo, pra dar coragem. Saía correndo do mesmo jeito. Gostava do susto, mas não permanecia muito. Um dia, uma amiga



sentir no OSSO

Às vezes esquecia que morava no litoral. Geralmente entrava no mar correndo, pra dar coragem. Saía correndo do mesmo jeito. Gostava do susto, mas não permanecia muito. Um dia, uma amiga

foi de entrar em uma

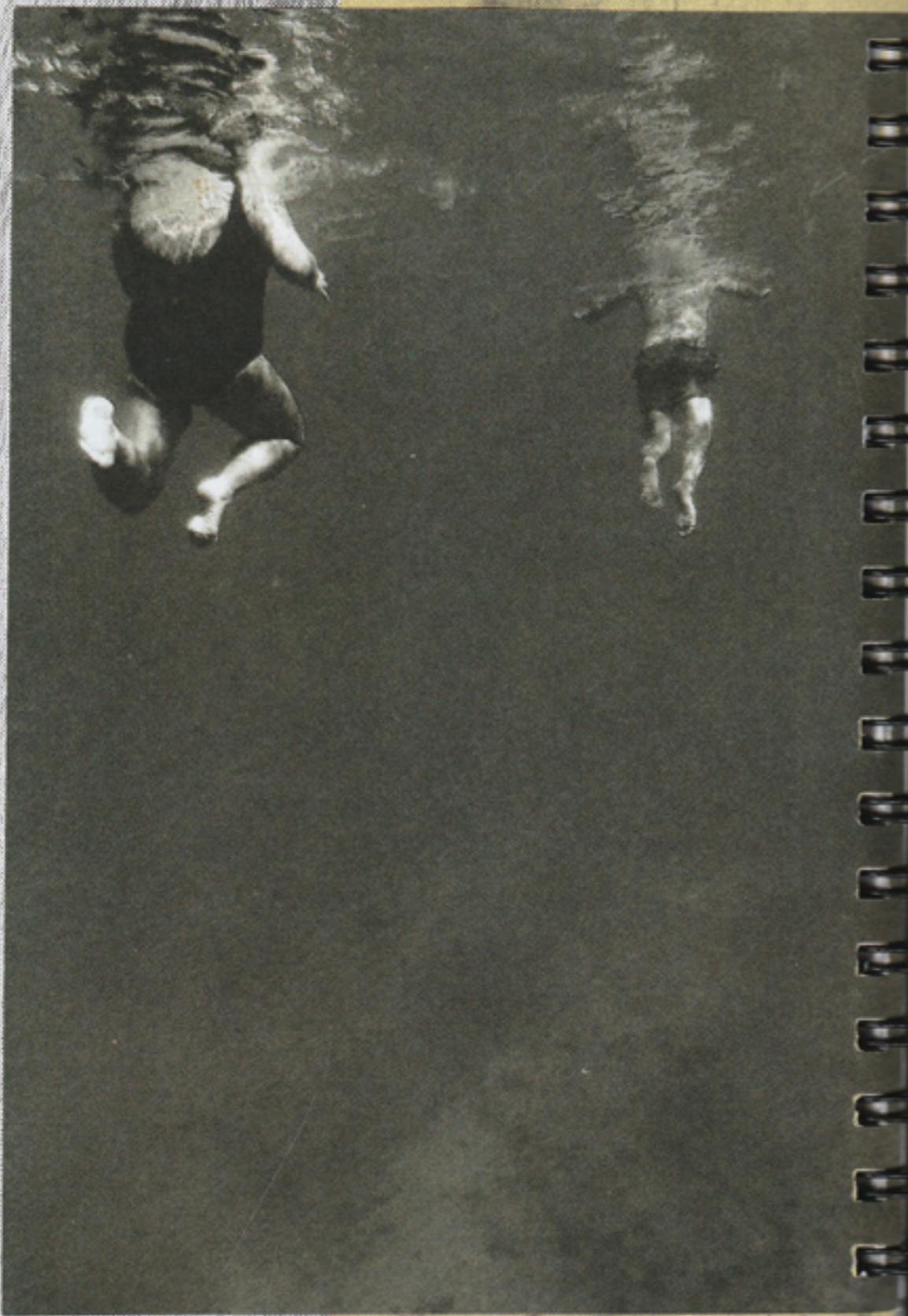


sentir no OSSO

Às vezes esquecia que morava no litoral. Geralmente entrava no mar correndo, pra dar coragem. Saia correndo do mesmo jeito. Gostava do susto, mas não permanecia muito. Um dia, uma amiga falou da sensação de entrar em uma cachoeira fria e sentir dor nos ossos... sentir no osso, doer no osso... que é diferente de sentir na carne ou na pele embora envolva ambos. Ficou com aquilo na cabeça. Suspendeu o dia e foi pra praia. Dessa vez, não entrou no mar correndo. Resolveu entrar devagar, pra sentir a gradação do frio passando pela carne e encostando no osso - quando entrava correndo era o choque térmico que prevalecia - o que não congela evapora. Quando saía do mar, principalmente se tinha sol, sentia o corpo maior. Estava com a cabeça onde deveria estar.







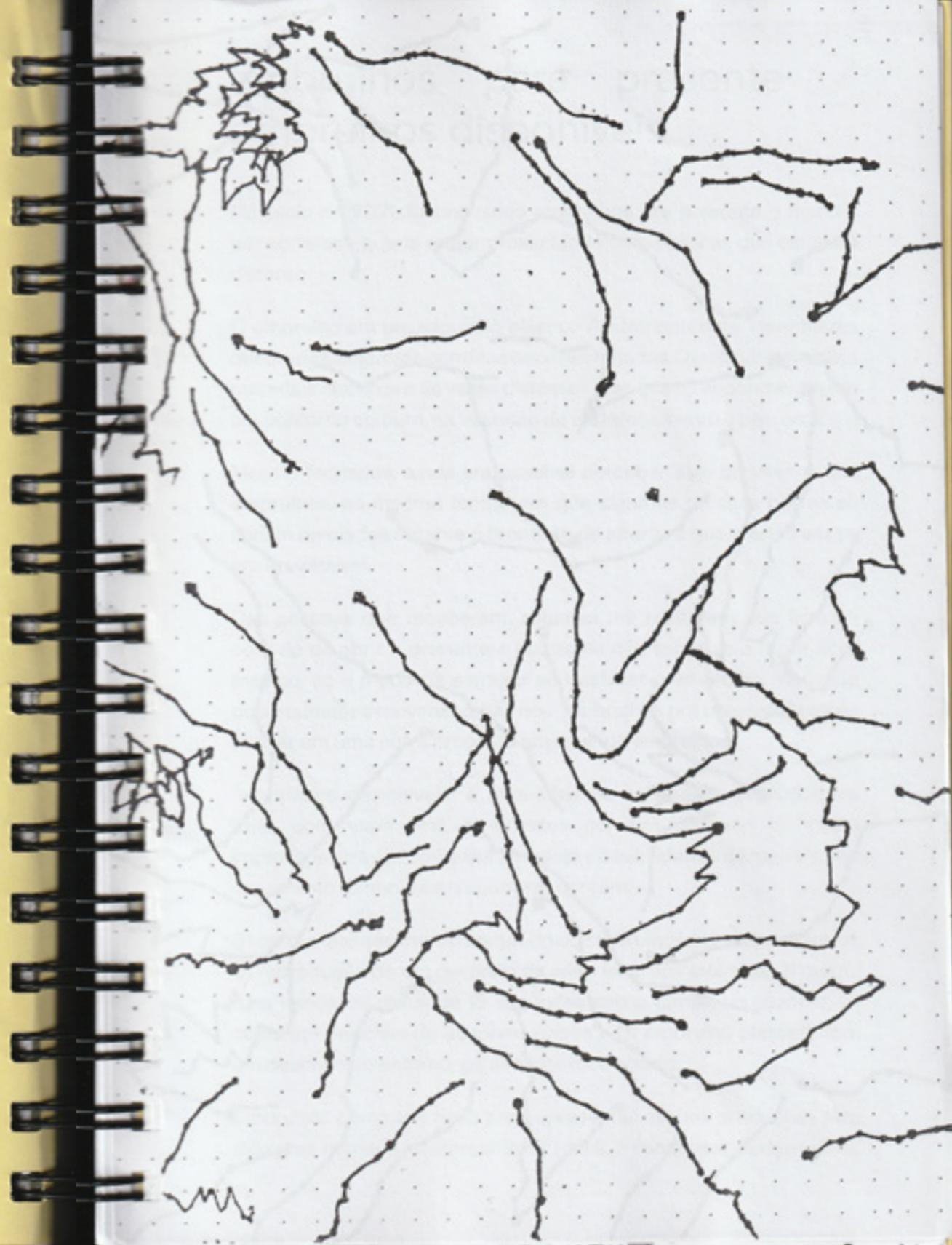
nado cachorrinho

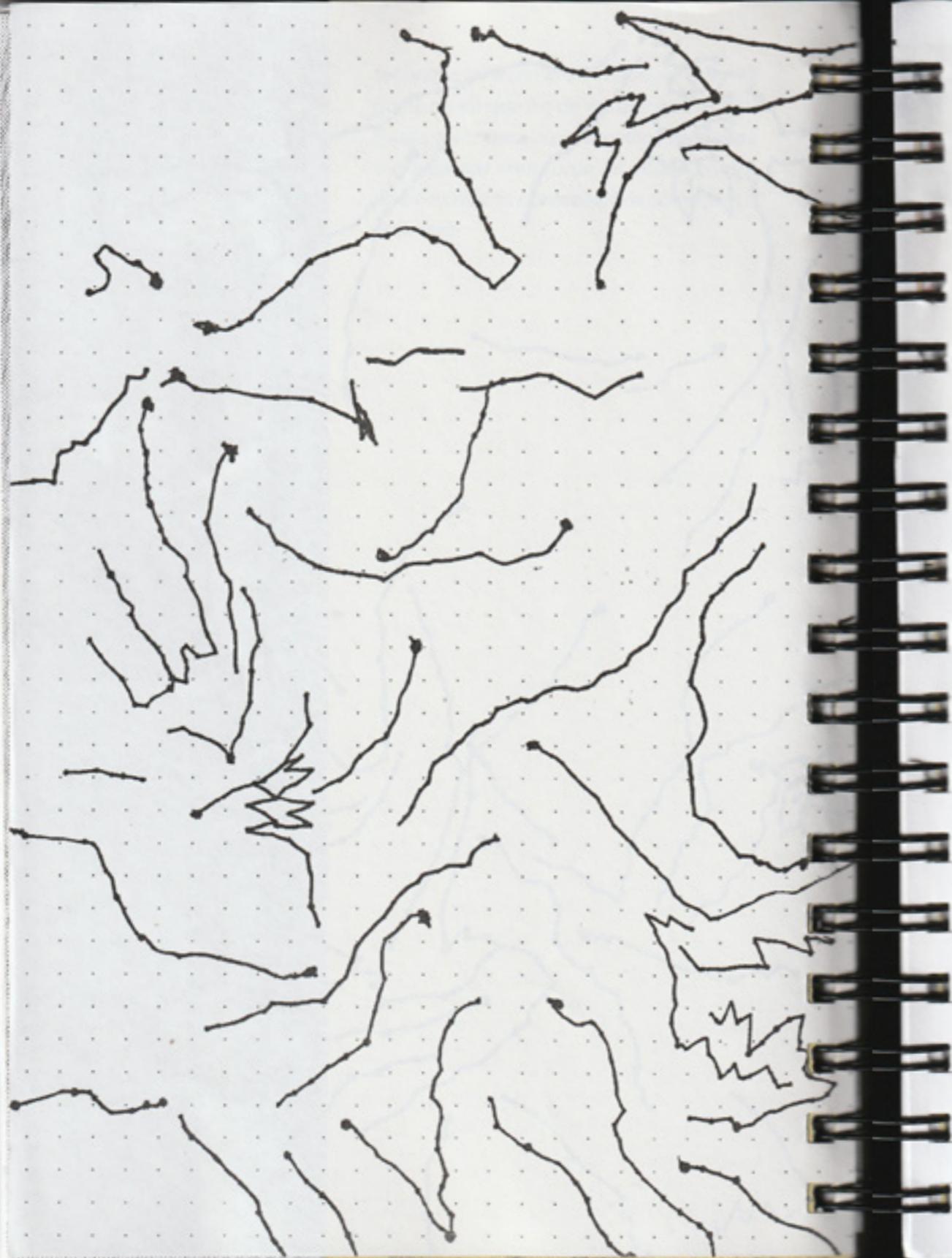
era muito normal e atenta estava com a cabeça onde deveria estar - embora insistissem em dizer ao contrário. Principalmente depois daquela vez que perdeu a chave na cozinha - por alguns minutos - e encontrou dentro da pia. Não era religiosa, apenas chamava por Sonlonguinho - que descobriu mais tarde ser São Longuinho, um santo. Passava mais tempo no sol do que de baixo d'água. Embora o nado cachorrinho possa parecer muito amador, ela o fazia muito bem e de forma bastante normal, nada especial. A cabeça estava onde deveria estar, do lado de fora da água - onde o oxigênio é mais acessível e abundante. Dominava a arte da boiação e intercalava com momentos de imersão. Tinha os ossos das pernas largos que, segundo sua cunhada, herdou da vó (pela parte do pai). Recusava o título de louca e o de gênica tão pouco contemplava, queria passar despercebida. Ela sabia que em algumas situações, tentar se esconder só a deixaria mais em evidência e por isso, não guardava segredos - o que parecia deixar algumas pessoas decepcionadas. Subia e descia do banquinho quando convinha, não elogiava por educação, falava na lata mas também passava panos quentes - tinha o pescoço bastante flexível. Quando deitava ao sol e de olhos





fechados tem um efeito especial que ela gosta muito que é o de ver estrelas de dia. Basta olhar para o sol de olhos fechados e pressionar com força os dedos contra os olhos que as constelações começam a aparecer.





embrulhos para presente / embrulhos disponíveis

No início de 2021, fiz uns cinco embrulhos pra presente e mandei por correios - queria tentar proximidade com pessoas que estavam distante.

O embrulho era um saquinho plástico A4 transparente, desenhado, decorado & segurado com fitas decorez variadas. O embrulho envolvia materiais distintos e às vezes distantes mas que se encontravam em um contorno comum, na intenção de endereçamento e presente.

Mesmo fechados, ainda era possível perceber algo do interior dos embrulhos, ao mesmo tempo em que algumas de suas partes só seriam reveladas durante o processo de abertura que, muitas vezes, era irreversível.

Das pessoas que receberam, algumas me relataram que ficaram com dó de abrir o presente e outras de não saber se era pra abrir mesmo, com medo de estragar ao desfazer o embrulho. Motivado pelas questões movimentadas nos "embrulhos pra presente" resolvi pensar em uma outra proposta envolvendo embrulhos.

"embrulhos disponíveis" é uma série de embrulhos, reprodutíveis (mas com variações), compostos por um conjunto de cinco impressos através dos quais investigo possibilidades de registros do movimento. Embrulhos disponíveis contém:

01 cartão que descreve o conteúdo do embrulho (de fora pra dentro),
01 reprodução de um desenho da série *labareda labirinto*,
01 rastro, uma dança de mãos de 15 segundos sob a tampa do scanner,
01 cópia um desenho de *absorver ruidos* e 01 embrulho plástico com um desenho do entorno, geralmente meu quarto.

Embrulhar como um meio para apresentar minhas produções tem sido uma maneira interessante de reunir e condensar partes soltas,

múltiplas e dispersas sob um contorno comum. Ao mesmo tempo, o embrulho ainda preserva os vãos entre suas partes permitindo múltiplas aproximações e possibilidades de leitura.

Embrulhar também envolve percorrer um processo de abertura/ fechamento no qual venho investigando situações de permeabilidade, transparência e opacidade. Embrulhar também envolve um processo de endereçamento - a uma pessoa ou situação - uma forma transportar e se fazer presente em um espaço.



múltiplas e dispersas sob um contorno comum. Ao mesmo tempo, o embrulho ainda preserva os vãos entre suas partes permitindo múltiplas aproximações e possibilidades de leitura.

Embrulhar também envolve percorrer um processo de abertura/ fechamento no qual venho investigando situações de permeabilidade, transparência e opacidade. Embrulhar também envolve um processo de endereçamento - a uma pessoa ou situação - uma forma transportar e se fazer presente em um espaço.

"embrulhos disponíveis"

é uma série de embrulhos que contém,

de fora para dentro:

-embora eu saiba que você já abriu-

01 embrulho (plástico, com um desenho

do entorno)

01 cópia (de um desenho feito em

deslocamento, dentro do ônibus)

01 rastro (único - e qualquer- feito ao vivo

e apenas uma vez)

01 reprodução (de um desenho)

01 cartão (que você tem em mãos)

vlv/villas, fin 2021

absorverruídos

* @absorverruídos
www.villasobriet.com
villasobriet@gmail.com
(48) 9-6667-7268





trechos

obras¹

Responde a la pregunta de cómo se relacionan los autores con el mundo y la cultura de su época. Se trata de un análisis que debe ser claro y preciso, evitando el exceso de detalles y centrándose en los aspectos más relevantes. Se debe analizar el contenido de los textos, el estilo de escritura y el contexto histórico y social en el que se desarrollaron. Este tipo de análisis es fundamental para comprender la obra y su importancia en la literatura.

Para poder hacer un análisis de los textos es necesario que el lector se familiarice con el contenido de los mismos. Esto se logra leyendo los textos con atención y buscando los aspectos más relevantes. Es importante tener en cuenta el contexto histórico y social en el que se desarrollaron los textos, así como el estilo de escritura y el lenguaje utilizado.

Una vez que se ha leído el texto y se ha buscado el contexto, es necesario que el lector haga un análisis de los aspectos más relevantes. Esto se logra leyendo los textos con atención y buscando los aspectos más relevantes. Es importante tener en cuenta el contexto histórico y social en el que se desarrollaron los textos, así como el estilo de escritura y el lenguaje utilizado.

Es importante tener en cuenta que el análisis de los textos no es una tarea sencilla y requiere de una lectura cuidadosa y atenta. Además, es necesario que el lector tenga conocimientos previos sobre el contexto histórico y social en el que se desarrollaron los textos, así como el estilo de escritura y el lenguaje utilizado.

El análisis de los textos es una tarea fundamental para comprender la obra y su importancia en la literatura. Requiere de una lectura cuidadosa y atenta, así como de conocimientos previos sobre el contexto histórico y social en el que se desarrollaron los textos.

1 trechos aquecimento

trechos entros de contorno

Ao organizar a publicação de absorver ruídos percebi que costumava desenhar quase que exclusivamente nas páginas da direita, deixando as páginas da esquerda vazias muitas vezes. No entanto, durante o processo de montagem da publicação, algo que não havia notado antes ficou evidente: os espaços em branco nas páginas da esquerda sutilmente revelavam a sombra do desenho que estava presente no verso da folha anterior. Ao virar a página, essa sombra não correspondia ao desenho impresso, devido ao rearranjo (remix) que fiz entre os 12 caderninhos.

Passei a dar mais atenção para as possibilidades de interferência de um desenho no outro e as implicações no trabalho enquanto conjunto. Buscando amplificar essas relações comecei a priorizar materiais de desenho que atravessam o papel com mais facilidade, a desenhar em ambas as páginas e a utilizar o fundo ou a sombra de um trajeto percorrido para guiar e conduzir meu percurso seguinte.

Quanto mais tempo a caneta fica em contato com o papel num mesmo ponto, maior é a sombra na folha seguinte e/ou anterior - o tempo de um desenho vaza e se estende ocupando o espaço de mais de uma página. Fica mais perceptível uma outra forma do tempo no desenho marcada pela sobreposição dos momentos de ralentamento, pausa, poça e permanência. O espaço que um desenho ocupava passou a se prolongar.

A partir dessas investigações e no contexto desta dissertação propus "trechos" (2023), uma coleção de doze publicações - expansíveis. Cada publicação é composta por um intervalo de páginas, um trecho fac similar, de dentro de um dos três caderninho, cad13 (AYÓ), cad15 (DADO), cad19 (JÓ).

Esses caderninhos foram preenchidos (mais ou menos) de 2021 a 2023, no período do mestrado, predominantemente em ônibus, e muitas vezes em direção às aulas da pós-graduação (com respingos da vida cotidiana, dos terminais, paradas e exames de rotina). Os doze trechos aparecem distribuídos nas páginas dessa dissertação.

aquecimentos de contorno

Absorver ruídos é uma prática que ocorre em espaços coletivos, às vezes percebo alguém procurando o que estou desenhando - quase desenhando junto. Aquecimentos é uma publicação sonora, um embulho, que veicula um conjunto de exercícios de desenho / proposições de escuta para serem realizados durante deslocamentos em ônibus.

São exercícios que venho pensando, no último ano, também durante meus trajetos cotidianos em ônibus, através de anotações em desenho/escrita e gravações em áudio. A publicação sonora/ embulho de "aquecimentos" é composta por um conjunto de

em branco, um fone
à uma plataforma
de exercícios de
ios/atividades 00_
03_aquecimentos
em a intenção de
uídos do entorno,

n a uma dinâmica
pontos de ônibus,
stes, em agosto de
grupo de pesquisa
ssos experimentais
cuta (DAV/UEDESC)
o boneco piloto.

rocessos experimentais
mente por Raquel Stolf
artísticos aderidos às
ndo diferentes formas
a | Sala de escuta é um
lim no DAV/UEDESC, e
inado por Raquel Stolf,
e outras colaborações.
rvo de publicações de
n-line; evento *Alguma*
artistas, docentes e
coletiva Laboratório de
outubro).

absorverru
idos - aque
cimentos
de contorno

00_abertura
01_antes de sair
02_contorno de
agora
03_aquecimentos de
contorno
04_nuvem de ruído



cimento de contorno surge como um c
de exerci- cios de prop
de escuta onde conv
s pessoas a desenhar
deslocamen- to, no transp
co, com a intenção de co
har uma experiência
e media- da pelo dese
ela escuta dos ruídos
no. São exercícios
o pensan- do, no último a
em durante meus trajetos
os em ôni- bus e prete
la-los como um conjunto
s sonoras que podem
adas du- rante a viagem
em a inten- ção de aque
uzir e sen- sibilizar a esc
os ruídos do entorno, p
o o dese- nhar como m
ndo aliar os exercícios
ecimentos de contorno
dinâmica de intervenção
veiculando estes exerci
posições em pontos de ôni



aquecimentos de contorno

Absorver ruídos é uma prática que ocorre em espaços coletivos, às vezes percebo alguém procurando o que estou desenhando - quase desenhando junto. Aquecimentos é uma publicação sonora, um embrulho, que veicula um conjunto de exercícios de desenho / proposições de escuta para serem realizados durante deslocamentos em ônibus.

São exercícios que venho pensando, no último ano, também durante meus trajetos cotidianos em ônibus, através de anotações em desenho/escrita e gravações em áudio. A publicação sonora/embrulho de "aquecimentos" é composta por um conjunto de materiais: uma caneta, um bloquinho de papéis em branco, um fone de ouvido e um cartão impresso que dá acesso à uma plataforma online. A plataforma online veicula um conjunto de exercícios de desenhos e proposições de escuta em quatro áudios/atividades OO_ abertura, O1_antes de sair, O2_contorno de agora, O3_aquecimentos de contorno,O4_núvem de ruído. Os exercícios têm a intenção de aquecer, conduzir e sensibilizar a escuta aos ruídos do entorno, propondo algumas atividades práticas.

A proposta de "aquecimentos" está aliada também a uma dinâmica de intervenção urbana, podendo ser inserida em pontos de ônibus, terminais e etc. A publicação ainda está fases de testes, em agosto de 2023 ela será realizada através de oficina junto do grupo de pesquisa Proposições artísticas contemporâneas e seus processos experimentais e ao Programa de Extensão Sala de leitura | Sala de escuta (DAV/UEDESC)¹ onde poderei compartilhar o embrulho em sua versão boneco piloto.

¹ *Proposições artísticas contemporâneas e seus processos experimentais* é um grupo de pesquisa criado em 2005, coordenado atualmente por Raquel Stolf e Telma Scherer, reunindo pesquisas vinculadas a projetos artísticos aderidos às noções de experimentação e processos intermídia, envolvendo diferentes formas de apresentação, circulação e agenciamento. Sala de leitura | Sala de escuta é um projeto proposto desde 2015, por Raquel Stolf e Regina Melim no DAV/UEDESC, e desde 2023 acontece como programa de extensão, coordenado por Raquel Stolf, tendo a participação de integrantes do grupo de pesquisa e outras colaborações. Vem realizando três ações: projeto Acervo si-se - um acervo de publicações de artista (impressas e/ou sonoras), para consulta local e on-line; evento *Alguma coisa comentada*, sessões de conversas públicas entre artistas, docentes e pesquisadorxs, presencialmente e/ou on-line; e a oficina coletiva Laboratório de leituras, ranhuras, escritas e escutas (prevista para agosto/outubro).

acontecimientos de contorno

El primer día de la fiesta fue muy bonito. Llegamos a las 10 de la mañana y encontramos a todos los invitados. El ambiente era muy alegre y se empezó a bailar a las 12 del día. Hubo un momento en el que se cantó una canción que todos conocían y se emocionaron todos. Después de eso se continuó con la fiesta y se disfrutó mucho.

El segundo día de la fiesta también fue muy bonito. Llegamos a las 10 de la mañana y encontramos a todos los invitados. El ambiente era muy alegre y se empezó a bailar a las 12 del día. Hubo un momento en el que se cantó una canción que todos conocían y se emocionaron todos. Después de eso se continuó con la fiesta y se disfrutó mucho.

El tercer día de la fiesta también fue muy bonito. Llegamos a las 10 de la mañana y encontramos a todos los invitados. El ambiente era muy alegre y se empezó a bailar a las 12 del día. Hubo un momento en el que se cantó una canción que todos conocían y se emocionaron todos. Después de eso se continuó con la fiesta y se disfrutó mucho.

El cuarto día de la fiesta también fue muy bonito. Llegamos a las 10 de la mañana y encontramos a todos los invitados. El ambiente era muy alegre y se empezó a bailar a las 12 del día. Hubo un momento en el que se cantó una canción que todos conocían y se emocionaron todos. Después de eso se continuó con la fiesta y se disfrutó mucho.

El quinto día de la fiesta también fue muy bonito. Llegamos a las 10 de la mañana y encontramos a todos los invitados. El ambiente era muy alegre y se empezó a bailar a las 12 del día. Hubo un momento en el que se cantó una canción que todos conocían y se emocionaron todos. Después de eso se continuó con la fiesta y se disfrutó mucho.

El sexto día de la fiesta también fue muy bonito. Llegamos a las 10 de la mañana y encontramos a todos los invitados. El ambiente era muy alegre y se empezó a bailar a las 12 del día. Hubo un momento en el que se cantó una canción que todos conocían y se emocionaron todos. Después de eso se continuó con la fiesta y se disfrutó mucho.



o que mais
de consumo

olhar aberto,
fembo, no
cazerno, na
paisagem

estímulos
motor
na pesquisa:
uma direção,
uma textura,
uma reflexão,
um contexto



interior (interno) e pes



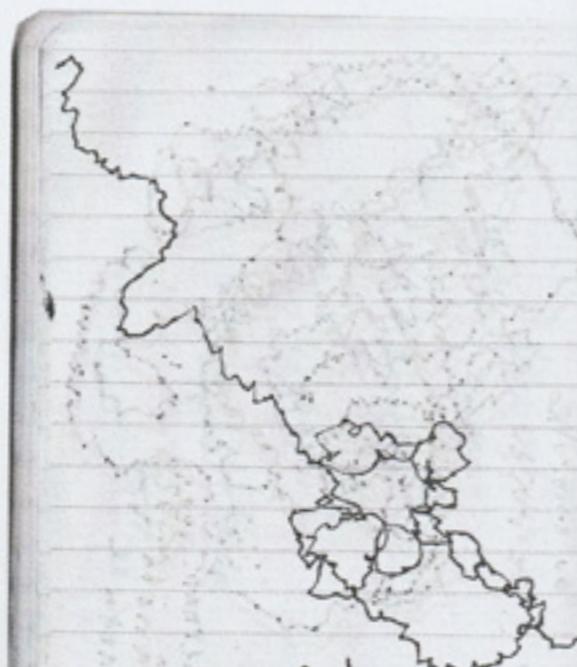
adjuvantes de contorno

Adjuvantes de contorno são aqueles que atuam na formação da resposta imune, estimulando a produção de anticorpos e a ativação das células T. Eles são utilizados em vacinas para aumentar a eficácia da resposta imune.

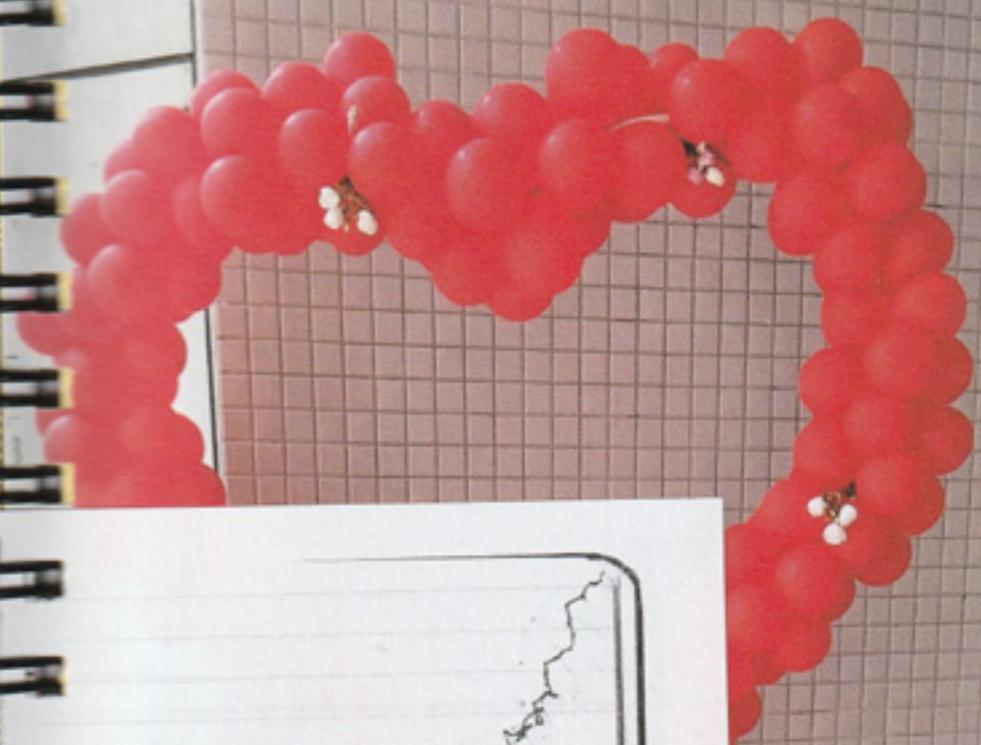


adecimatos de contorno

text on the left page, mostly illegible due to fading and bleed-through.



travar o sistema
de orientação



atravessar as páginas



adecoramentos de casamento

Adornar a sala com corações e flores
de casamento. Adornar a sala com
corações e flores de casamento. Adornar a sala
com corações e flores de casamento.



- ligue os pontos
- ligue os pontos fazendo o maior caminho entre eles
- não ligue os



coletar curativos

Rastro de um rombo, agulhada ou ralada. Como é que se raspa uma cabeça, como se descasca um legume? Cada corte de cabelo é uma esperança renovada. Tapa na nuca. Corte atrás da orelha com navalha, foi acidental - eles disseram. Ferida de contorno passa - de um estado pra outro. Toda a escuta do corpo empenhada no corte feito na ponta do dedo pelo papel, como se o coração batesse ali. Latejar, prender a ferida, soltar a respiração, dar pinta. Essa fanta é fanta. Fruta fresca no corte do outro é fresco.





como
morder um
docinho de
casca dura e
recheio mole

Segurar o docinho com dois dedos, apoiar os dentes e fechar os olhos, morder forte - o suficiente para quebrar a casca. Perder o redondo do docinho. Uma quina da casquinha fura o céu da boca. talvez sangue. Lamber o recheio, metade dele escorre. Um biquinho seguido de "mmm" para represar o líquido. Algo da casca derreteu nesse meio tempo sujou os dois dedos. O docinho já foi e ainda não dá pra entender o sabor. O açúcar arranha a garganta e faz 01 pigarro. O pigarro se mistura com o mole do recheio. Dá uma secura, um lábio cola no outro. Lamber os dedos e soltar os cachorros.





lamber a cicatriz

Lamber a raiz, cortar o mal pela cicatriz, morder e assoprar, deixar a ferida aberta. Lembrava-se com clareza da festa de aniversário de 11 anos. Por algum motivo os aniversários com números ímpares lhe pareciam mais importantes e atraentes. 11, além de tudo, era primo - assim como 19. No aniversário em questão caiu e ralou o joelho, não foi a primeira vez. O foda de ralar o joelho é que a cicatrização é demorada. Toda vez que tomava banho a casquinha voltava a amolecer, toda vez que caminhava a casquinha craquelava, toda vez que batia aquela vontade de arrancar a casquinha, arrancava. Dificultava a cicatrização. Anos depois, ralou a dobra do dedão da mão direita que, digamos, é como se fosse o joelho da mão. Muito se fala da importância do polegar opositor para o desenvolvimento da espécie humana - ou só do homem como preferem algumas bibliografias - e nesses dias em que esteve com o dedão debilitado pode sentir a importância. Com 11 anos o drama era não poder correr (embora corresse mesmo assim) e hoje - com 29 - o problema era não conseguir digitar com rapidez nem lavar a louça. Houve um momento em que se perguntou se iria cicatrizar. Lembrou





de lamber a cicatriz. No pré alguém disse que lamber o sangue ajuda a cicatrizar. depois, na sexta série ou oitava aprendeu que tinha relação com oxigênio, peptídeos, piruvatos, glóbulos, plaquetas e afins - o que também revelava a importância de deixar a ferida aberta, arejando. Ficou com aquilo na cabeça. Estava com a cabeça onde deveria estar. Fez o certo, jogou o bandeide fora, parou de lavar louças, de digitar e dedicou um dia todo da sua vida para lamber a ferida exposta - secando com o secador de cabelo em intervalos regulares. Melhorou, mas segue demorando. Hoje já faz 10 dias do pequeno acidente. cicatriz na dobra é diferente, demora mais. Passou a observar a casquinha, e percebeu que no fim a casquinha ganha uma tonalidade esverdeada. Baseada em sua experiência - com embasamento científico da terceira série - a cicatrização demora mais no começo porque o rombo da ferida é maior. Conforme o rombo vai sendo comido pelas bordas da pele, o processo vai acelerando exponencialmente. Depois que o buraco tá feito, só tende a melhorar - até que piore. É Brasil 2021 e piorar parece sempre uma possibilidade, embora as coisas pareçam bem estáveis nesse momento, ainda que a ferida siga aberta, lateja menos e já criou algum calo.







ABSORVENDOS

LARGARRASTROS

um pra um 197

plano baixo 203

pikachu-salame 205

embrulhos azuis 207

figuras de destaque 210

desmontáveis 211

panfletagem de fechamento 233

postal mercado público de fln 237

antecedentes 240

comércio de rua 243

chopin chão 248

postal mercado público de Florianópolis 248

ação de distribuição no espaço público 251

considerações 253

pesquisa ambulante 255

matéria jornal do zinga 267

balões; torres, arcos, buquês 271

feira do consumidor 275

ofertas esmagadoras 276

contorno de corpo 280

Durante a graduação em Arquitetura e Urbanismo, poucas vezes trabalhei na escala 1:1, o mais habitual era trabalhar na escala 1:50, 1:100 e até na 1:50.000 onde um centímetro traçado no papel equivalia a cinquenta mil centímetros percorridos a pé, por exemplo - às vezes me sentia arrancado para fora do espaço.

Em 2017, no período do TCC², decidi desenvolver uma pesquisa em que eu pudesse pensar a cidade na escala do um pra um. Comecei a fazer visitas à região do centro comercial de Florianópolis, com a intenção de me aproximar, escutar e pesquisar um fragmento de cidade a partir da experiência do meu corpo no espaço.

Estava buscando contornar uma dimensão de cidade que não encontrava nas plantas baixas, nos *mapas de cheios e vazios*, nos índices e indicadores, no planejamento urbano estratégico, no que parecia projetado e programado, mas sim no que acontecia no chão, pelo plano baixo, na escala do um pra um, do tete a tete, do tempo cotidiano - que desliza e escapa ao planejamento urbano. Caminhando pela cidade me empolgava pelas relações cotidianas e pelo urbanismo enquanto dispositivo tático.

Pesquisar a cidade a partir do corpo parecia uma continuidade das pesquisas desenvolvidas na graduação³ e também das minhas experiências com a dança, com o movimento, com o desenho e com a escuta. Como alguém que espia, andava pela cidade com uma escuta disponível para encontrar aquilo que não sabia que estava procurando. As visitas sempre deixavam alguma pista, anotação, rastro de escuta que se materializam em anotações e registros de espaço.

Talvez, como vinha experimentando com absorver ruídos, estava

² intitulado "Aproximação, Intersecção, Reverberação - Habitando e construindo narrativas pelas espacialidades do comércio de rua" Finalizado em 2018, com orientação da professora Marina Toneli, co-orientação de Almir de Paris e defendido no departamento de arquitetura e urbanismo da UFSC.

³ "Experiência perceptiva no processo de projeto arquitetônico" 2016, pesquisa realizada em conjunto do Zaga Philippi, com orientação do Rodrigo Gonçalves e através do PET/ARQ/UFSC (Programa de Educação Tutorial)

investigando uma cidade envolvida não só pelo espaço projetado e edificado mas também, e principalmente, pelo movimento, pelas práticas que atravessavam o edificado, pelas vivências urbanas, pelo fluxos e impermanências, pelo corpo que se impregna de espaço e faz cidade. No contexto da rua, do espaço público e do deslocamento a pé, aos poucos passei a me interessar pelas espacialidades que, muitas vezes, envolviam as atividades do comércio de rua.

No conceito de "Espaços Imantados", a artista Lygia Pape reflete sobre a presença de espaços efêmeros na cidade capazes de produzir situações com um certo magnetismo. Para exemplificar o conceito, ela descreve o trabalho de um comerciante de rua.

"E o camelô também seria uma forma de espaço imantado, no sentido de que ele chega assim numa esquina, abre aquela malinha e começa a falar, criando de repente uma imantação, com as pessoas todas se aproximando, se ligando àquele discurso irregular, às vezes curto, às vezes longo, e de repente ele fecha a boca, fecha a caixinha e o espaço se desfaz" (PAPE LYGIA, 1983, p.47)

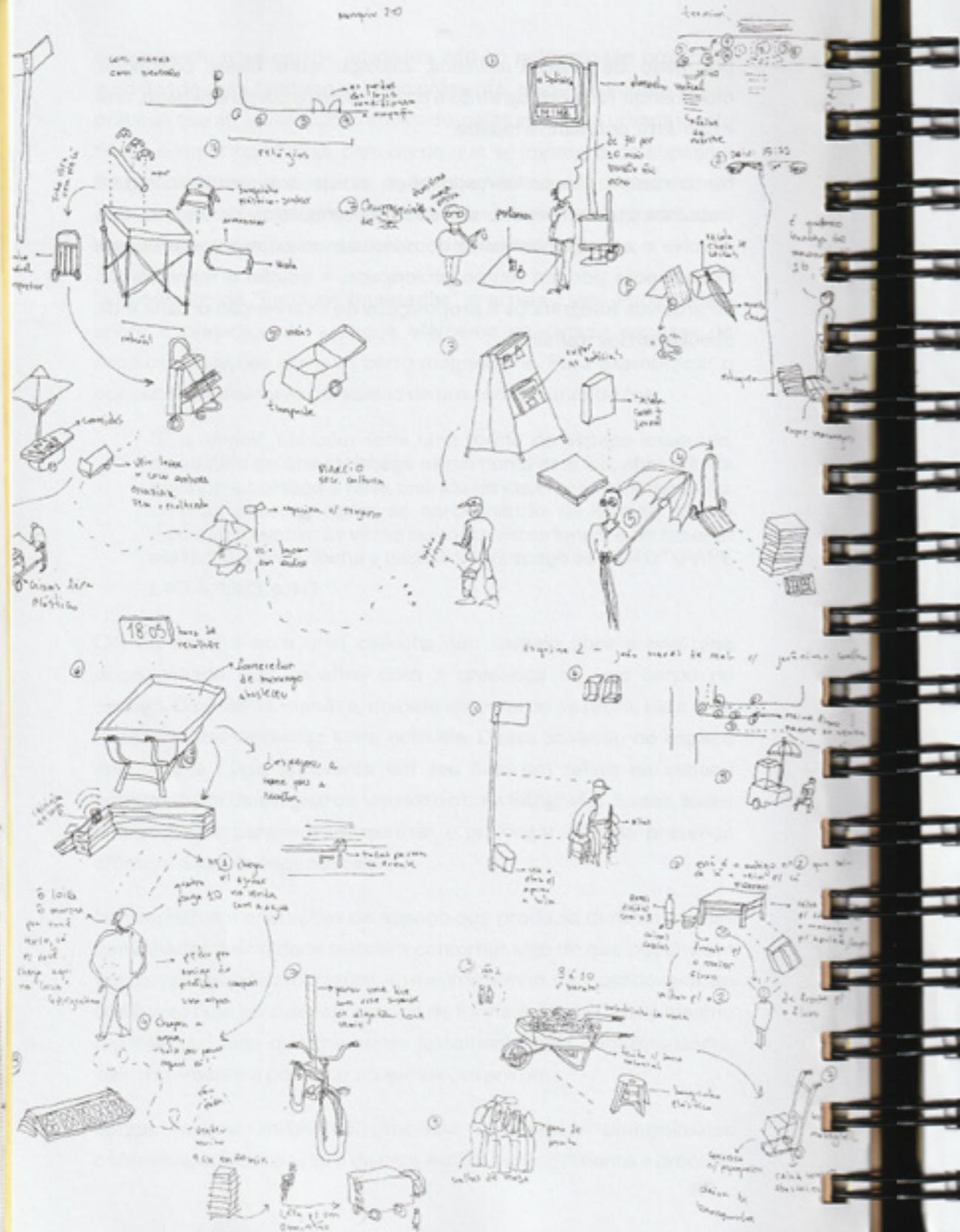
Com a boca e com uma caixinha, um camelô abre e cria uma espacialidade que se ativa com a presença do seu corpo no espaço. Da mesma maneira, quando esse corpo se retira, toda uma espacialidade se desfaz junto com ele. Dessa ativação de espaço imantado a Lygia apresenta em seu livro um relato de espaço composto por dois registros, um texto e uma fotografia. Juntos, esses dois registros parecem transcrever e prolongar algo da presença efêmera daquela espacialidade.

Nos registros e anotações de espaço que produzia durante minhas caminhadas pela cidade buscava contornar algo do que poderia ser uma espacialidade ambulante. Ao mesmo tempo, me questionava até que ponto faria sentido representar de forma estática (ou até mesmo representar) algo que me atraía justamente pela impermanência, pelo movimento e por estar na escala um pra um.

Largar rastros envolve o processo de escutar determinados contextos, colocar o rastro de uma escuta em movimento e procura,

por meio da prática artística, dialogar com esses contextos, movimentar relações de atrito e deslize entre o corpo e espaço, arte e não-arte, cotidiano e cidade.

No contexto dessas investigações, começo a produzir alguns trabalhos que se desdobram dos meus registros de escuta, que envolve o acompanhamento do contexto do centro comercial de Florianópolis por um tempo prolongado, a edição e manipulação de arquivos fotográficos e proposições de intervenção urbana e de circulação dos trabalhos



plano baixo

Plano baixo (2018) é um cartaz (420 x 594mm) composto por 4 desenhos que fiz em quatro encruzilhadas distintas que circundam o mercado público de Florianópolis, buscando registrar os fluxos e movimentos dessas encruzilhadas. O trabalho surge como uma contraposição/complementação à conhecida planta baixa, uma tática para incorporar, apreender e acionar outras dinâmicas e dimensões da vida urbana.

"Eu sou uma mosca de olho azul e eu vendo saúde". Essa foi a frase proferida por Wagner, comerciante de frutas e legumes, enquanto eu mostrava meu cartaz pra ele. Ele disse que não estava representado na imagem porque, diferente dos outros comerciantes, ele não vendia produto pirata ou comida transgênica, vendia saúde. Ofereci o cartaz, ele recusou.

PIKACHU INFLÁVEL CABOS
PARA CELULAR BOLACHINHAS DE NATA
MEIA PANFLETO MASSAGEM EROTICA
ALHO PIPOCA DESCASCADOR DE
LEGUMES RELOGIO CHURRASQUINHO
CHURROS COCADA AMENDOIM COCO
DVDS OCULOS DE SOL GUARDA CHUVAS
FILTRO DOS SONHOS PINTINHOS DE
PELUCIA ALGODÃO DOCE CARRINHO
ELETRICO MOLETOM DA NIKE BONECO
DO HOMEM ARANHA CALÇÃO DE BANHO
CACHORRO QUENTE JABUTICABA
TÊNIS CALDO DE CANA TV CORTE DE
CABELO CARREGADOR DE CELULAR
MORANGO COMPRO OURO GOMA DE
MASCAR GOIABA MASSALA PRODUTOS
NATURAIS BALÃO DA PEPPA PIG PILHA
TRENZINHO A PILHA MASSAGEADOR
DE CABEÇA CONTROLE UNIVERSAL
AGULHA PRA FOGÃO AGULHA PRA
CHUVEIRO RAQUETE ELETRICA BOLA
DE BORRACHA CESTO PANO DE PRATO
JORNAL CORRENTE DE PRATA CORRENTE
DE OURO PERFUME IMPORTADO
BOLSA LOUIS VUITTON CHINELO COM
MICANGAS CAININHA DE SOM FONE DE
OUVIDO SALAME

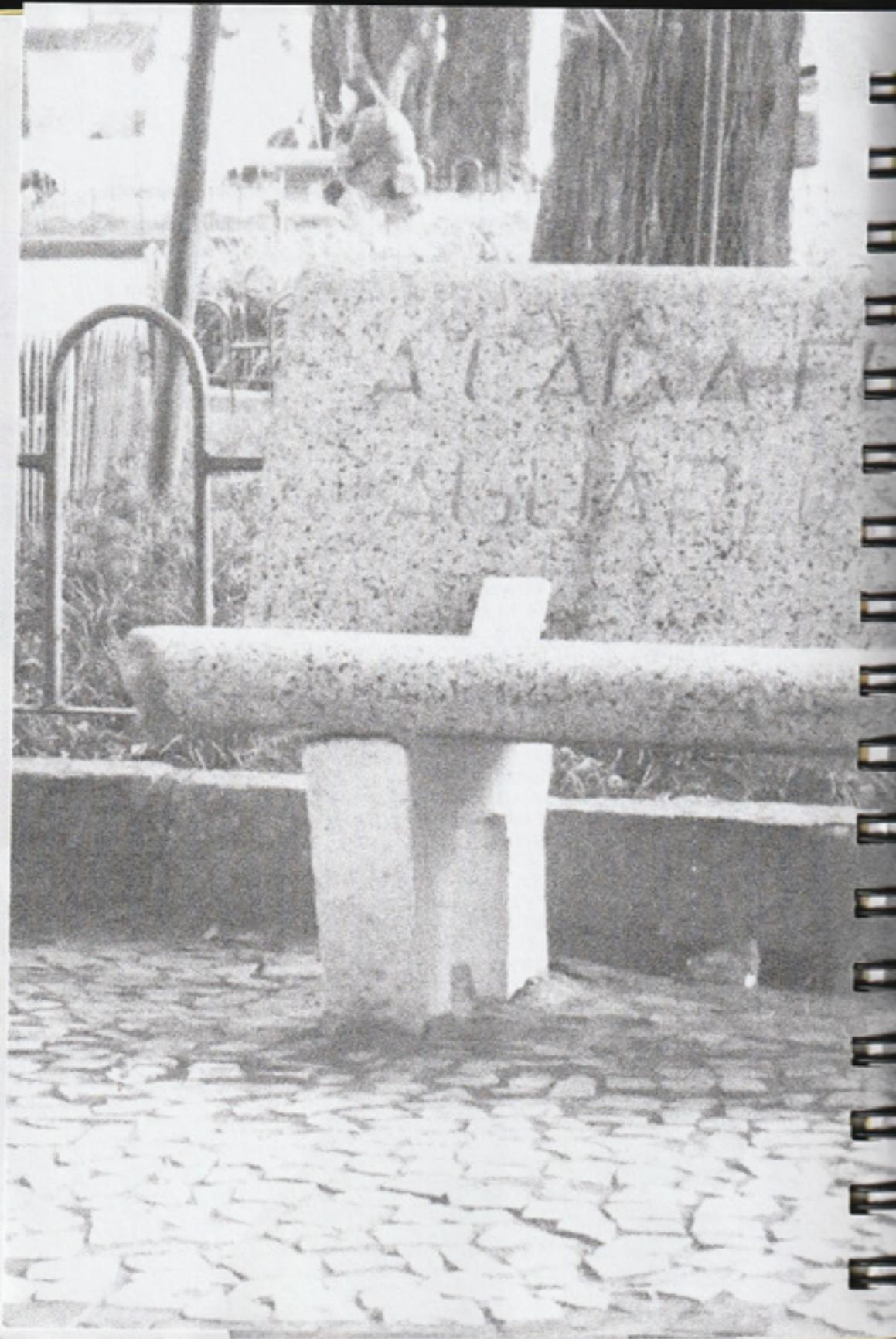
PARA CELULAR BOLACHINHAS DE NATA
MEIA PANFLETO MASSAGEM EROTICA
ALHO PIPOCA DESCASCADOR DE
LEGUMES RELOGIO CHURRASQUINHO
CHURROS COCADA AMENDOIM COCO
DVDS OCULOS DE SOL GUARDA CHUVAS
FILTRO DOS SONHOS PINTINHOS DE
PELUCIA ALGODÃO DOCE CARRINHO
ELETRICO MOLETOM DA NIKE BONECO
DO HOMEM ARANHA CALÇÃO DE BANHO
CACHORRO QUENTE JABUTICABA
TÊNIS CALDO DE CANA TV CORTE DE
CABELO CARREGADOR DE CELULAR
MORANGO COMPRO OURO GOMA DE
MASCAR GOIABA MASSALA PRODUTOS
NATURAIS BALÃO DA PEPPA PIG PILHA
TRENZINHO A PILHA MASSAGEADOR
DE CABEÇA CONTROLE UNIVERSAL
AGULHA PRA FOGÃO AGULHA PRA
CHUVEIRO RAQUETE ELETRICA BOLA
DE BORRACHA CESTO PANO DE PRATO
JORNAL CORRENTE DE PRATA CORRENTE
DE OURO PERFUME IMPORTADO
BOLSA LOUIS VUITTON CHINELO COM
MICANGAS CAININHA DE SOM FONE DE
OUVIDO SALAME

PIKACHU INFLÁVEL CABOS
PARA CELULAR BOLACHINHAS DE NATA
MEIA PANFLETO MASSAGEM EROTICA
ALHO PIPOCA DESCASCADOR DE
LEGUMES RELOGIO CHURRASQUINHO
CHURROS COCADA AMENDOIM COCO
DVDS OCULOS DE SOL GUARDA CHUVAS
FILTRO DOS SONHOS PINTINHOS DE
PELUCIA ALGODÃO DOCE CARRINHO
ELETRICO MOLETOM DA NIKE BONECO
DO HOMEM ARANHA CALÇÃO DE BANHO
CACHORRO QUENTE JABUTICABA
TÊNIS CALDO DE CANA TV CORTE DE
CABELO CARREGADOR DE CELULAR
MORANGO COMPRO OURO GOMA DE
MASCAR GOIABA MASSALA PRODUTOS
NATURAIS BALÃO DA PEPPA PIG PILHA
TRENZINHO A PILHA MASSAGEADOR
DE CABEÇA CONTROLE UNIVERSAL
AGULHA PRA FOGÃO AGULHA PRA
CHUVEIRO RAQUETE ELETRICA BOLA
DE BORRACHA CESTO PANO DE PRATO
JORNAL CORRENTE DE PRATA CORRENTE
DE OURO PERFUME IMPORTADO
BOLSA LOUIS VUITTON CHINELO COM
MICANGAS CAININHA DE SOM FONE DE
OUVIDO SALAME



pikachu-salame

é um panfleto que produzi a partir de uma travessia de ponta a ponta pela rua Conselheiro Mafra, no qual listei os produtos que avistei na rua durante minha travessia. O Panfleto é uma espécie de anúncio de anúncios, um texto, uma lista, um poema que dialoga com a variedade de produtos, imagens, objetos, humores e texturas que podemos encontrar na rua. Agulha pra fogão, erva cheirosa, fone de ouvido, descascador de legumes, Pikachu inflável. São variedades dos mais diversos campos e com usos bastante específicos mas que compartilham de uma mesma condição, do espaço público e coletivo, do trabalho, do consumo e da troca.



embrulhos azuis

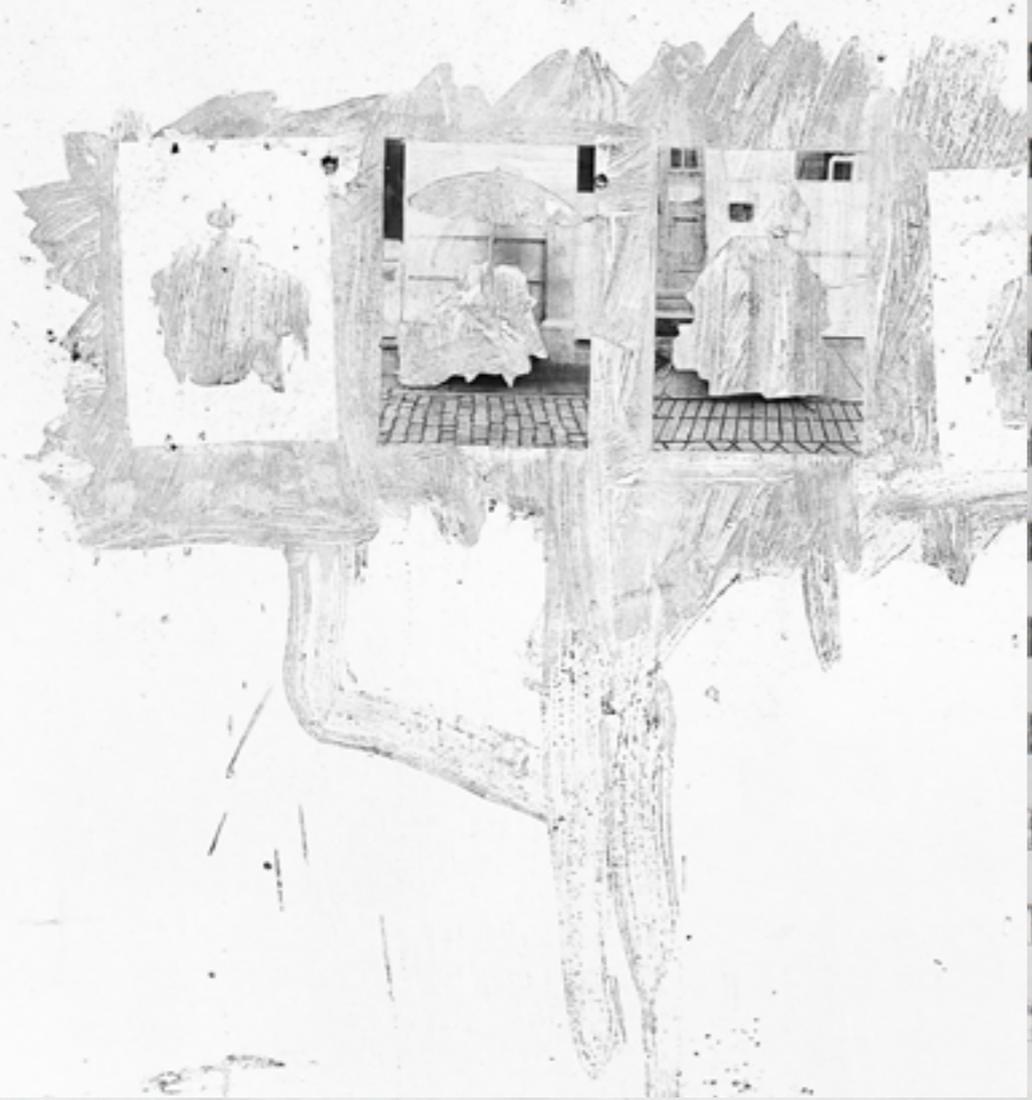
Costumava caminhar pelo centro no horário do almoço. Meio dia no centro é marcado pelo barulho, pelo grande fluxo de pessoas e também pelos embrulhos azuis. Encontrar um conjunto de embrulhos azuis espalhados pela rua, sem ninguém por perto, me causavam inquietação. O que poderia haver dentro e porque azuis? Talvez, por uma suspensão de sentido (ou pela presença de um enigma) aqueles embrulhos azuis, ali, no meio do barulho da cidade me gerava uma espécie de pausa e um tipo de silêncio.

Dona Meire é comerciante de rua e vende meias. Ela me contou orgulhosa que seu marido fez a estrutura do seu comércio com gavetas de uma antiga geladeira e revelou que o embrulho azul (e com flores), que eventualmente envolve sua barraquinha, era capa de uma máquina de lavar.

Embrulhos Azuis (2019) é uma publicação composta por um texto impresso em papel azul que embrulha 6 fotografias da série embrulhos azuis. As fotografias foram feitas a partir de 2017 e se relacionam com uma prática bastante comum: quando comerciantes de rua precisam se ausentar, ir ao banheiro, almoçar, embrulham suas mercadorias em lonas azuis.

No texto que envolve a publicação refletia sobre meu encontro com os embrulhos e sobre a possibilidade de um enigma para presente. O texto foi reescrito algumas vezes e atualmente se desdobra no "texto de abertura" que embrulha essa dissertação e que pode ser escutado aqui.

Deixei a publicação em alguns lugares do centro de Florianópolis: em pontos de ônibus, bancos de praças, peitoril e janelas. Uma delas foi deixada em um banco da praça XV. Me sentei na frente do banco e fiquei observando. Um homem senta no banco, pega a publicação na mão, abre sem cerimônia. Chama os amigos pra ver. Um deles lê o texto em voz alta na praça - me dei conta que nunca tinha ouvido meu texto em voz alta. Ele joga o texto/embrulho no lixo, pega as imagens na mão e sai distribuindo pras pessoas na praça.



figuras de destaque

Uma singularidade do comércio de rua de Florianópolis são as barraquinhas de meia. As pilhas de meias são montadas e desmontadas todos os dias e se moldam de acordo com táticas próprias para empilhamentos, composições e locomoção.

"Figuras de destaque" faz parte de uma série de sete fotografias que registram barraquinhas de meia. Imprimi essas sete fotografias e, com um bisturi, recortei as pilhas de meia e as destaquei da fotografia. Junto com o Juliano Ventura, inserimos essas imagens vazadas no espaço público, em um tapume de obra no entorno de onde foram feitas, na forma de lambe.

Com o tempo algumas fotografias foram sendo arrancadas e restaram apenas duas. A fuligem dos carros misturada com a cola do lambe preencheu os vazados da fotografia de forma que, mesmo quando arrancadas do tapume, ainda mantinham o contorno das pilhas de meias mesmo depois da sua suposta desapareção.

desmontáveis¹

Em 2020, durante a pandemia, fui convidada a participar de uma exposição online (GIF) de mesmo nome e a veiculação da exposição através da "panfletagem de fechamento".

Trabalhei com a ideia de criar uma série de sete fotografias que registram barraquinhas de meia. Imprimi essas sete fotografias e, com um bisturi, recortei as pilhas de meia e as destaquei da fotografia.

Junto com o Juliano Ventura, inserimos essas imagens vazadas no espaço público, em um tapume de obra no entorno de onde foram feitas, na forma de lambe. Com o tempo algumas fotografias foram sendo arrancadas e restaram apenas duas. A fuligem dos carros misturada com a cola do lambe preencheu os vazados da fotografia de forma que, mesmo quando arrancadas do tapume, ainda mantinham o contorno das pilhas de meias mesmo depois da sua suposta desapareção.

Trabalhei com a ideia de criar uma série de sete fotografias que registram barraquinhas de meia. Imprimi essas sete fotografias e, com um bisturi, recortei as pilhas de meia e as destaquei da fotografia.

Junto com o Juliano Ventura, inserimos essas imagens vazadas no espaço público, em um tapume de obra no entorno de onde foram feitas, na forma de lambe. Com o tempo algumas fotografias foram sendo arrancadas e restaram apenas duas. A fuligem dos carros misturada com a cola do lambe preencheu os vazados da fotografia de forma que, mesmo quando arrancadas do tapume, ainda mantinham o contorno das pilhas de meias mesmo depois da sua suposta desapareção.

¹ Processo de elaboração de arquivos fotográficos "desmontáveis", seu desdobramento e veiculação em uma exposição online (GIF) de mesmo nome e a veiculação da exposição através da "panfletagem de fechamento".

"Desmontáveis", é uma exposição individual, com curadoria de Gabi Bresola, produção por Ombu, selecionada no edital da Fundação Cultural de Itajaí, galeria Dide Brandão, Itajaí/SC, através do Edital de Ocupação das Galerias da Fundação Cultural de Itajaí 2020 apoio: Setorial de Artes Visuais de Itajaí <http://galerias.itajai.sc.gov.br/desmontaveis/>

Exposição

Uma exposição de fotos da rua de Itajaí em
as fotografias de mais 40 anos de rua de Itajaí e
sua evolução ao longo do tempo e sua relação com a
cidade e sua população.

Trabalho de arte e fotografia em uma série de fotos que
registra a história da cidade de Itajaí, mostrando a
evolução da cidade e sua relação com a população de Itajaí
ao longo do tempo e sua relação com a cidade e sua
população.

Com a intenção de registrar a história da cidade de Itajaí
e sua relação com a população de Itajaí, a exposição
registra a história da cidade de Itajaí e sua relação
com a população de Itajaí.

Uma exposição de fotos da rua de Itajaí em
as fotografias de mais 40 anos de rua de Itajaí e
sua evolução ao longo do tempo e sua relação com a
cidade e sua população.

Trabalho de arte e fotografia em uma série de fotos que
registra a história da cidade de Itajaí, mostrando a
evolução da cidade e sua relação com a população de Itajaí
ao longo do tempo e sua relação com a cidade e sua
população.

Em 2020, eu e Gabi Bresola, escrevemos um projeto de exposição individual para o edital de ocupação da sala Dide Brandão em Itajaí/SC envolvendo os trabalhos que desdobrei do TCC. A exposição, com curadoria da Gabi e produção por Ombu, foi aprovada e antes que pudesse ser executada, precisou ser adaptada para o formato virtual em função do início da pandemia em 2020.

Ao invés de digitalizar e adaptar os trabalhos para uma virtualidade, ou simular uma galeria virtual, resolvemos pensar em uma nova exposição que fosse concebida desde seu princípio para o meio virtual. Nesse processo, resolvi revisitar meus arquivos de fotografias.

Aglomerados de balões; empilhamentos de cocos; pilhas de objetos; carrinhos de supermercados vazios, carrinhos de supermercado com pertences de pessoas em situação de rua, carrinhos com caixas, buquês de algodão doce, buquês de balão de gás hélio, arcos de balões, torres de balões, pilhas de meias, pilhas de panos de prato, tendas retráteis, embrulhos e embrulhos azuis.

Manter um arquivo de fotografias tem sido uma forma de escutar o movimento de um contexto, de buscar por elementos que se repetem no meu entorno, encontrar algum ritmo, de acompanhar e incorporar algo de permanência dos lugares que atravesso.

O exercício de fotografar como uma forma de inventário, acompanhando um contexto ou situação por um tempo prolongado, aparece em uma série de trabalhos de Bernd e Hilla Becher. Em *Castelos d'água (1972-1990)*, por exemplo, ambos se dedicam a registrar a tipologia de caixas d'água industriais através de uma série de fotografias. Ao mesmo tempo que as fotografias de inventário registram um tipo específico elas também revelam uma gama de variações e singularidades que ocorrem dentro de um mesmo tipo, apontando para situações específicas de um contexto.

As fotografias do meu arquivo estavam todas fragmentadas em uma série de pastas e subpastas e foi no contexto da exposição que as repensei como um arquivo único. Juntas, elas poderiam compor um

rastrado de um mesmo deslocamento, de uma mesma experiência de cidade marcada, também, pela diversidade e singularidade de seus elementos.

Ainda assim, as fotografias registram uma camada comum de cidade, formadas por pequenas arquiteturas ambulantes, construídas na escala do corpo, com táticas específicas de desmontagem e que também qualificam o espaço público enquanto lugar de troca e vivência urbana. Escrevi um texto sobre esse novo arranjo das fotografias e nomeei o arquivo por *Desmontáveis*.

A exposição na galeria virou um GIF. O GIF me lembra os livrinhos de animação que fazia quando era mais novo. Fazia na beira dos cadernos de 200 matérias das disciplinas da escola. Desenhava do fim pro começo, sobrepondo uma porção de imagens que, juntas, davam a sensação de movimento no folhear do caderno.

Era engraçado que a magia toda acontecia justamente onde não tinha desenho, nos vazios que eu deixava entre uma página e outra, na conexão entre as imagens alguma ilusão se criava na cabeça.

O GIF escapa. Não chega a ser vídeo nem foto, me lembra um vídeo de bolso ou um álbum de fotografias em movimento. O GIF tem um tempo próprio. Não tem como pausar, avançar pra frente nem voltar pra trás. Não é livro, não é cartaz, parece um panfleto na mão de uma panfleteira. Tem alguma coisa de spam - imagino minha tia panfletando um GIF no grupo das professoras da escola.

O GIF é fácil de abrir. Não precisa baixar o app, se cadastrar, ativar o sininho, cancelar inscrição, liberar os pop-ups. E agora o GIF é uma exposição que você não viu, mas que fica naquela pastinha do celular que ninguém limpa, talvez como aquele panfletinho que você pegou na rua, não leu e esqueceu no fundo da bolsa.

Desmontáveis é uma exposição virtual, uma animação em formato de GIF que articula e propõe possibilidades de relação entre dois espaços de imagem. *Desmontáveis* veicula um arquivo fotográfico de

mesmo nome, composto por cerca de 50 fotografias que registram predominantemente instalações efêmeras (*desmontáveis*, *infláveis*, *embrulháveis*) e que são, cotidianamente, construídas, expostas e transportadas pelo espaço público.

Veicular o arquivo fotográfico de *Desmontáveis* em uma animação em Gif, nos pareceu uma tática interessante para colocar as fotografias em movimento. A experiência de atravessar a cidade à escuta das estruturas ambulantes, volumes coloridos dispostos no espaço público de alguma forma me remetiam a experiência de imergir e percorrer um espaço instalativo. O GIF, que exibia flashes de um percurso, parecia condensar minha experiência de atravessar aquele espaço, ao mesmo tempo que propunha uma outra leitura.

Na ocasião de abertura da exposição, eu e Gabi colamos alguns lambes na rua com quadros / fragmentos do GIF, como uma primeira forma de ativação da exposição no espaço público. Na abertura da exposição, live que transmitimos pelo canal do youtube da Ombu, li um texto que escrevi sobre o arquivo de "*desmontáveis*" enquanto o GIF reproduzia. No dia seguinte fizemos a panfletagem do GIF nos grupos de whatsapp e no fechamento da exposição, a "panfletagem de fechamento".

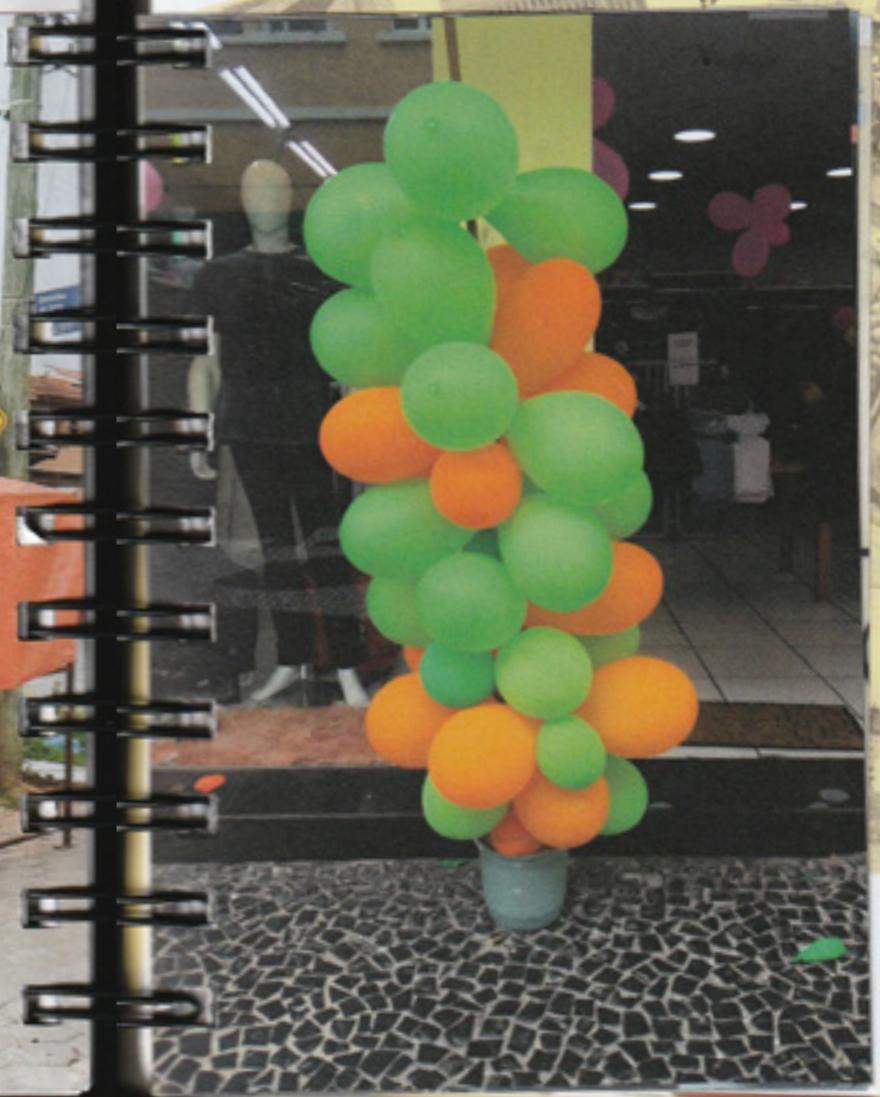
Faint, illegible text on the left page of the notebook, possibly bleed-through from the reverse side.

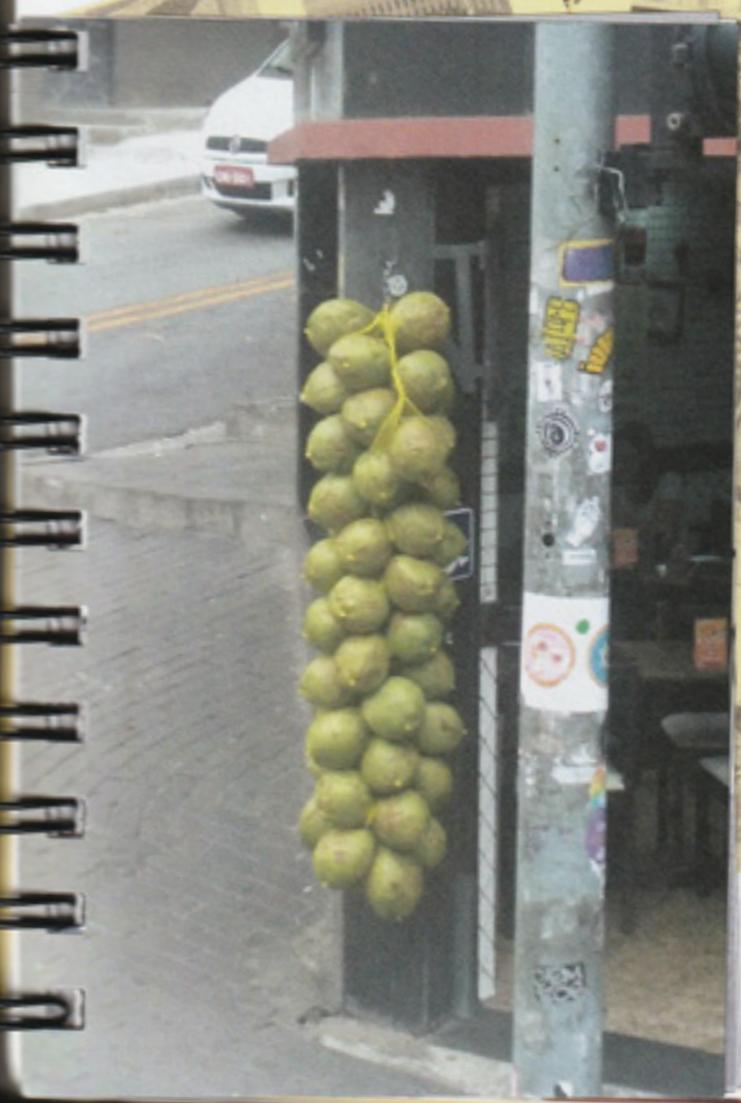


Faint, illegible text on the left page of the notebook, possibly bleed-through from the reverse side.



Faint, illegible text on the left page of the notebook, possibly bleed-through from the reverse side.





Faint, illegible text on the left page of the notebook, possibly bleed-through from the reverse side.



Faint, illegible text on the left page of the notebook, appearing as bleed-through from the reverse side.





desmontáveis é uma exposição virtual que contém uma série de fotografias feitas entre 2017 e 2020 nas ruas do centro comercial de Florianópolis principalmente para acessar a câmera do seu celular para a imagem no verso ou acesse www.abre.ai/desmontaveis

desmontáveis é uma exposição virtual que contém uma série de fotografias feitas entre 2017 e 2020 nas ruas do centro comercial de Florianópolis principalmente para acessar a câmera do seu celular para a imagem no verso ou acesse www.abre.ai/desmontaveis

desmontáveis é uma exposição virtual que contém uma série de fotografias feitas entre 2017 e 2020 nas ruas do centro comercial de Florianópolis principalmente para acessar a câmera do seu celular para a imagem no verso ou acesse www.abre.ai/desmontaveis

desmontáveis é uma exposição virtual que contém uma série de fotografias feitas entre 2017 e 2020 nas ruas do centro comercial de Florianópolis principalmente para acessar a câmera do seu celular para a imagem no verso ou acesse www.abre.ai/desmontaveis

desmontáveis é uma exposição virtual que contém uma série de fotografias feitas entre 2017 e 2020 nas ruas do centro comercial de Florianópolis principalmente para acessar a câmera do seu celular para a imagem no verso ou acesse www.abre.ai/desmontaveis

desmontáveis é uma exposição virtual que contém uma série de fotografias feitas entre 2017 e 2020 nas ruas do centro comercial de Florianópolis principalmente para acessar a câmera do seu celular para a imagem no verso ou acesse www.abre.ai/desmontaveis

desmontáveis é uma exposição virtual que contém uma série de fotografias feitas entre 2017 e 2020 nas ruas do centro comercial de Florianópolis principalmente para acessar a câmera do seu celular para a imagem no verso ou acesse www.abre.ai/desmontaveis



panfletagem de fechamento

Pra gente, era importante voltar para o espaço público com a exposição e compartilhar a com as e os comerciantes de rua e com as pessoas que frequentam o centro. A panfletagem de fechamento consistiu na distribuição de 250 panfletos que dão acesso à exposição virtual "desmontáveis", no espaço público, na data do seu fechamento como uma forma de manter a exposição em circulação.

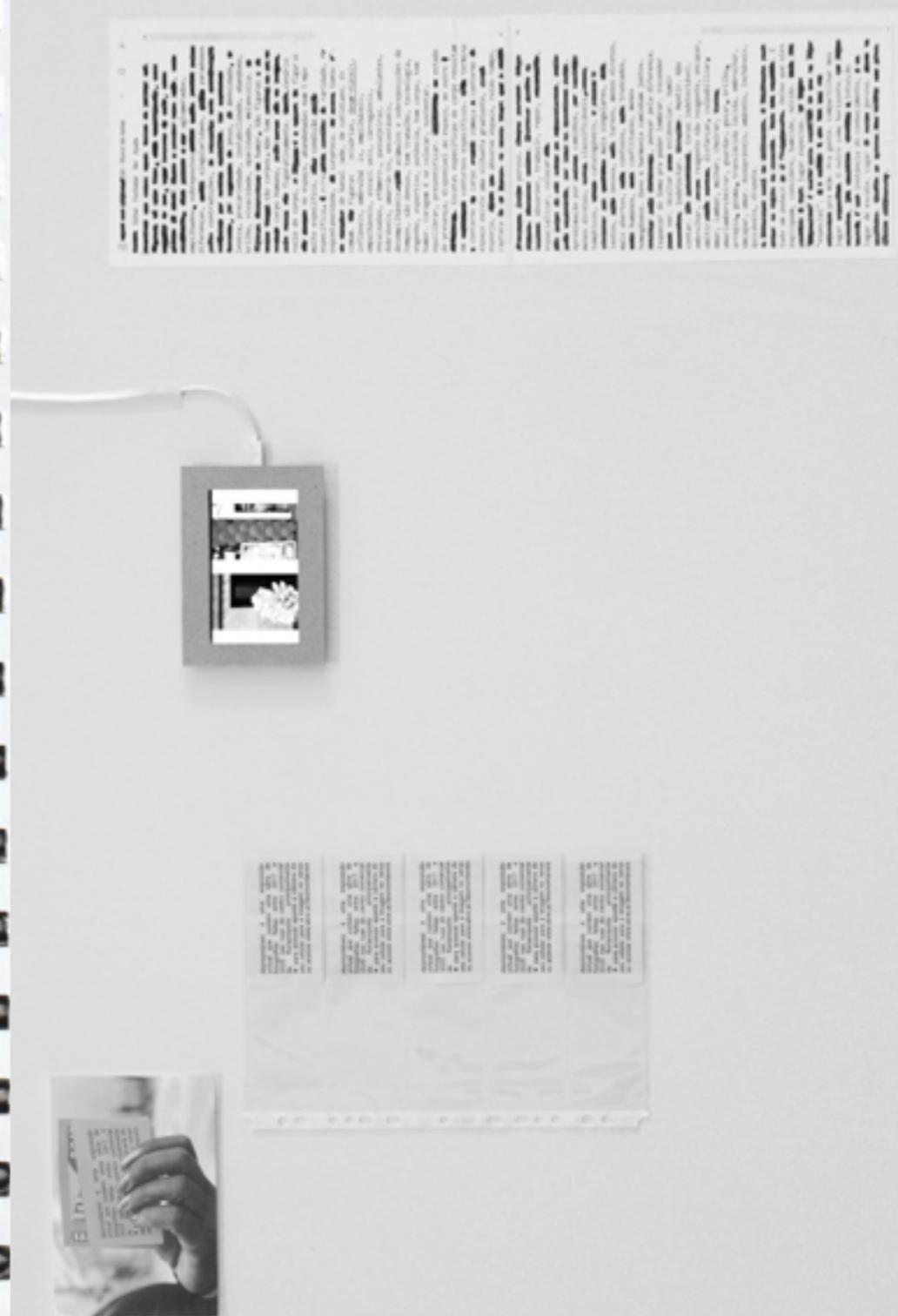
No dia da panfletagem a Gabi me acompanhou na ação e também fez registros em fotografia. Eu vestia a camiseta "suor do corpo", uniforme para trabalhadoras e trabalhadores braçais, proposição do Juliano Ventura a partir do jornal "Poemas Urbanos" de Samara. Quando entregava para as pessoas caminhando na rua, a maioria aceitava. Quando entregava para as pessoas do comércio de rua, me apresentava como artista e falava sobre a proposta da exposição virtual. Algumas delas se empolgaram pela ideia de uma exposição de arte, desencadeando conversas sobre fotografia e cinema, e também sobre assuntos totalmente aleatórios e inesperados, outras apenas aceitaram e agradeceram - e teve também uma moça que recusou o panfleto porque ficou desconfiada que se tratava de campanha política.

Eu e Gabi, ficamos conversando com uma panfleteira (dona das unhas que aparecem segurando os panfletinhos na fotografia) após uma troca de panfletos. Conversamos com ela sobre amenidades, sobre o ofício da panfletagem, sobre unhas e sobre as particularidades de trabalhar na rua em um ofício geralmente ocupado por homens. No fim da conversa trocamos contato para, em um futuro, contratá-la para panfletar alguma proposta. Infelizmente, perdemos o registro do seu contato e nome e tempos depois não conseguimos contactá-la. De qualquer forma esse encontro foi o que nos motivou a conhecer e contratar a Alessandra para panfletar no ano seguinte o "postal mercado público de Florianópolis"

Saimos da panfletagem com a sensação de que tinha sido um sucesso. Não pela garantia de que a exposição havia aumentado o seu público, ou pela certeza de que eu havia explicado a proposta com clareza, mas pelas conversas e trocas que fomos tramando a partir da abordagem corpo a corpo, intermediada pela possibilidade de veiculação de uma exposição de arte em um papelzinho.

Em 2021, apresentei os materiais, desdobramentos e registros da "desmontáveis" e "panfletagem de fechamento" através de uma instalação no espaço expositivo, na ocasião da exposição "Cidades Ambulantes"¹. A instalação é composta pelo GIF reproduzindo em looping em uma tela de celular, um conjunto de panfletinhos da panfletagem de fechamento, o texto de abertura da exposição e uma fotografia do dia da panfletagem.

¹ exposição multimídia, curadoria de Gabi Bresola, selecionada no edital rede Sesc-sc de galerias 2020, com exibição no Centro Cultural Vidal Ramos, Lages / SC,



postal mercado público de Florianópolis¹

¹ Trabalho apresentado através de artigo submetido e aprovado à revista *Valise*, em fase de publicação.

o postal foi realizado no âmbito da pesquisa "Espacialidades Ambulantes", Projeto realizado através do Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura 2020 / Artes Visuais, Fundação Catarinense de Cultura e Governo do Estado de Santa Catarina, com produção por Ombu Produção e Assessoria de Pesquisa por Elaine Nascimento. Disponível em <http://www.villasgabriel.com/espacialidadesambulantes>

postal mercado
público de
Florianópolis

POSTAL MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS: TÁTICAS DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE UMA PROPOSIÇÃO ARTÍSTICA EM DIÁLOGO COM AS ATIVIDADES DO COMÉRCIO DE RUA.

Resumo: Este texto parte de reflexões elaboradas na observação das transformações no espaço do Mercado Público de Florianópolis, nas atividades do comércio de rua e aborda o processo de elaboração do arquivo fotográfico Chopin chão, seus desdobramentos na publicação Postal mercado público de Florianópolis e na Ação de distribuição no espaço público. Essas proposições se apresentam como tática de inserção e circulação de uma proposição artística frente a um contexto que vem passando por uma série de "renovações" urbanas. Esta investigação parte de uma prática artística interessada nas possibilidades de escuta dos espaços cotidianos da cidade, das práticas espaciais que o compõem e propõe formas de produzir/veicular trabalhos de arte nos circuitos da cidade, de documentar e arquivar estas inserções.

Palavras-chave: Comércio de rua. Intervenção urbana. Mídia tática.

POSTAL MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS: TACTICS OF PRODUCTION AND CIRCULATION OF AN ARTISTIC PROPOSITION IN DIALOGUE WITH STREET TRADING ACTIVITIES

Abstract: This text reflects on the transformations occurring in the space of the Public Market of Florianópolis, focusing on street commerce activities. It discusses the process of creating the photographic archive "Chopin chão" and its implications in the publication "Postal mercado público de Florianópolis" and the "Ação de distribuição no espaço público". These propositions serve as tactics for the insertion and circulation of an artistic proposal within a context undergoing various urban "renewals." This investigation stems from an artistic practice interested in exploring the possibilities of perceiving the everyday spaces of the city, spatial practices, and proposing ways to produce/disseminate artworks within the city's circuits, while also documenting/archiving these interventions.

Keywords: Street commerce. Urban intervention. Tactical media.

antecedentes

Este trabalho foi realizado ao longo de nove anos, durante os quais acompanhei as transformações no Mercado Público de Florianópolis e as atividades do comércio de rua que ocorrem em seu entorno. Durante esse período, realizei três pesquisas no campo da arquitetura e urbanismo, bem como das artes visuais. Essas pesquisas envolvem a produção de textos, desenhos, fotografias, mapeamentos e entrevistas que posteriormente se desdobram em proposições artísticas no espaço público.

Durante a graduação em Arquitetura e Urbanismo, em 2013, comecei uma pesquisa intitulada *Inventário da Paisagem Cultural de Florianópolis*¹ que buscava promover a identificação e conservação de paisagens culturais de Florianópolis, entre elas o Mercado Público. Durante a pesquisa fizemos uma série de entrevistas com os frequentadores do local com a intenção de investigar qualidades espaciais que o caracterizavam como paisagem cultural singular da cidade. A primeira grande transformação na paisagem do Mercado se deu no ano seguinte, no final de 2013, quando a prefeitura interditou a Ala Sul com o intuito de adequar o edifício às normas do corpo de bombeiros - após uma sequência de incêndios.

Em 2015 a reforma foi concluída. Lembro da primeira vez que entrei no Mercado após a reforma e tive a impressão que ele se parecia, agora, mais com um mini shopping do que com o mercado que tinha na memória. O piso original de paralelepípedo foi substituído por um porcelanato, os "boxes" que costumavam ser de diferentes texturas e tamanhos foram todos padronizados com paredes brancas de drywall e cerca de metade dos comerciantes que tradicionalmente trabalhavam no Mercado há anos, como o boxe 36-A, perderam a concessão de uso dando espaço para outros estabelecimentos como uma franquia de fast food. As transformações no espaço

¹ Inventário da paisagem cultural em Florianópolis no PET/ARQ/UFSC em conjunto com Maurício Storch e orientação de Soraya Nóe.

construído - para adequar a normativa dos bombeiros - também transformaram a ocupação e os usos no Mercado Público.

O Mercado Público de Florianópolis era um dos únicos, talvez o último, da América Latina que mantinha o vão central aberto. Também em 2013 a prefeitura abriu um concurso Nacional de estudos preliminares para a cobertura do seu vão central com o pretexto de proteger o interior do mercado das chuvas e do sol. Após o resultado do concurso e execução do projeto o vão foi coberto em 2016. A cobertura é polêmica pois supostamente deveria proteger das chuvas e ser retrátil (translúcida/opaca) o que na prática não aconteceu por completo. A cobertura retrátil fica fechada permanentemente e, em dias de vento, a chuva entra pelas laterais da cobertura que, por uma questão patrimonial, não pode tocar o edifício. Ainda assim, a cobertura alterou a paisagem do seu interior, as cadeiras amarelas e vermelhas de plástico com guarda-sois deram lugar às cadeiras de madeira que no inverno são revestidas com uma pele sintética que imita a pele de ovelha, o litrão foi substituído por torres de chope e agora, durante a noite, o vão central é fechado com grades - e durante o dia ficou mais difícil atravessar o seu interior sem ser interrompido por alguém oferecendo um cardápio.

Protegido das chuvas e do sol, o Mercado Público mudou de público, ficou menos permeável, economicamente menos acessível e mais gourmet. Uma alteração na arquitetura do edifício - a princípio associada às intempéries - produziu também uma modificação no público que o frequentava e nas práticas espaciais que ali aconteciam. Apesar de todas as reformas e investimentos, as transformações dos últimos anos no Mercado Público não foram apenas em sua arquitetura, mas também em seu público. Ao mesmo tempo, o comércio de rua que acontece nos entornos do Mercado - entre idas e vindas de policiais e fiscais - não só se manteve como intensificou-se. Parte da mercadoria que é acessível ao público acabou ficando do lado de fora, ao redor do Mercado.

comércio de rua

Durante o desenvolvimento da pesquisa do TCC² em Arquitetura e Urbanismo, no ano de 2017, optei por trabalhar com um recorte de pesquisa que compreendia um espaço do centro comercial de Florianópolis que englobava o Mercado Público. Ao longo de um ano, dediquei-me a realizar uma série de visitas a essa região motivado em pesquisar a cidade a partir da experiência do meu corpo no espaço, trabalhando na escala 1:1, caminhando pela cidade, me entusiasmando pelas relações cotidianas e pelo urbanismo enquanto dispositivo tático.

Durante o mesmo período, cursava também a disciplina de Urbanismo Estratégico e me encontrava no desafio de trabalhar na escala 1:50.000. Desenhava mapas, pesquisava sobre índices e indicadores urbanos, planejava e traçava estratégias para um projeto regional que englobava três municípios: Florianópolis, Biguaçu, São José e Palhoça. Embora reconheça a importância do planejamento regional, tenho que admitir que não me sentia confortável naquela posição. Em comparação a pesquisa que vinha desenvolvendo, sentia-me arrancado para fora do espaço. Nesse momento me deparava com as contradições entre a cidade planejada, projetada e a cidade praticada, percorrida pelo corpo.

No TCC, estava justamente buscando contornar uma dimensão de cidade que não encontrava nas plantas baixas, nos índices e indicadores, no planejamento urbano estratégico, naquilo que parecia programado, mas que deslizava e escapava ao planejamento urbano, que acontecia no chão, pelo plano baixo, na escala do um pra um, do tete a tete e do tempo cotidiano.

Michael de Certeau examina as categorias de tática e estratégia,

² intitulado "Aproximação, Intersecção, Reverberação - Habitando e construindo narrativas pelas espacialidades do comércio de rua" Finalizado em 2018, com orientação da professora Marina Toneli, co-orientação de Almir de Paris e defendido no departamento de arquitetura e urbanismo da UFSC.

estabelecendo conexões entre elas. A estratégia está vinculada ao poder exercido por instituições e especialistas ao mapear, planejar e impor normas e sistemas de controle a um determinado contexto. No planejamento urbano estratégico, por exemplo, a abordagem do território é caracterizada por uma perspectiva que olha a cidade em grande escala, de cima para baixo, que dificilmente poderia ser percebida pela experiência do corpo no espaço - a não ser de dentro de um helicóptero (não era o caso). Nessa distância, algo se perde.

As táticas, por outro lado, estão enraizadas no cotidiano e se relacionam com a capacidade das pessoas de redefinirem os espaços urbanos de acordo com suas próprias necessidades e usos. As táticas podem ser entendidas como as práticas criativas e adaptativas nas quais os indivíduos encontram maneiras de relacionar, contornar ou subverter, com os recursos que lhe são disponíveis, as estratégias impostas do lugar. Por exemplo, quando uma comerciante de rua utiliza uma placa pública, que tem a função inicial de orientar, para expor seus produtos e criar um espaço de vendas e trocas.

Ao se referir a uma abordagem de cidade que vê tudo de longe como um "simulacro visual", Certeau também nos lembra que nessas abordagens estratégicas há tanto um esquecimento como um desconhecimento das práticas cotidianas que acontecem naquele local (um desconhecimento que, ao meu ver, também pode ser entendido como negligência, em alguns casos). Uma vez que esses atores e modos de vida cotidianos não são incorporados nos diagnósticos urbanos, como as atividades do comércio de rua por exemplo, cria-se um cenário propício para a expulsão desses atores de seus lugares, principalmente nos momentos conhecidos como "renovações urbanas", como é o caso das inúmeras reformas e investimentos que foram realizadas no Mercado Público e nos seus entornos nos últimos anos - como, também, a recente reforma no Largo da Alfândega.

Das dezenas de milhões de reais investidos no Mercado Público e entorno, pouco ou nada foi investido no comércio de rua para valorizar

e melhorar as condições de trabalho das e dos comerciantes, que também qualificam o espaço público como lugar de trocas comerciais. A atuação da prefeitura se limita a SUSP (Subsecretaria de Urbanismo e Serviços Públicos) que regulariza o comércio de rua através de um edital de licenciamento e sorteio. A quantidade de vagas oferecidas pela SUSP não é suficiente e, nessas condições, as e os comerciantes se veem na condição de trabalhar de maneira informal, de correr dos fiscais, pagar multas ou perder a mercadoria.

O comércio de rua é uma atividade que está presente nas cidades brasileiras desde o princípio do século XIX, atravessou todos os ciclos econômicos e segue enraizada no cotidiano das cidades até hoje, promove os mais variados tipos de trocas no espaço público e suas atividades potencializam relações que são próprias da vida urbana. Apesar das atividades do comércio de rua serem antigas e cumprirem um importante papel no mercado de trabalho, não são reconhecidas pelo poder público como é reconhecido o patrimônio edificado, digno de preservação, memória e investimento.

No contexto dessas reflexões e acompanhando os arredores do Mercado desenvolvi alguns trabalhos junto do espaço público como o panfleto *Pikachu-Salame*, o arquivo fotográfico *Chópin-chão* e, no contexto da pesquisa em artes visuais *Espacialidades Ambulantes (2021)*³, o Postal mercado público de Florianópolis e a Ação de distribuição no espaço público, que comentarei mais adiante.

As atividades do comércio de rua, além de promover produtos mais acessíveis ao público em geral e de baixa renda, estimulam os mais variados tipos de trocas e encontros e potencializam relações que são próprias da vida urbana em coletivo. Neste sentido, o comércio de rua tem se aproximado mais do que entendo e lembro por Mercado Público do que sua própria arquitetura que, atualmente, me remete mais a um shopping.

³ Pesquisa no campo das Artes Visuais desenvolvida através do prêmio Elisabete Anderle de estímulo da Cultura da Fundação Catarinense de Cultura, com participação da Elaine Nascimento (assessoria de pesquisa), Gabi Bresola (Ombu Produção) e Juliano Ventura (vídeo e edição).





chopin chão

Chopin chão é um arquivo fotográfico que iniciei em 2018, no contexto da pesquisa do TCC, composto por uma série de fotografias que faço dos entornos do Mercado Público de Florianópolis. Nessa série registro predominantemente o chão, a variedade de produtos ofertados pelo comércio de rua, suas texturas e as distintas táticas para expor/desmontar no/com espaço público. Os registros foram feitos em meus trajetos cotidianos, por isso, sempre com a câmera do celular, buscando documentar e inventariar a presença dessas dinâmicas comerciais e de trocas que ainda se mantinham vivas naquele espaço.

postal mercado público de Florianópolis

Em 2021, realizei uma pesquisa em artes visuais intitulada *Espacialidades Ambulantes* com assessoria de pesquisa de Elaine Nascimento e produção pela Gabi Bresola da Ombu produção. Foi uma pesquisa de caráter processual e experimental na qual investiguei as espacialidades ambulantes na paisagem urbana.

O material produzido durante a pesquisa foi disponibilizado para livre acesso em uma plataforma online (www.villasgabriel.com/espacialidadesambulantes) e divulgado através de mídia impressa e digital. Em reunião com Gabi, na ocasião de elaborar o material de divulgação impressa, nos ocorreu veicular o arquivo fotográfico *Chopin Chão* através de cartões postais (Figura 2 e 3).

O cartão postal se apresentou como um suporte/mídia interessante para veiculação de um arquivo fotográfico produzido nos entornos de um ponto turístico da cidade. O postal não veiculava fotografias exatamente do ponto turístico, do patrimônio, do edifício construído, mas antes de suas práticas espaciais e dos seus usos enquanto lugar.

As fotografias estavam ligeiramente deslocadas do patrimônio e registram predominantemente o chão e as atividades do comércio de rua que acontecem nos arredores do Mercado, atividades estas que também o atravessam, localizam e qualificam enquanto mercado, espaço público e ponto turístico.

Neste contexto, veicular chopin chão como "postal do mercado público de Florianópolis" se apresentou como uma tática interessante de sublinhar as transformações e questões que vinha observando nesse contexto, buscando subverter o uso convencional de uma mídia como o cartão postal, propagando uma outra narrativa para aquele contexto.

Ação de distribuição no espaço público

Durante a elaboração deste trabalho, foi importante considerar a maneira pela qual ele seria distribuído. Hélio Ferverza discute algumas concepções, valores e abordagens da relação entre arte e não-arte, arte e cotidiano e aponta para a existência de produções "muito mais diversas e abrangentes que o espaço institucional ou econômico tradicionalmente voltado à arte ou a um certo tipo de arte" (FERVENZA, p.79, 2012). Para além dos espaços expositivos tradicionais como museus e galerias, era do nosso interesse fazer o trabalho circular no contexto do Mercado Público, principalmente como uma forma de intervir e dialogar com o contexto local. Era do nosso interesse identificar as estruturas, circuitos e fluxos já existentes na cidade como uma tática de circulação do trabalho - ainda que isso significasse que o ele não seria anunciado, em um primeiro momento, como arte.

Para isso, realizamos uma ação de distribuição no espaço público voltada à circulação/distribuição de 500 exemplares do postal. Os exemplares foram inseridos em bancas de jornal, junto dos postais tradicionais e no Centro de Atendimento ao Turista do Mercado





Público (Figura 4), expostos juntos dos mapas e guias turísticos da cidade. Foram distribuídos também em lojas e comércios locais, em sebos e livrarias, restaurantes, lanchonetes e também nas vendas dos comerciantes de rua. Durante a distribuição me apresentava, falava sobre o projeto, explicava a proposta e deixava uma quantidade significativa de exemplares para circularem. Houveram também algumas pessoas que não entenderam a proposta, acharam desinteressante ou ficaram desconfiadas.

Não tomei o cuidado de realizar nenhum tipo de gravação durante a ação, por isso, algumas informações se perderam nesse processo, como o nome de alguns comerciantes ou mesmo detalhes dos encontros. Dos encontros que tive com os comerciantes, os dois mais significativos foram com o vendedor de brinquedos do banco redondo e o (não) encontro com o vendedor de guloseimas do terminal.

Ao entregar os postais para o comerciante de brinquedos ele logo de imediato reconheceu a sua vendinha entre os postais. Não havia me dado conta, mas o seu ponto era o mesmo desde 2018 e estava registrado nos postais - com a diferença de que hoje em dia não vende mais pintinhos de pelúcia, mas sim cachorros de pelúcia (Figura 5). Ele ficou animado com o registro e pegou alguns exemplares para distribuir junto das suas mercadorias.

Fui ao terminal antigo de ônibus na expectativa de encontrar o comerciante de guloseimas, balas, chicletes e paçoquinhas que fotografei em 2017 (Figura 5) mas não o encontrei. Entretanto, conversando com outros ambulantes do terminal um deles me contou que seu colega estava de folga naquele dia, mas que quando voltasse entregaria os postais a ele.

Além dessas entregas que fiz diretamente nos estabelecimentos comerciais, contamos com a colaboração de Alessandra, panfleteira que contratamos com recursos do projeto especializada em distribuição de materiais impressos. Ela foi responsável por distribuir os postais para as pessoas que circulavam na rua, nas proximidades do Mercado durante o dia da ação (Figura 6).

Considerações

Os processos desenvolvidos em chopin chão, Pikachu-Salame, postal Mercado Público de Florianópolis e a Ação de distribuição no espaço público, apresentam algumas possibilidades de desenvolvimento e veiculação de uma pesquisa e produção artística que se dedica a acompanhar as dinâmicas de um contexto específico, do Mercado Público de Florianópolis e das atividades do comércio de rua.

As proposições artísticas se direcionam para o contexto que as originam, buscando criar algum tipo de contraposição, deslocamento ou ruído na relação que foi observada de supervalorização do patrimônio edificado do Mercado Público em detrimento das atividades do comércio de rua que não recebem pouco investimento e reconhecimento apesar de também qualificarem a cidade enquanto espaço público e de trocas comerciais.

Através de um uso tático da mídia do cartão postal buscou-se fortalecer e valorizar as atividades do comércio de rua utilizando-se do circuito de mercadorias no espaço público também como meio de circulação de uma produção artística.

Percebo ainda que as dinâmicas de poder descritas por Certeau entre tática e estratégia que observava no planejamento estratégico não desaparecem quando se está presente no território, mas se atualizam, muitas vezes, de forma sutil. Por exemplo, quando não registro o nome dos comerciantes com os quais conversei, acabo de alguma forma reproduzindo ou atualizando uma forma de "esquecimento" ou negligência que Certeau aponta, por exemplo, nas visões de cidade provenientes de cima - ainda que esteja com meus pés no chão.

Ainda assim, acredito que os desafios e contradições que podem surgir desses encontros também me mobilizam a pensar em propostas artísticas que possam reinventar possibilidades de abordagem, circulação e retorno de trabalhos de arte, e a movimentar as relações de continuidade e descontinuidade entre o corpo e território, arte e não-arte, cotidiano e cidade.

pesquisa ambulante¹

Considerações

Considerações sobre a pesquisa "Espacialidades Ambulantes" realizada por Elaine Nascimento, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Santa Catarina (FAPESC) e do Observatório Móvel.

A pesquisa "Espacialidades Ambulantes" é um projeto de pesquisa que busca compreender as práticas culturais e artísticas que ocorrem em espaços públicos e privados, com o objetivo de promover a valorização e a preservação dessas práticas.

A pesquisa foi realizada em parceria com o Observatório Móvel, uma organização que atua na área de pesquisa e produção cultural.

Os resultados da pesquisa indicam que há uma grande diversidade de práticas culturais e artísticas em diferentes espaços, o que demonstra a importância de se considerar esses espaços como locais de produção e circulação cultural.

Essa diversidade de práticas culturais e artísticas é um reflexo da diversidade social e cultural da sociedade brasileira, e é importante que essas práticas sejam valorizadas e preservadas para as futuras gerações.

pesquisa ambulante¹

A pesquisa ambulante é uma metodologia de pesquisa que busca compreender as práticas culturais e artísticas que ocorrem em espaços públicos e privados, com o objetivo de promover a valorização e a preservação dessas práticas.

A pesquisa foi realizada em parceria com o Observatório Móvel, uma organização que atua na área de pesquisa e produção cultural.

Os resultados da pesquisa indicam que há uma grande diversidade de práticas culturais e artísticas em diferentes espaços, o que demonstra a importância de se considerar esses espaços como locais de produção e circulação cultural.

Essa diversidade de práticas culturais e artísticas é um reflexo da diversidade social e cultural da sociedade brasileira, e é importante que essas práticas sejam valorizadas e preservadas para as futuras gerações.

¹ trabalho realizado no âmbito da pesquisa "Espacialidades Ambulantes", Projeto realizado através do Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura 2020 / Artes Visuais, Fundação Catarinense de Cultura e Governo do Estado de Santa Catarina, com produção por Ombu Produção e Assessoria de Pesquisa por Elaine Nascimento. Disponível em <https://www.villasgabriel.com/espacialidadesambulantes> em colaboração com o grupo Observatório Móvel

Conversas com as e os comerciantes de rua aconteciam de maneira informal, algumas vezes a partir das proposições que fazia no espaço público, outras vezes enquanto consumidor. Motivado pelas conversas com as e os comerciantes que vinham acontecendo e no momento da escrita do projeto de pesquisa "espacialidades ambulantes", em conjunto da Elaine Nascimento e Gabi Bresola, resolvemos incluir no projeto a realização de dez entrevistas remuneradas.

A proposta de realizar uma entrevista enquanto uma proposição artística e colaborativa se articula com duas referências das artes visuais que foram importantes pro desenvolvimento dessa proposta: o trabalho "Caderno de Campo" de Vânia Medeiros e o livro "Atlas Ambulante" de Renata Marquez e Wellington Cançado.

No trabalho "Caderno de Campo", Vânia desenvolve um processo colaborativo com trabalhadores da construção civil (São Paulo) e profissionais do sexo (Salvador). O trabalho parte de um convite a sete profissionais de cada área a desenharem suas rotinas de trabalho durante um mês em cadernos, recebendo uma remuneração pelas horas trabalhadas, que se desdobra em uma série de materiais como um livro, cartazes, apresentações e etc. Já o livro Atlas Ambulante, proposto por Renata e Wellington, é formado pela experiência da cidade de Belo Horizonte do ponto de vista de seis ambulantes. O livro apresenta uma diversidade de materiais referente às atividades dos comerciantes; registros gráficos; fotografias, inventários de instrumentos de trabalho, uma coleção de produtos em escala real, bem como partituras de paisagens sonoras e uma série de vídeos.

Ambas as referências apresentam algumas táticas interessantes na abordagem colaborativa do trabalho artístico. As propostas parecem criar condições favoráveis para que as pessoas que não aparecem nos mapas ou estão em zonas de sombra, como escreve Vânia, possam criar seus próprios mapas a partir da prática artística. Além disso, os trabalhos apresentam formas interessantes de espacialização de processos cartográficos através de materiais gráficos diversos que também colaboram para a valorização da

profissão das pessoas que foram envolvidas no trabalho.

O projeto "especialidades ambulantes" foi aprovado e durante seu período de sua execução, antes que pudesse realizar as entrevistas, fui convidado pelo grupo Observatório Móvel para escrever uma matéria para o Jornal do Zinga nº2.

O Jornal do Zinga é uma proposição artística que se constitui por meio da prática experimental da mídia jornal de bairro. A publicação aborda aspectos históricos, geográficos, estéticos, sociais, econômicos e ambientais do bairro Ingleses, em Florianópolis/SC, lugar a que se dirige. Recentemente havia me mudado para o bairro e o convite foi uma oportunidade para entrevistar as comerciantes do bairro, além de veicular a entrevista em um jornal de bairro.

Quando pensamos nas entrevistas, já tinha a intenção de aproveitar o seu mote para realizar alguma performance no espaço público. O artista Elilson Nascimento, desenvolve um conjunto de trabalhos artísticos direcionados ao espaço público. Em "Arte Panfletária", por exemplo, a partir de um enunciado simples que move a experimentação (um programa performativo - conceito proposto por Leonora Fabião), ele se propõe a caminhar pelas ruas convidando os panfleteiros e panfleteiras a anexarem panfletos em sua roupa com um alfinete, retornando à casa somente quando sua roupa estivesse totalmente coberta. Em diálogo com as possibilidades de performance no espaço público, pensando em formas de incorporar no corpo fragmentos de cidade, elaborei um roteiro para realização da "pesquisa ambulante".

Pesquisa ambulante consistiu em, vestido com camiseta de pesquisador, uma prancheta e uma sacola feita com amarrações de tecido, realizar uma caminhada pelas ruas dos Ingleses (Florianópolis/SC), com saída no alto do bairro e chegada na praia, em busca de comerciantes de rua com interesse em participar de uma entrevista que será publicada em matéria do Jornal do Zinga. A cada entrevista gravada, comprar um produto da pessoa entrevistada, guardar dentro da sacola de tecido e carregar até a próxima entrevista. Ao





final do percurso e das entrevistas, abrir a sacola de tecido e expor os produtos na rua da praia.

A proposta dialoga com trabalhos que já vinha desenvolvendo. A proposta de comprar uma porção de produtos do comércio de rua e montar uma instalação no espaço público já vinha desde Pikachu-Salame quando comecei a fazer isso com as palavras. E a ideia de pensar o trabalho artístico como um acontecimento/espacialidade, efêmera intermediada pelo corpo - talvez como o espaço imantado de Lygia Pape- vinha desde a "panfletagem de fechamento" e também em absorver ruídos.

Em um sábado de sol, no dia dos namorados, eu e Juliano Ventura, artista, morador do bairro e editor do jornal, nos programamos para realizar as entrevistas. Saímos de casa em direção à praia e fomos realizando as entrevistas no caminho. O Juliano registrou a ação em fotografias.

Do Cezar, compramos um pacote com 7 milhos orgânicos por R\$10,00; da Edite, um conjunto com 6 panos de prato por R\$ 10,00; da Carmem, um salto quinze com estampa de oncinha por R\$15,00; da Cláudia, um macaco de pelúcia por R\$ 5,00; da Ana Laura, um protetor solar Avon 50 fps por R\$ 29,99; do Antônio, uma peça de queijo colonial por R\$ 20,00; do Amaral, uma manta dupla face por R\$ 50,00 e, por fim, do Wagner, compramos um algodão doce azul por R\$ 5,00.

Quando chegamos na rua da praia, havíamos realizado um total de oito entrevistas. Abrimos a sacola de tecido no chão e expusemos os oito produtos que havíamos comprado. Após editado, o jornal foi impresso e 2500 exemplares foram distribuídos de forma gratuita em diferentes regiões do bairro e da cidade.

Nos encarregamos de distribuir uma quantidade de exemplares no comércio de rua, e para as pessoas que participaram da entrevista. Cezar, o véio do berro, em especial ficou muito emocionado quando recebeu os seus exemplares, entusiasmado com o reconhecimento pelo seu trabalho, tanto que na semana seguinte voltou para levar mais exemplares para distribuir para o resto da família.

Em 2021, apresentei os materiais, desdobramentos e registros da "pesquisa ambulante" através de uma instalação no espaço expositivo, na ocasião da exposição "Cidades Ambulantes". A instalação contém uma série de materiais como: matéria no Jornal do Zinga, exemplares para distribuição, registros em fotografia das entrevistas, digitalização dos produtos em escala real, camiseta de algodão "Pesquisa ambulante", e uma fotografia da instalação com os produtos expostos na rua da praia.

Fotografia: Diony Souza



LEGUMES CEZAR

"Vendo legumes, milho verde, berinjota, agrião, batata-doce, e outros derivados. Vim do Rio Grande do Sul já sei fazer quase 2 anos"

- 📍 nos Ingleses, Campeche, Patuoca e São José. De casa em casa, em frente de lojas e restaurantes.
- 🕒 não tem hora, trabalho o dia todo até concluir o serviço.
- 💳 PIX, cartões, dinheiro vivo em espécie e até fado (para clientes com residência fixa).

"A nossa mercadoria vem pelo pequeno produtor. Tomamos todos os cuidados e procuramos sempre cultivar o cliente de uma mercadoria segura, conservada e sem nada de veneno"



MEIAS GUARDANAPOS MÁSCARAS E DITE

"Eu morava no Rio Grande do Sul, na cidade de Rio Grande. Eu lá aqui faz 14 anos... Faz mais de 30 anos que eu trabalho como vendedora ambulante"

- 📍 na Jilão Guaberto Soares, perto da Agropecuária Tês Pinheiros.
- 🕒 entre às 13h e sai às 18h, menos no domingo.
- 📍 à vista ou, se não, pelo PIX.



"Agora tá saindo bastante mela porque tá frio, mas vende bem as três coisas. No Paraguai, eu vendia de tudo: eletrônico, CDs. Em São Paulo, era chavelinho, bolsinha, travessinha e agora estou trabalhando com os produtos daqui"

TREKOS DE LUXO CARMEM

"Eu vim do Amazonas. Sou natural do Pará. Vim pra Florianópolis em busca de um sonho. Quando eu digo que vou fazer uma coisa, eu faço tudo"

- 📍 está mudando de localização, mas ainda na SC-403. Também no Instagram @trekosdeluxo
- 🕒 funciona nas quintas, sextas e sábados.
- 💳 dinheiro, PIX, cartão de crédito e - se a pessoa não tiver dinheiro - aceita produtos em troca.

"O que eu vendo aqui são Trekos de Luxo, coisas que a gente seleciona e que sempre serve em alguém, roupa, casaco, sapato, botas, bijuterias, o que aparece. A gente sempre coloca um preço que alguém possa pagar. Se a pessoa tem um produto e não tem dinheiro a gente troca"



BAZAR E BRECHÔ CLÁUDIA

"Eu sou gaúcha. Vim de Porto Alegre e moro aqui há 7 anos. Nós temos um bazar que já tem em torno de 10 anos aqui, no mesmo lugar. Vendemos roupas, sapatos, ferramentas..."

- 📍 o bazar é em frente à Caixa Econômica Federal - é super conhecido
- 🕒 todos os sábados das 8h às 18h e nas quintas também.
- 💳 dinheiro, cartão e PIX.



"Aqui é bem difícil ter loja, porque é um custo bem alto ter um ponto estratégico. Como tem muitas pessoas que vêm de fora, de outros estados quase sem nada, esses utensílios domésticos a gente vende muito bem. Acaba ajudando todo mundo. Hoje em dia brechô é vida"

Pesquisa ambulante

Por Gabriel Vilas

O comércio de rua é uma atividade que está presente nas cidades brasileiras desde o princípio do século XIX, atravessando todos os ciclos econômicos e segue enraizada no cotidiano das cidades até hoje. Na Zinga, não poderia ser diferente.

No dia doce de junho, dia dos namorados, saímos em busca das 10 e dos comerciantes de rua do bairro. Realizamos uma caminhada pelas ruas dos Ingleses começando do alto da rodovia João Guaberto Soares e descendo em direção à SC-403 por onde seguimos até a Praia dos Ingleses. No caminho, nos deparamos com uma variedade de produtos que podem ser adquiridos na rua, entrevistamos 8 comerciantes e compramos uma mercadoria de cada para nosso acervo pessoal.

Boa parte das 10 e dos comerciantes de rua nos relatou que uma das facilidades em ser vendedor(a) ambulante é que a profissão possibilita entrar em contato com as pessoas e criar relações de amizade, já que muitas vezes a rua se apresenta como lugar propício para trocas. Antônio nos

relatou que "as pessoas chegam aqui e não é só uma venda. É uma troca de cultura de informação". As trocas acontecem com os clientes, mas também entre os próprios comerciantes, como nos relatou Carmem: "tem dias que vende bem e tem dias que quase nada... aí os outros vendedores vêm e a gente conversa o dia todo e isso também é muito bom, a gente vai aprendendo".

Frequentemente, os produtos vendidos no comércio de rua têm preços mais acessíveis. Os brechôs e bazares de rua, por exemplo, contribuem para que diversas pessoas tenham acesso a utensílios de cozinha, roupas e ferramentas em bom estado, prolongando a vida útil desses produtos e evitando que cheguem ao aterro de Itaipu ou ao lixo. Como bem disse Cláudia do Brechô e Bazar da esquina da Caixa: "brechô é vida".

As compras no comércio de rua vêm após os produtores e os produtos locais e pode adquirir produtos frescos, de qualidade e preço acessível. Como é o caso dos legumes orgânicos do Ceazor, produzidos e distribuídos por uma família de agricultores do continente, ou então, os produtos coloniais do Antônio que são produzidos de forma artesanal, logo ali, em Lages.

As formas de pagamento são das mais variadas, para não

haver desconfiança. A maioria dos ambulantes aceita dinheiro, PIX, cartão e até fado e troca em alguns casos espelhos. O Ceazor, que também é conhecido em algumas ruas como "O Ceazor da Bem", faz um cartão com o texto "Aceito PIX, cartões e coloco em seu caminho de legumes, chamando a atenção dos clientes para as possibilidades de pagamento.

Aqui no Zinga, a temporada interfere diretamente nas dinâmicas do comércio ambulante. Wagner, por exemplo, durante o verão vende sorvetes e durante o inverno algodão doce. No verão, a gente trabalha todos os dias, mesmo quando tem chuva, a gente espera pra vir se vai passar ou não". Wagner também nos relatou que, no verão, o trabalho é mais cansativo e que durante a temporada caminha, por dia, cerca de 40 km empurrando o carrinho e que muitas vezes precisa de analgésicos depois do trabalho.

Em Florianópolis, o clima costuma ser instável. Ana prefere trabalhar nos dias nublados com temperatura amena aos dias de calor no Rio Itaipu. Cláudia e suas colegas do Bazar Brechô, compram uma tenda nova para se proteger das chuvas. "Sempre levamos a tenda e às vezes ela vai quando tem muito vento. Essa daqui é nova". Em dias de chuva, Antônio conta que o trabalho é focado nas redes sociais. Carmem também aponta nas redes para fazer suas

COSMÉTICOS ANA

"Eu vim de Porto Alegre. Moro aqui há 9 anos e vendo minhas coisas faz 4 anos. Na rua faz 2 meses. Antes eu vendia em casa. Começou a cair a venda e a gente teve que dar um jeito de aumentar de novo"

- 📍 no estacionamento do Angeloni no gramado, na calçada - pro povo passar e enxergar mesmo.
- 🕒 de segunda a sexta das 13h30 às 20h. Nos sábados das 10h às 13h.
- 💳 cartão, débito, crédito, PIX, no dinheiro, transferência por link de pagamento.

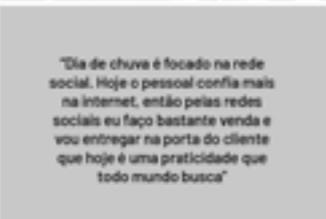


"Tem dias que tá ótimo de trabalhar, que tá rublado, não tá quente, não tá frio, mas tem outros que o sol está de rachar. Achei que ia vender mais kits de dia dos namorados, mas o povo tá com a mão fechada. Venham comprar Avon, Natura"

PRODUTOS COLONIAIS ANTÔNIO

"Eu vendo produto colonial que produzimos a 198 km daqui de Florianópolis, próximo de Lages. Sou vendedor desde que terei as remessas dos outros. Vim lá da beirada do Rio Grande, lá de Uruguassana, tá? Faz 15 anos que tamo aqui na ilha. Nós recebemos bem"

- 📍 do lado do Angeloni, no estacionamento
- 🕒 pela parte da tarde
- 💳 cartão, PIX, Bitcoins, dinheiro - é eletrônico. O negócio é receber o dinheiroinho. Só fado que não.



"Dia de chuva é focado na rede social. Hoje o pessoal confia mais na internet, então pelas redes sociais eu faço bastante venda e vou entregar na porta do cliente que hoje é uma praticidade que todo mundo busca"

REDES AMARAL

"Sou paraitano, mas eu ando no meio do mundo tem 10 anos já. Fazendo vendas no meio do mundo. Vai fazer 1 ano que estou aqui"

- 📍 sempre na avenida principal, próximo à Iga Milium e ao Banco Itaú. Na temporada, nas praias, só que andando
- 🕒 das 10h às 6h, todos os dias.
- 💳 dinheiro, cartão e PIX.

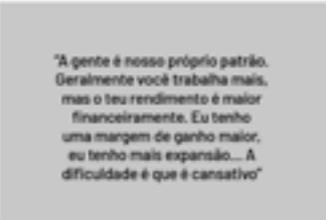


"A dificuldade é de você tá na rua e não conseguir trabalhar direito. A gente não tem vez, ninguém fala pela gente. Eu queria trabalhar e não depender de ninguém... Dependo da rua, do povo, o resto com fé em Deus, saúde e felicidade nós consegue, o resto nós corre atrás"

SORVETE E ALGODÃO-DOCE WAGNER

"Trabalho como ambulante há uns 18 anos na praia, na ilha faz 5 anos. No verão, trabalho com sorvete e na baixa temporada com algodão-doce. Sou natural de Porto Alegre. Moro 15 anos noitoral do Rio Grande do Sul"

- 📍 na areia, na praia e nas praças.
- 🕒 no verão, todos os dias. Das 8h de manhã - mais ou menos - até umas 17, 18 horas, dependendo do movimento até as 20h. Na baixa temporada é mais no final de semana.
- 💳 dinheiro, cartão e PIX.



"A gente é nosso próprio patrão. Geralmente você trabalha mais, mas o teu rendimento é maior financeiramente. Eu tenho uma mangem de ganho maior, eu tenho mais expansão... A dificuldade é que é cansativo"

vendas: "é um ótimo perfil onde eu faço a curadoria das peças e monto os looks de luxo" no Instagram @trekosdeluxo. Já o Ceazor vai de WhatsApp, por onde recebe os pedidos diretamente dos seus clientes.

As 10 e os comerciantes de rua contam que uma parte complicada da profissão é a apreensão dos produtos por parte da fiscalização. Quando a fiscalização é apreendida, a multa é tão alta que não vale a pena recuperar os produtos. Acabam perdendo tudo. Em função disso, boa parte dos entrevistados mostrou disposição para fazer o Alvará de Licenciamento pelo SUSP (Superintendência de Serviços Públicos de Florianópolis). Assim como nos relatos Amaral, que vende redes e mantas: "As vendas tem que ser comento que vendido. Se eles colocarem uma taxadaria, todo mundo sai ganhando... melhor do que ficar correndo atrás do pessoal".

Entramos em contato com a SUSP para trazer mais informações sobre o alvará e nos foi informado que estão trabalhando para lançar em breve o Edital de Bando para regularização das vagas para o trabalho em área pública. Eles orientam ao requerente que acompanhe no site da Prefeitura www.pmf.sc.gov.br e lançamento do Edital (acesse a aba "Edital" e selecione "Secretaria Executiva" no menu). O último registro que encontramos do lançamento de edital

de bairros é de 2017 (002PMF/00MPSUSP/2017), que disponibilizava apenas 03 vagas para o comércio ambulante no bairro dos Ingleses, com validade de um ano.

Vale lembrar que, se lançado o Edital, a inscrição por si só não garante o alvará, uma vez que as vagas são limitadas e concedidas a partir de um sorteio. As pessoas que não forem sorteadas não têm autorização para trabalhar e necessitam aguardar a abertura do próximo edital e tentar a sorte novamente.

Os editais permitem o comércio de produtos em locais específicos por um tempo determinado e o alvará tem um custo para os comerciantes. O edital de bairros de 2017 permitiu o comércio de lanches e salgadinhos, doces e bebidas e seu alvará na época saiu pelo valor de R\$ 150,20. Já o edital para comércio ambulante nas praias permite, pelo período de 4 meses, o comércio de água de coco, empada, picolé, bebidas, churrás, aqui, artigos de praia, entre outros. Segundo o Edital nº 037PMF/00MPSUSP/2020 a taxa para o alvará de água de coco, por exemplo, é de R\$ 1.400,18 por ambulante. O edital de final de ano, por sua vez, o comércio ambulante em frente aos cemitérios pelo período de 5 dias e permite o comércio de velas, flores (naturais e artificiais), cachorro-quente, pipoca, água e refrigerante. Neste

caso, a taxa do alvará é de R\$ 101,35 por ambulante.

A Edite, que hoje vende meias, máscaras e panos de prato, trabalha como comerciante ambulante há mais de 30 anos e já trabalhou em quatro cidades diferentes.

Apesar das atividades do comércio de rua serem antigas e cumprirem um importante papel no mercado de trabalho, carecem de reconhecimento pelo poder público. O comércio de rua promove os mais variados tipos de trocas no espaço público e suas atividades são realizadas de forma silenciosa, potencializando relações que são próprias da vida em coletivo. Afinal, quem consegue imaginar uma cidade sem comércio de rua?



Estas entrevistas são uma parceria entre o Jornal do Zinga e a pesquisa "Espiritualidade Ambulante", realizada através do projeto Estudos Avulsos de Extensão à Cultura, da Fundação Catarinense de Cultura, no primeiro fórum científico e de atividades culturais com recursos desta editoria.

Gabriel Vilas é graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC. Desde 2017 acompanha as movimentações do comércio de rua, tema de seu TCC. Atualmente é pesquisador em Artes Visuais no IUPERJ. Pesquisador do Zinga desde 2018, compartilhando seu olhar para o bairro.

matéria jornal do zinga¹

O comércio de rua é uma atividade que está presente nas cidades brasileiras desde o princípio do século XIX, atravessou todos os ciclos econômicos e segue enraizada no cotidiano das cidades até hoje. No Zinga, não poderia ser diferente.

No dia doze de junho, dia dos namorados, saímos em busca das e dos comerciantes de rua do bairro. Realizamos uma caminhada pelas ruas dos Ingleses começando do alto da rodovia João Gualberto Soares e

descendo em direção à SC-403 por onde seguimos até a Praia dos Ingleses. No caminho, nos deparamos com uma variedade de produtos que podem ser adquiridos na rua, entrevistamos 8 comerciantes e compramos uma mercadoria de cada para nosso acervo pessoal.

Boa parte das e dos comerciantes de rua nos relatou que uma das facilidades em ser vendedora(o) ambulante é que a profissão possibilita entrar em contato com as pessoas e criar relações de amizade, já que muitas vezes a rua se apresenta como lugar propício para trocas. Antônio nos relatou que "as pessoas chegam aqui e não é só uma venda. É uma troca de cultura de informação". As trocas acontecem com os clientes, mas também entre os próprios comerciantes, como nos relatou Carmem: "tem dias que vende bem e tem dias que quase nada... aí os outros vendedores vêm e a gente conversa o dia todo e isso também é muito bom, a gente vai ampliando".

¹ Estas entrevistas são uma parceria entre o Jornal do Zinga e a pesquisa "Espacialidades Ambulantes", realizada através do prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, da Fundação Catarinense de Cultura, os produtos foram comprados e as entrevistas remuneradas com recurso deste edital. Gabriel Villas é graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC. Desde 2017 acompanha as movimentações do comércio de rua, tema de seu TCC. Atualmente é mestrando em Artes Visuais na UDESC. Frequentador do Zinga desde 2019, recentemente se mudou para o bairro.

Frequentemente, os produtos vendidos no comércio de rua têm preços mais acessíveis. Os brechós e bazares de rua, por exemplo, contribuem para que diversas pessoas tenham acesso a utensílios de cozinha, roupas e ferramentas em bom estado, prolongando a vida útil destes produtos e evitando que cheguem ao aterro de Biguaçu tão cedo. Como bem disse Cláudia do Brechó e Bazar da esquina da Caixa: "Brechó é vida!".

Ao comprar no comércio de rua você apoia os produtores e os produtos locais e pode adquirir produtos frescos, de qualidade e preço acessível. Como é o caso dos legumes orgânicos do César, produzidos e distribuídos por uma família de agricultores do continente, ou então, os produtos coloniais do Antônio que são produzidos de forma artesanal, logo ali, em Lages.

As formas de pagamentos são das mais variadas, para não haver desculpas. A maioria dos ambulantes aceita dinheiro, PIX, cartão e até fiado e troca em alguns casos especiais. O Cezar, que também é conhecido em algumas ruas como "O véio do berro", fez um cartaz com o texto "Aceito PIX, cartões" e colocou em seu carrinho de legumes, chamando a atenção dos clientes para as possibilidades de pagamento.

Aqui no Zinga, a temporada interfere diretamente nas dinâmicas do comércio ambulante. Wagner, por exemplo, durante o verão vende sorvetes e durante o inverno algodão doce: "No verão, a gente trabalha todos os dias, mesmo quando tem chuva, a gente espera pra ver se vai passar ou não". Wagner também nos relatou que, no verão, o trabalho

é mais cansativo e que durante a temporada caminha, por dia, cerca de 40 km empurrando o carrinho e que muitas vezes precisa de analgésicos depois do trabalho.

Em Florianópolis, o clima costuma ser instável. A Ana prefere trabalhar nos dias nublados com temperatura amena aos dias de calor ou frio intenso. Cláudia e suas colegas do Bazar Brechó, compraram uma

tenda nova para se proteger das chuvas. "Sempre tivemos a tenda e às vezes ela voa quando tem muito vento. Essa daqui é nova". Em dias de chuva, Antônio conta que o trabalho é focado nas redes sociais. Carmem também aposta nas redes para fazer suas vendas: "é um ótimo portfólio onde eu faço a curadoria das peças e monto os looks de luxo" no Instagram @trekos.deluxo. Já o Cezar vai de WhatsApp, por onde recebe os pedidos diretamente dos seus clientes.

As e os comerciantes de rua contam que uma parte complicada da profissão é a apreensão dos produtos por parte da fiscalização. Quando a mercadoria é apreendida, a multa é tão alta que não vale a pena recuperar os produtos. Acabam perdendo tudo. Em função disso, boa parte dos entrevistados mostrou disposição para fazer o Alvará de Licenciamento pela SUSP (Superintendência de Serviços Públicos de Florianópolis). Assim como nos relatou Amaral, que vende redes e mantas: "Às vezes tem que sair correndo igual bandido. Se eles cobrassem uma taxazinha, todo mundo saía ganhando... melhor do que ficar correndo atrás do pessoal".

Entramos em contato com a SUSP para trazer mais informações sobre o alvará e nos foi informado que estão trabalhando para lançar em breve o Edital de Bairro para regularização das vagas para o trabalho em área pública. Eles orientam ao requerente que acompanhe no site da prefeitura www.pmf.sc.gov.br o lançamento do Edital (acesse a aba "editais" e selecione "Secretaria Executiva" no menu). O último registro que encontramos do lançamento do edital de bairros é de 2017 (002/PMF/SMSP/SUSP/2017), que disponibilizava apenas 03 vagas para o comércio ambulante no bairro dos Ingleses, com validade de um ano.

Vale lembrar que, se lançado o Edital, a inscrição por si só não garante o alvará, uma vez que as vagas são limitadas e concedidas a partir de um sorteio. As pessoas que não forem sorteadas não têm autorização para

trabalhar e necessitam aguardar a abertura do próximo edital e tentar a sorte novamente.

Os editais permitem o comércio de produtos em locais específicos por um tempo determinado e o alvará tem um custo para as comerciantes. O edital de bairros (de 2017) permite o comércio de lanches e salgados, doces e bebidas e seu alvará na época saía pelo valor de R\$ 182,20. Já o edital para comércio ambulante nas praias permite, pelo período de 4 meses, o comércio de água de coco, empada, picolé, bebidas, choripán, açaí, artigos de praia, entre outros. Segundo o Edital No 007/PMF/SMSP/SUSP/2020 a taxa para o alvará de água de coco, por exemplo, é de R\$ 1.409,18 por ambulante. O edital de finados autoriza, por sua vez, o comércio ambulante em frente aos cemitérios pelo período de 5 dias e permite o comércio de velas, flores (naturais e artificiais), cachorro quente, pipoca, água e refrigerante. Neste caso, a taxa do alvará é de R\$ 101,35 por ambulante.

A Edite, que hoje vende meias, máscaras e panos de prato, trabalha como comerciante ambulante há mais de 30 anos e já trabalhou em quatro cidades diferentes. Apesar das atividades do comércio de rua serem antigas e cumprirem um importante papel no mercado de trabalho, carecem de reconhecimento pelo poder público. O comércio de rua promove os mais variados tipos de trocas no espaço público e suas atividades são realizadas de forma atenciosa, potencializando relações que são próprias da vida em coletivo. Afinal, quem conseguiria imaginar uma cidade sem comércio de rua?

balões; torres, arcos,
buquês¹

1 Torres comprimidas entre promoções de máquinas de lavar e geladeiras; arcos emoldurando a entrada das lojas; buquês infláveis carregados por comerciantes; aglomerados de balões descartados nas lixeiras; buquês de balões carregados em carrinhos de supermercados; soltos voando sozinhos; mais ou menos murchos e capengas - todo dia era dia de festa.

palos; jores; sticos pudés

...

...

...

fiesta do consumidor



...



festa do consumidor

O aniversário é nosso, mas quem ganha o presente é você! Durante o ano todo os estabelecimentos comerciais no centro de Florianópolis enfeitam a fachada de suas lojas com arcos, torres e buquês de balões. Esses balões parecem comemorar o que poderia ser a festa do consumidor que, se tivesse um slogan sincero, seria algo como: "festa do consumidor: a festa é sua e quem paga pelo presente é você!".

Os arcos são feitos, geralmente, por uma empresa especializada que semanalmente monta-os de acordo com a data comemorativa. E, não se engane, toda semana há motivos para comemorar liquidando e economizar comprando.

Vermelho e rosa no mês dos namorados, tons pastéis e divertidos para o mês das crianças, rosa no mês da mulher, verde e vermelho no natal, laranja preto e roxo no dia das Bruxas, e mais recentemente verde e amarelo no mês da independência.

A minha surpresa foi quando, pela primeira vez, encontrei os balões em verde e amarelo na véspera da eleição de 2018. Ainda consigo ver a torre de balões com uma bandeirinha do Brasil fixada no seu topo junto de um cartaz escrito "É BARATO! É BARATO! É AQUI!" ao mesmo tempo em que assimilava essa imagem ouvia ao fundo: "Compro bem pago bem no ouro!".

Depois de um tempo fotografando esses balões resolvi selecionar um conjunto de dezenove fotografias que registravam segmentos de arcos de balões para experimentar alguma montagem que me remetesse a tal festa do consumidor. Em uma folha de papel 40x60, dispus as dezenove fotografias formando juntas um mini arco de balões completo - feito com pequenos segmentos de arco. Parecia a porta de entrada para a "festa do consumidor".

No mesmo período estava fazendo a oficina "Intervenção Urbana:

Meio Materialidade Trocas¹ ministrada pela Julia Amaral que tinha como proposta conversas sobre produções artísticas orientadas para lugares específicos (site specific) e a realização de uma intervenção no espaço público. Na conversa sobre as proposições, levei para o grupo o meu mini-arco de balões e a partir das trocas pensamos no projeto de aumentar a escala das fotografias para a escala um pra um e com lambe colar no espaço público.

Montei "festa do consumidor" pela primeira vez na entrada da exposição "Cidades Ambulantes"², em lambe, como uma forma de testar a montagem do arco e de abrir um portal para a exposição. Fizemos uma cópia das fotografias com a intenção de colar no espaço público mas sigo buscando encontrar um lugar.

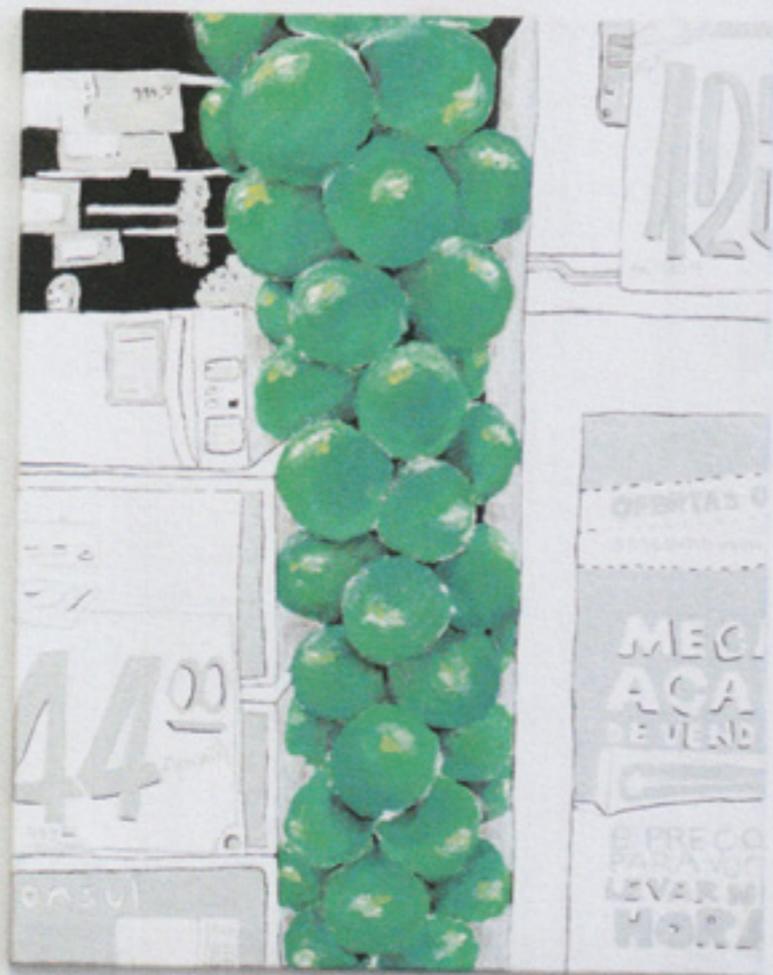
ofertas esmagadoras³

1 Realizada através do projeto Escola do "Arquivo Abreviado", iniciativa do artista Jorge Bucksdricker.

2 exposição multimídia, curadoria de Gabi Bresola, selecionada no edital rede Sesc-sc de galerias 2020, com exibição no Centro Cultural Vidal Ramos, Lages / SC.

3 2021, pintura, acrílica sobre tela, 48 x 60 cm





desaniversário / fim de festa

Não esqueço a vez que a Davina, minha professora de Português na oitava-série, no momento da comemoração do seu aniversário, no fim do parabéns, falou "Viva! Um ano a menos". No começo estranhei, mas depois percebi que de fato, fazer aniversário é fazer "um ano a mais" e também "um ano a menos", depende de onde se conta.

Em 2018, no dia do resultado das eleições, para algumas as minorias, a sensação era de alguns anos a menos. Nesse dia, encontrei um arranjo de balões perdidos pela casa, resto de alguma festa que não havia participado. Cobri meu corpo com os balões e através



queria ser aquela
e procurava levar

de "Espacialidades
nas fotografias de
corpo embrulhado
novos, dependendo
e confundir com o
mento, que estava
mentar novamente

a realizando uma
o grupo em 2018
paisagens: corpos
tão as conversas
o com o grupo no
as e informações

em São Paulo, que se
também à intervenção



fim de festa ¹

www.vimeo.com/579151305

¹ Assessoria de pesquisa: Elaine Nascimento
Produção: Gabi Bresola / Ombu produção
Edição de Vídeo e registro fotográfico: Juliano Ventura

desaniversário / fim de festa

Não esqueço a vez que a Davina, minha professora de Português na oitava-série, no momento da comemoração do seu aniversário, no fim do parabéns, falou "Viva! Um ano a menos". No começo estranhei, mas depois percebi que de fato, fazer aniversário é fazer "um ano a mais" e também "um ano a menos", depende de onde se conta.

Em 2018, no dia do resultado das eleições, para algumas as minorias, a sensação era de alguns anos a menos. Nesse dia, encontrei um arranjo de balões perdidos pela casa, resto de alguma festa que não havia participado. Cobri meu corpo com os balões e através do movimento fiquei experimentando o que poderia ser aquela sensação de desaniversário ao mesmo tempo que procurava levar ela para outro lugar.

Em 2021, durante o processo da pesquisa de "Espacialidades Ambulantes", vinha trabalhando com o arquivo das fotografias de balões, buquês arcos e torres. A imagem de um corpo embrulhado por balões vira e mexe voltava nos meus arquivos, dependendo do ângulo da foto um buquê de balões poderia se confundir com o corpo de alguém. Em conversas com Elaine Nascimento, que estava assessorando a pesquisa, decidi que queria experimentar novamente embrulhar o corpo com balões.

No mesmo período, o grupo Meio¹ também estava realizando uma pesquisa envolvendo o corpo e balões. Conheci o grupo em 2018 quando participei da residência artística "Corpos paisagens: corpos que atravessam os fluxos da cidade" e desde então as conversas seguem reverberando. Voltei a entrar em contato com o grupo no contexto dessa nova pesquisa e trocamos ideias e informações sobre as dança/performances.

¹ O "grupo Meio" é um grupo de artistas, residente em São Paulo, que se dedica a pensar a dança no campo ampliado associada também à intervenção urbana, a arquitetura e ao espaço público.

A performance audiovisual "Contorno do corpo" é resultados dessas investigações. Ela parte do meu desejo de trazer a pesquisa pro corpo, experimentar uma outra densidade e qualidade de escuta e movimentar algo daquela atmosfera de 2019 que ainda se perpetuava em 2021, agora somada à uma pandemia. O trabalho consiste em uma performance orientada para vídeo, na qual embrulho meu corpo com balões e realizo um percurso coreográfico composto por momentos de trepidação, giro e queda - que se relaciona com elementos e conceitos da minha pesquisa em diálogo, também, com a pesquisa na residência "Extensões Corporais" do Grupo Cena 11² e do artista Diego de Los Campos.

O giro como ativação para o labirinto, a possibilidade de perder a noção do espaço como impregnação de corpo/ espaço através do movimento, a presença do ar dos balões embrulhando o corpo, a atrito com a pele e os ruídos.

Para realizar esse percurso, dediquei seis semanas de exercícios diários, trepidando e girando no meu quarto. Era período de isolamento social, então os exercícios me entretinham e me possibilita ter uma outra experiência espacial do confinamento. Na ocasião da gravação da performance, no campus da UFSC, contei com o apoio e o ar de Elaine Nascimento, Gabi Bresola e Juliano Ventura que encheram os balões e participaram das captações de vídeo.

Contorno do corpo foi uma primeira experimentação (foi tudo muito rápido) e gostaria de fazer o trabalho novamente aproveitando para mudar o seu título para "fim de festa".

Todo fim de festa faziam uma festa para estourar os balões no fim da festa

² O GRUPO CENA 11 CIA. DE DANÇA, radicado em Florianópolis desde 1992, desenvolve e compartilha ferramentas técnicas fundamentadas nas relações entre corpo, ambiente, sujeito e objeto.

tranco¹

¹ terminou no tranco
- como começou no arranque

no final talvez o tempo tenha passado mais rápido pela expectativa da chegada ao fim ou talvez já era fim desde que começou (mas não é como se eu não soubesse que chegaria até aqui), terminou no tranco porque puxei a cordinha em cima do ponto tinha decidido mais cedo: quando o tempo acabar eu paro e, talvez por isso, não tenha ensaiado um fim longo e conclusivo porque quis pegar uma fatia de processo e porque entendi que o caminho não estava ultrapassado, mas contido no corpo...

ainda assim, me pergunto:
a que ponto chegamos motorista?



FRANCO

LARGARRASTROS

LARGARRASTROS

SODIUMVERRUÍDOS

LARGARRASTROS

SODIUMVERRUÍDOS





referências

AMARAL, Julia Ancona do. **De um animal para outro**. 2022. 1 recurso on-line (189 p. Tese (Doutorado)-Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Design e Moda, Doutorado em Artes Visuais, Florianópolis, 2022. Disponível em: <http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/0000a2/0000a203.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2023.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Tradução de: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHATEAUBRIAND, Museu de Arte de São Paulo Assis. **Helio Oiticica a dança na minha experiência**. São Paulo: Masp, 2020.

CHATEAUBRIAND, Museu de Arte de São Paulo Assis. **Trisha Brown: coreografar a vida**. São Paulo: Masp, 2020.

FERVENZA, Hélio. **Considerações da arte que não se parece com arte**. PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais, [S.l.], v. 13, n. 23, abr. 2012. ISSN 2179-8001. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27922/16530>>. Acesso em: 02 out. 2020.

GIL, José. **Abrir o corpo**. In: FONSECA, Tania Mara Galli; ENGELMAN, Selda. **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: Ed. Ufrgs, 2004. p. 1-13.

JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008 / 2007. <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>.

LEPECKI, André. **Corepolítica e coreopolícia**. *Revista Ilha*, v. 13, n. 1, p. 41-60, jan/jun. (2011) 2012.

MAIA, Ana Maria (org.). **Arte-veículo (Catálogo de exposição)**. São Paulo: Sesc São Paulo, 2019.

MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington. **Atlas Ambulante**. Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas, 2011.

MEIRELES, Cildo. **Inserções em circuitos ideológicos**. In: Cildo Meireles. Cidade do México: Alias, 2010. pp.140-149.

MILLER, Jussara. **A escuta do corpo**: sistematização da técnica klaus vianna. São Paulo: Summus Editorial

MONTEMEZZO, João Felipe Reginatto; VENTURA, Juliano Menegaes; TUTIDA, Nara Beatriz Milioli. **Jornal do Itacorubi: jornal de bairro como tática para proposição artística de intervenção urbana**, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1822-1837.

NASCIMENTO, Elaine Cristina Maia. **Urbgrafias**:: pensar no espaço da cidade que o corpo faz. 2019. 168 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

NASCIMENTO, Elilson. **Mobilidade [inter]urbana-performativa**. Rio de Janeiro: Rumos Itaú Cultural, 2019.

NANCY, Jean-Luc. **À escuta**. Belo Horizonte: Edição e s Chão da Feira, 2014.

OBICI, Giuliano Lamberti. **Condição da escuta**: mídias e territórios sonoros. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

OBICI, Giuliano Lamberti. **Gambiarra e experimentalismo sonoro**. 2014. Tese (Doutorado em Musicologia) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.27.2014.tde-30102014-153449. Acesso em: 2023-07-04.

REBOUÇAS, Júlia (org.). **Entrevendo. Cildo Meireles**. São Paulo: Sesc Pompeia, 2019. MEIRELES, Cildo. **Inserções em circuitos ideológicos**. In: Cildo Meireles. Cidade do México: Alias, 2010. pp.140-149.

PEREC, Georges. **Especies de espacios**. Barcelona: Ed. Montesinos, 2001.

PIMENTEL, Luiz Otávio; PAPE, Lygia; PEDROSA, Mario. **Lygia Pape**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983. 47p. (Arte brasileira contemporânea).

ROLNIK, Suely. **O corpo vibrátil de Lygia Clark**. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3004200006.htm>. Acesso em: 13 mar. 2021.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999

STOLF, Maria Raquel da Silva. **Entre a palavra pênsl e a escuta porosa [investigações sob proposições sonoras]**. T e s e (Doutorado em Artes Visuais). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. (com CD de áudio).

___ **Sob(re) publicações sonoras e processos de escutas, entre desdobramentos**. In: 27o Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2019, São Paulo. ANAIS DO XXVII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS. São Paulo: UNESP, INSTITUTO DE ARTES, 2019. v. 1. p. 1301-1312.

VENTURA, Juliano Menegaes. **Achar um lugar**. 207 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Mestrado em Artes Visuais, Florianópolis, 2016

TABORDA, Tato. **RESSONÂNCIAS: vibrações por simpatia e frequências de insurgência**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2021.

WRIGHT, Stephen. **Para um léxico dos usos**. Tradução de: Julia Ruiz Do Giovanni. São Paulo: Aurora, 2016.

XAVIER, Juçara Janning. **Grupo Cena 11 dançar é conhecer**. Florianópolis: Annablume, 2015.

